



Universidades Lusíada

Braddell, Bruno Robim Empis Lee, 1987-

Pátio, como modo de construir

<http://hdl.handle.net/11067/887>

Metadata

Issue Date 2014-05-21

Abstract A presente dissertação pretende mostrar o pátio, como modo de construir. Tomando como exemplo diversas escalas a presente dissertação tem como objetivo mostrar este modo de construir tão transversal ao longo da história da arquitetura. Olhando através de várias experiências e de vários exemplos, deixamos o nosso olhar prender-se com três momentos distintos e apartir desses momentos damos início à construção do nosso imaginário do projeto....

Keywords Pátios, Pátios - História, Casas com pátio

Type masterThesis

Peer Reviewed No

Collections [ULL-FAA] Dissertações

This page was automatically generated in 2022-07-22T04:59:44Z with information provided by the Repository



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Faculdade de Arquitectura e Artes

Mestrado integrado em Arquitectura

Pátio, como modo de construir

Realizado por:

Bruno Robim Empis Lee Braddell

Orientado por:

Prof. Doutor Arqt. Bernardo d'Orey Manoel

Constituição do Júri:

Presidente: Prof. Doutor Arqt. Joaquim José Ferrão de Oliveira Braizinha
Orientador: Prof. Doutor Arqt. Bernardo d'Orey Manoel
Arguente: Prof. Doutor Arqt. Fernando Manuel Domingues Hipólito

Dissertação aprovada em: 14 de Maio de 2014

Lisboa

2014



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A D E L I S B O A

Faculdade de Arquitetura e Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Pátio, como modo de construir.

Bruno Robim Empis Lee Braddell

Lisboa

Abril 2014



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A D E L I S B O A

Faculdade de Arquitetura e Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Pátio, como modo de construir.

Bruno Robim Empis Lee Braddell

Lisboa

Abril 2014

Bruno Robim Empis Lee Braddell

Pátio, como modo de construir

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura.

Orientador: Prof. Doutor Arq. Bernardo d'Orey Manoel

Lisboa

Março 2014

Ficha Técnica

Autor Bruno Robim Empis Lee Braudel
Orientador Prof. Doutor Arq. Bernardo d'Orey Manoel
Título Pátio, como modo de construir
Local Lisboa
Ano 2014

Mediateca da Universidade Lusíada de Lisboa - Catalogação na Publicação

BRADDELL, Bruno Robim Empis Lee, 1987-

Pátio, como modo de construir / Bruno Robim Empis Lee Braddell ; orientado por Bernardo d'Orey Manoel. - Lisboa : [s.n.], 2014. - Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

I - MANOEL, Bernardo de Orey, 1969-

LCSH

1. Pátios
2. Pátios - História
3. Casas com pátio
4. Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Arquitectura e Artes - Teses
5. Teses - Portugal - Lisboa

1. Courtyards
2. Courtyards - Houses
3. Courtyard houses
4. Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Arquitectura e Artes - Dissertations
5. Dissertations, Academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. NA2858.B73 2014

Ao meu pai,

Desenhar, desenhar, desenhar... só assim
nós podemos ser melhores arquitetos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus Pais pelo apoio incondicional, especialmente na minha formação pessoal extra faculdade.

Às minhas três irmãs, Madalena, Marta e Pidó obrigado pela vossa paciência.

À Filipa e Ziti, por me acompanhar ao longo deste momento e dos que se lhe seguem.

Ao Gonçalo, por todo o apoio e disponibilidade

A todos os amigos que transformaram o percurso académico numa época memorável.

Ao professor Bernardo d'Orey Manoel, um agradecimento especial pela disponibilidade constante e, essencialmente, pela partilha de conhecimento e experiência que, ultrapassando o âmbito da arquitetura, valorizam a minha formação pessoal enquanto pessoa.

APRESENTAÇÃO

Pátio como modo de construir.

Bruno Robim Empes Lee Braddell

A presente dissertação pretende mostrar o pátio, como modo de construir. Tomando como exemplo diversas escalas a presente dissertação tem como objetivo mostrar este modo de construir tão transversal ao longo da história da arquitetura. Olhando através de várias experiências e de vários exemplos, deixamos o nosso olhar prender-se com três momentos distintos e a partir desses momentos damos início à construção do nosso imaginário do projeto.

Palavras-chave: Pátio, peristilo, Árabe, Romano-Grego.

Presentation

Architecture revisited:

Courtyard, a way of building.

There are many ways of building in architecture. Since the beginning of time the man has used several different ways of modeling the space being the courtyard one of the most famous and universal ways of building.

This work is journey through the ancient styles of building in courts. I choose the Arabic and traditional ways of building which we thought was more relevant for my final work, always looking first for the space generated by the court rather than its decoration.

Keywords: Courtyard, peristyle, Roman-Greek

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1- Claustro do convento dos cardais. (imagem nossa 2011)	17
Ilustração 2- A casa de Priene. (capitel,2005,p12).....	21
Ilustração 3- a casa Romana, Pompeia. (Capitel,2005,p13)	22
Ilustração 4- Villa Romana de Volúbilis. (capitel,2005,p19).....	23
Ilustração 5- Pátio das laranjeiras, mesquita de Córdoba (Imagem nossa 2011)	24
Ilustração 6- Claustro de Vila Viçosa (Imagem nossa 2011)	25
Ilustração 7- Claustro do Palácio Pitti, Florença (Imagem nossa 2013)	26
Ilustração 8 - vista do claustro grande de Scala Coeli. (Imagem nossa 2011) .	33
Ilustração 9 - Vista do interior da galeria do claustro. (Imagem nossa 2011) ...	34
Ilustração 10 - Vista do claustro das capelas. A ambiência sentido dentro do claustro. (Imagem nossa 2011)	35
Ilustração 11- Vista da prespetiva do interior de uma cella dos monges (Imagem nossa 2011).....	36
Ilustração 12 - vista do final de tarde no claustro no claustro principal. (Imagem nossa 2011).....	37
Ilustração 13- vista do claustro do convento dos capuchos. (Imagem nossa 2011)	38
Ilustração 14 - vista do interior do convento do Varatojo. (Imagem nossa 2011)	39
Ilustração 15--imagem nossa- vista interior do Calustrinho do convento da Madre Deus em Lisboa	40
Ilustração 16 - vista esquiço do interior do convento de Santos o Novo em Lisboa. (Imagem nossa 2013)	41
Ilustração 17- vista da piazza del Campo em Siena. (Imagem nossa 2013) ...	42
Ilustração 18-- vista da praça da reconciliação em Santiago de Compostela. (Imagem nossa 2011).....	43
Ilustração 20- planta da casa da Erétria. (Capitel,2005)	48
Ilustração 21 - A casa de Deles. (Capitel, 2005)	49
Ilustração 22 - Prespetiva de uma casa Grega. (Capitel, 2005).....	51
Ilustração 23 - Vista de um pátio Grego (Capitel, 2005).....	52
Ilustração 24 - Vista panorâmica do Alcazar e Alhambra. ((Imagem nossa 2013)	56
Ilustração 27 - jogo de água no Generalife. (Imagem nossa 2013).....	59
Ilustração 28- vista do pátio dos Arreyes. (Imagem nossa 2013).....	60
Ilustração 29- planta do palácio Alhambra. (Jones 1911).....	61
Ilustração 30- Aspeto geral do pátio dos Arreyes, Atmosfera e Ambiente. (Imagem nossa 2013).....	62
Ilustração 31- aspeto do pátio dos Arrayes, em evidência a Torre Comares. (Imagem nossa 2013).....	63
Ilustração 32- o espelho de água do pátio dos Arrayes (Imagem nossa 2013)	64
Ilustração 33 - pormenor do circuito de água numa das salas do Alhambra. (Imagem nossa 2013).....	66
Ilustração 34- Vista do pátio dos leões (Imagem nossa 2013).....	67

Ilustração 35 - Pátio dos leões (Imagem nossa 2013)	68
Ilustração 36- o pátio dos leões (Imagem nossa 2011).....	69
Ilustração 37- a floresta de colunas no pátio dos leões (Imagem nossa 2013) 70	
Ilustração 38- aspeto geral do Alhambra no cimo da colina "la Sabika"(Imagem nossa 2013).....	71
Ilustração 39- pátio mexuar, vista noturna. (Imagem nossa 2013).....	72
Ilustração 40- pormenor da bica no pátio dos Arrayes (Imagem nossa 2013) .	73
Ilustração 41- o Alhambra à noite, um experiência única. (Imagem nossa 2013)	75
Ilustração 42- o triangulo Andaluz e os pátios de Medinat Al Zahara. (Imagem nossa 2013).....	76
Ilustração 43- imagem tirada do livro “Pátio cordoveses” os vazios nucleares de Córdoba(Giménez,2001).....	79
Ilustração 44 - Pátio das laranjeiras. (Imagem nossa 2013).....	81
Ilustração 45- Imagem Nossa, O pátio das laranjeiras.....	83
Ilustração 46- o Pátio de entrada em Medinat Al Zarha (Imagem nossa 2011) 85	
ILUSTRAÇÃO 47- AS CASAS DE MEDINAT AL ZAHARA (Imagem nossa 2011).....	86
Ilustração 48- Campos das cebolas. (Imagem nossa 2011).....	88
Ilustração 49 -skyline de Lisboa, Referências e marcos territoriais. (Imagem nossa 2011).....	89
Ilustração 50 - Vista para o cais das colunas e praça do comércio. A importância dos marcos visuais acabou por ser um ponto em ter em conta no projeto (Imagem nossa 2011).....	90
Ilustração 51 - Largo chafariz de dentro (Imagem nossa 2011)	92
Ilustração 52 - Ruas de Alfma. (Imagem nossa 2011)	93
Ilustração 53-Praça do comércio e envolvente. (Imagem nossa 2011).....	93
Ilustração 54 - esquema das diferentes cotas dos pátios. Composição esquemática. (Imagem nossa 2011)	95
Ilustração 55 - planeamento esquemático do pátio. (Imagem nossa 2011) ...	96
Ilustração 56- esquiço inspirado nas termas romanas de Bath (Imagem nossa 2011)	97
Ilustração 57 - tanque principal das termas de Bath (Imagem nossa 2011).....	98
Ilustração 58-Imagem nossa, prespetiva e estudo de alçado e escala (Imagem nossa 2011).....	99
Ilustração 59-Imagem nossa, prespetiva estudo de alçado e torre(Imagem nossa 2011).....	99
Ilustração 61 - imagem nossa, estudo de uma prespetiva espacial.da praça e torre de saltos.....	100
Ilustração 62- prespectiva da vista da arcada. (Imagem nossa 2011)	101
Ilustração 63- prespetiva claustro do hotel de cinco estrelas (Imagem nossa 2011)	101
Ilustração 64- eixo visual , prespectiva vista da arcada. (Imagem nossa 2011)	102
Ilustração 65- prespectiva e estudo de alçado para o hotel de cinco estrelas. (Imagem nossa 2011).....	103
Ilustração 66- estudo e prespetiva do hotel de duas estrelas, campo das cebolas. (Imagem nossa 2011)	104
Ilustração 67- esquiço final. Vazio Vs Cheio. (Imagem nossa 2011).....	105

SUMÁRIO

1. Introdução	17
2. Pátio e Homem	19
2.1 Pátio e história	19
2.2 Pátio e escala	29
2.3 Pátio e experiencia.....	32
3. Três referências, três escalas três funções.	43
3.1. A Casa Pátio no período clássico Grego e Romano.	43
3.2. O pátio e Alhambra.....	56
3.3. As cidades Pátio.....	76
4. Pátio e projeto	88
4.1. Pátio e o lugar.....	88
4.2 Pátio e composição.....	95
4.3 Pátio e projeto.....	105
5. Conclusão	108

1. INTRODUÇÃO

Pátio como modo de construir, o quê?

A casa pátio é o sistema construtivo transversal a todas as culturas. O modo de projetar o pátio é comum e aos diversos estilos de arquitetura e a variados momentos da história da arquitetura.

Como iremos mostrar o pátio é mais do que um simples vazio no meio do edificado de uma casa, ele é o vazio nuclear, uma sala sem teto que se revela como o centro de uma habitação ou de espaço.

Um espaço, um lugar. Capaz de propor mil e uma lógicas de pensar a arquitetura. O pátio é acima de tudo uma composição espacial.

Detentor de variadíssimas hipóteses o pátio possui uma linguagem universal, a sua única regra é ser um elemento organizador do espaço. É um elemento gerador de um espaço sobre o qual a casa se desenrola é o coração do projeto.

A presente dissertação pretende ser um estudo de como a casa pátio foi uma influência para a criação do projeto final.

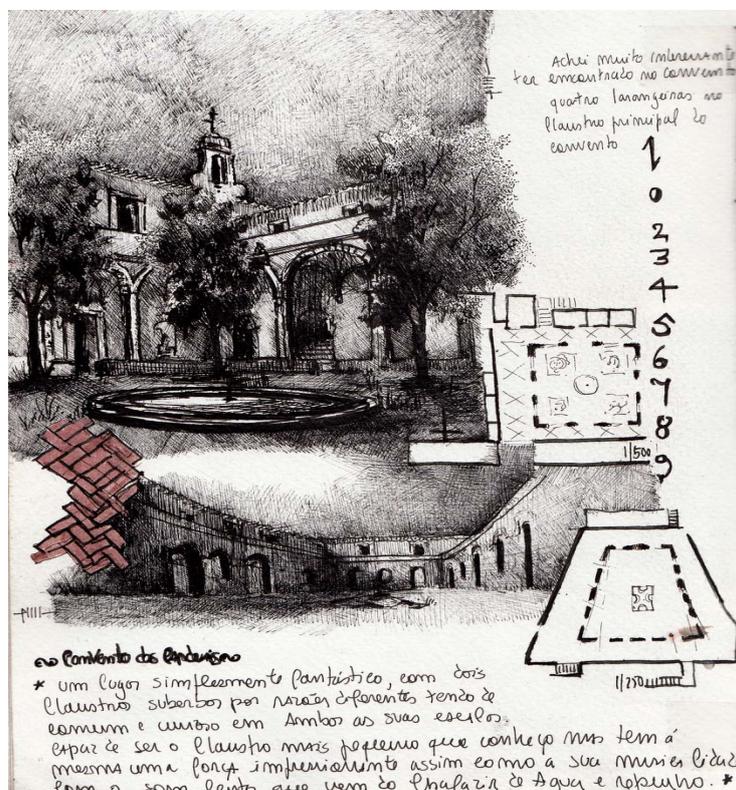


Ilustração 1- Claustro do convento dos cardais. (imagem nossa 2011)

Para uma melhor compreensão do tema a dissertação encontra-se dividida em três momentos. Num primeiro momento procuramos estabelecer uma ligação lógica entre o Homem e o pátio, através da história, experiência e da escala. Em seguida partimos para a escala da dimensão humana. Procuramos através de três casos de estudo criar elos de ligação que fossem capazes de demonstrar determinadas nuances do nosso projeto. Por final a materialização de uma experiência vivida e sentida deu lugar à criação de um projeto.

2. PÁTIO E HOMEM

2.1 PÁTIO E HISTÓRIA

[...] El pátio no es tan sólo un elemento totalmente principal en la historia de la arquitectura, desde la antigüedad hasta la edad moderna, como todos sabemos; es también la base de un verdadero sistema de composición, el soporte de un modo de proyectar tan universal como variado. [...] (Capitel, 2005, p.6)

O Homem adaptou-se, desde sempre, ao ambiente que o rodeava. A boa relação com o meio envolvente revelou-se, assim, essencial à sua sobrevivência. 1 “No passado, a sobrevivência dependia de uma boa relação com o lugar, tanto em termos físicos como psíquicos” (Norberg-Schulz, 1979, p. 50). Com o nascimento da sociedade, procurou consecutivamente o melhor modo de responder às necessidades básicas de sobrevivência, abrigando-se em cavernas que se tornaram as suas fortalezas.

Com a sedentarização chegou a necessidade de estabelecer prioridades no processo construtivo de uma habitação. A casa ganhou, nesta fase da história, os princípios essenciais para a sua verdadeira razão de existir. Um abrigo “[...] que ofereceu refúgio não só físico, mas também psicológico. Foi um guardião de identidade.” (Botton, 2013, p. 10). A casa é o reflexo da nossa identidade do nosso íntimo. “Que a casa seja para uns, simples ninhos para outros, palácio, baluarte, ou choupana – façamo-la verdadeiramente nossa, reflexo da nossa alma, moldura da nossa vida que nos é destinada.” (Lino, 1965 p.8)

Pensar a casa não é um processo estático. Não se limita à efemeridade do momento de conceção de projeto, nascendo de uma vivência, de uma experimentação de sensações. Constitui uma idealização do nosso imaginário no que diz respeito ao conforto e à segurança. O paralelismo e a reflexão acerca da cidade acontece precisamente do mesmo modo. O que muda é a escala a que pensamos, visto que pensamos para o mesmo utilizador, o Homem. O essencial é lembrarmo-nos da nossa condição humana e, pensando no Homem, o nosso contributo para a vida e para a sociedade estará sempre correto.

A casa é então pensada, imaginada e construída no nosso imaginário tendo em conta todas as condicionantes. É neste sentido que podemos afirmar que, não havendo pessoas iguais, também as casas apresentam necessidades e características distintas. Todas as casas apresentam, deste modo, elementos que as tornam únicas. A casa é sempre o nosso verdadeiro lugar, onde nós pertencemos.

É precisamente neste contexto que consideramos essencial introduzir uma solução arquitetônica habitacional transversal a todas as civilizações e momentos da história da humanidade, a casa pátio.

A casa pátio materializa um modo de habitar, uma maneira de viver o espaço. É um sistema arquitetônico cujo coração é um vazio nuclear em torno do qual a casa nasce, organizando-se. À sua volta existem, assim, os órgãos essenciais ao seu funcionamento. Salas, quartos e zonas húmidas estão dispostos segundo a sua importância.

Seria possível abordar diversos tipos de casa pátio, nomeadamente a tipologia da casa egípcia, mesopotâmica ou até mesmo a casa tradicional japonesa no entanto esse estudo desviar-nos-ia do tema essencial da presente dissertação. O principal objetivo do trabalho é fechar a janela de casos de estudo, focando em apenas alguns exemplos edificadas na Península Ibérica.

Interessa-nos, no entanto, incidir levemente sobre a história da casa pátio, enquadrando os casos de estudo mais tarde abordados, assim como o projeto desenvolvido. A história é o reflexo da nossa existência e do nosso modo de habitar, sendo essencial mencionar o contexto em que surge a referida tipologia, justificando a sua escolha e verificando a sua evolução com e para o Homem.

Ao longo dos séculos a arquitetura do pátio/claustro foi sempre evoluindo à medida do Homem que, enquanto construtor de espaço, projetava no sentido de potenciar a sua qualidade de vida. Assim para além de constituir um abrigo, a casa pátio revela-se capaz de dialogar¹, falando-nos “[...] daquilo que achamos importante e do que precisamos que nos recordem.” (Botton, 2013, p. 70)

Numa época antes do período clássico, o pátio surge materializado nas margens do mediterrâneo como um novo elemento arquitetônico, revolucionando lentamente o modo como a sociedade se relacionava. Surge, primeiro, em locais públicos, em forma de grande praça, marcando normalmente o centro da cidade. Mais tarde surge, de modo mais consistente, ao longo das várias civilizações em torno do mediterrâneo, do Egípto² às cidades da Mesopotâmia³ passando pelos Fenícios⁴, Cartagineses⁵ e Gregos.

¹ “Numa sugestão mais abrangente, John Ruskin propôs que procurássemos duas coisas nas nossas construções. Queremos que elas nos abriguem e queremos que elas nos falem [...]” (Botton, 2013, p. 70)

No ocidente o pátio era, inicialmente, projetado e pensado de forma muito básica e rudimentar. No entanto, com a civilização Grega⁶, ganha um novo papel na organização espacial da casa. Na civilização grega o pátio encontra a sua verdadeira essência. [...]” El patio es un lugar al aire libre completamente propio, privado, interior, y ésta es su esencia”[...]”(Capitel, 2005, p12) .

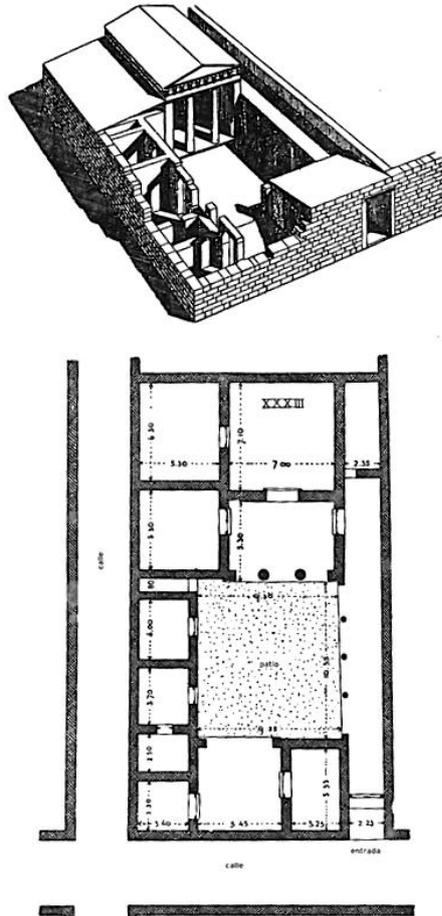


Ilustração 2- A casa de Priene. (capitel,2005,p12)

²O Egipto é uma das grandes civilizações do mediterrâneo. Na sua arquitetura o pátio era um dos sistemas espaciais mais usados. Os templos são característicos das monarquias média e recente. Apresentam forma tripartida: pátio colunado, salas hipostilas e santuários. Podem ser aparentes, semi-enterrados (hemispéus) ou no subterrâneos (spéus).

³ A mesopotâmia é um dos berços da civilização ocidental. É o local on de encontramos os primeiros vestígios da casa pátio primitiva.

⁴ foi uma antiga civilização cujo epicentro se localizava no norte da antiga Canaã, ao longo das regiões litorâneas dos atuais Líbano, Síria e norte de Israel. A civilização fenícia foi uma cultura comercial marítima empreendedora que se espalhou por todo o mar Mediterrâneo (in Wikipédia)

⁵ A civilização cartaginesa ou civilização púnicant ¹ foi uma civilização da Antiguidade que se desenvolveu na Bacia do Mediterrâneo entre o fim do século IX a.C. e meados do século II a.C. e esteve na origem de uma das maiores potências comerciais e militares do seu tempo.(in Wikipédia)

⁶ A primeira grande civilização a usar o pátio como um elemento de construção espacial no mundo ocidental.

Mais tarde já, com o domínio Romano e com algum crescimento cultural acentuado, surge de um modo concreto na lógica e tipologia da casa pátio. Era raro haver existir uma villa romana sem pátio mas muito frequente haver mais do que um. O peristilo⁷ foi uma evolução espacial no pátio, criada pelo romano que veio trazer uma nova maneira de viver o espaço.

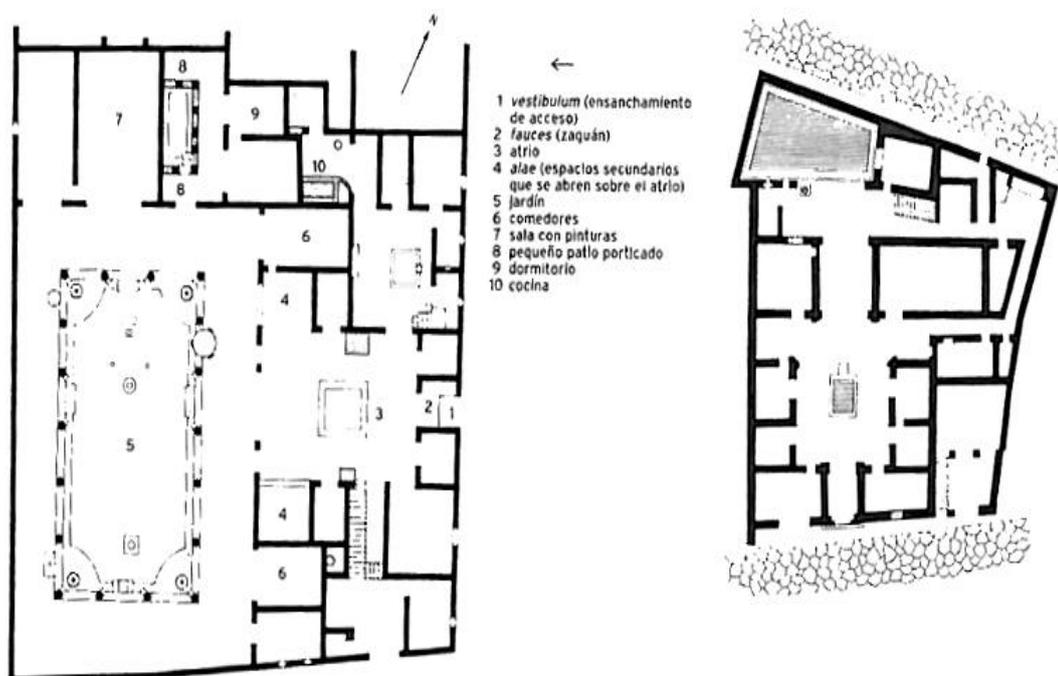


Ilustração 3- a casa Romana, Pompeia. (Capitel,2005,p13)

7 É o nome que se dá ao pátio criado pelos romanos. É uma evolução natural do pátio primitivo

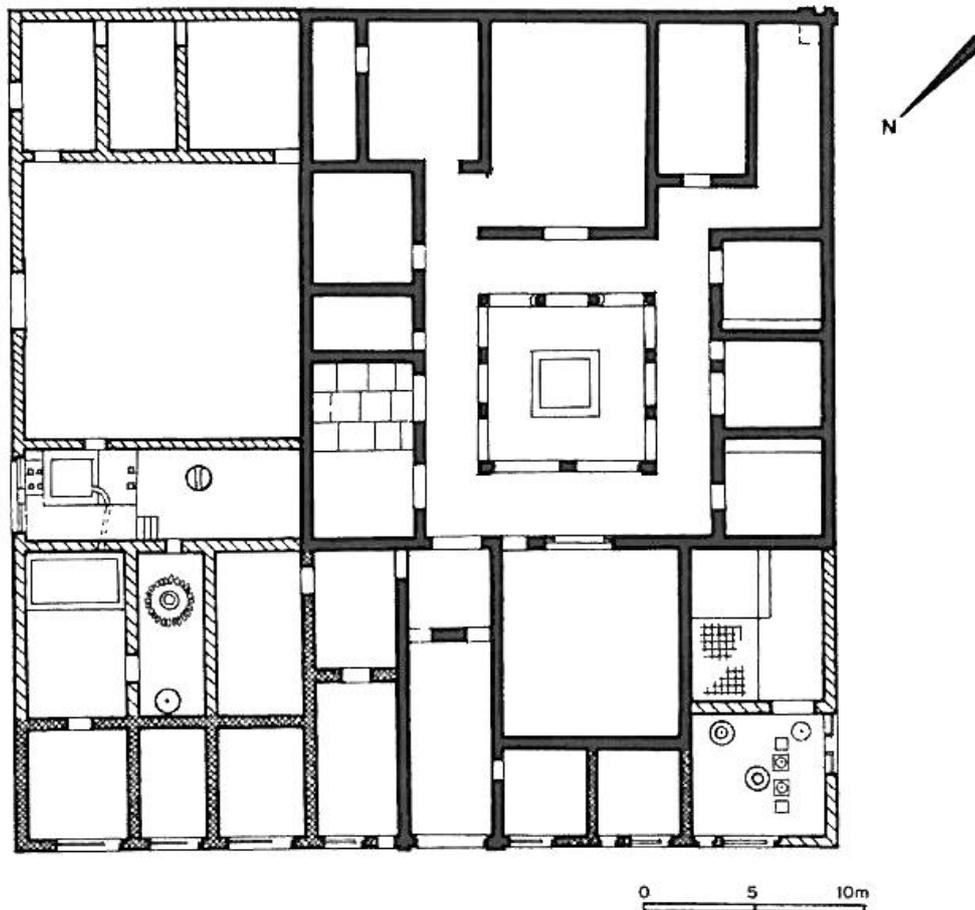


Ilustração 4- Villa Romana de Volúbilis. (capitel,2005,p19)

Com o declínio do império romano do ocidente surge na história um período bastante confuso, no qual a arquitetura passou para segundo plano. Entre guerras e conquistas deu-se o crescimento exponencial dos califados árabes. Houve numerosas incursões pelo norte de África e pelo sul da Europa, estabelecendo-se na Península Ibérica⁸.

Os árabes eram, de facto, um povo conquistador, à semelhança dos romanos. Ambas as civilizações apresentavam pontos comuns, nomeadamente no que diz respeito a assuntos diretamente relacionados com o Homem. Eram povos riquíssimos e possuidores de um vasto conhecimento ao nível da ciência e da arte. Assim, se consideramos que os romanos nos deixaram um enorme legado, é importante perceber que os árabes em nada ficam atrás. Do mesmo modo que os romanos usavam a casa pátio, os árabes eram igualmente exímios na arte de bem projetar. De

⁸ É composta por Portugal e Espanha, para quem vem de África é a porta de entrada na Europa.

Granada a Córdoba, de Sevilha a Medinat Al-Zahara⁹ existem construções que testemunham precisamente a mesma filosofia e o mesmo modo de pensar. Em qualquer destas quatro cidades é mais do que evidente o conceito da cidade pátio.



Ilustração 5- Pátio das laranjeiras, mesquita de Córdoba (Imagem nossa 2011)

Com o expulsar dos árabes e com alguns cortes em relação às heranças do império romano, a Europa entra em rotura. Na verdade já bem assente nos ideais católicos assistimos a um retroceder no modo como a sociedade se relacionava. Se anteriormente assistíamos a um equilíbrio na aplicação do conhecimento arquitetónico, agora em plena idade média esses mesmos recursos arquitetónicos eram apenas postos ao serviço da Igreja.

Do norte ao sul da Europa, houve um explodir de ordens religiosas¹⁰. Foram construídas grandes abadias, mosteiros, conventos e catedrais em nome da Fé cristã.

⁹ Cidades que embora não fossem fundadas por Árabes foram grandes centros de evolução arquitetónica da cultura Árabe. São as cidades pátio que mais à frente iremos estudar.

¹⁰ O aparecimento de muitas ordens religiosas fez com que surgissem diversos modos de projetar o pátio/claustro, cada uma com a suas regras e modos de projetar.

Durante este período surgem dois estilos arquitetônicos, designados Românico e Gótico, marcando a importância do pátio a ocidente. A Europa encontrava-se num mar de incertezas e estes dois estilos acabaram por ser determinantes para o modo como o pátio se viria a integrar no contexto da fé cristã.

Era raro o monumento religioso da época que não tivesse um claustro.



Ilustração 6- Claustro de Vila Viçosa (Imagem nossa 2011)

Claustro¹¹, certamente uma herança da casa pátio-peristilo romana. No entanto essa herança apenas pode ser vista como uma referência, visto que a escala e as proporções de um claustro em nada se assemelha ao peristilo clássico. O claustro tem como função organizar e distribuir estas cidades de Deus. É composto por um pátio onde existe, geralmente, um ponto de água ou algumas árvores ao centro. É quase sempre ladeado, na sua totalidade, por arcadas largas que dão acesso aos vários serviços do convento, mosteiro ou abadia.

Mais tarde, com o evoluir da sociedade, o Homem torna-se mais curioso com o mundo que o rodeia, surgindo inúmeras revoluções artísticas. O Homem do século XV e XVI começa mudar o seu modo de pensar criando novamente uma rutura com o passado. Na verdade, não é por coincidência que o Renascimento¹² surge em Itália, uma vez que os homens de Florença, Veneza e Roma vão procurar interpretar as referências do período clássico fazendo renascer os seus contornos.

¹¹ O claustro é um desenvolvimento do que antigamente era um simples pátio. Ladeado por arcadas com colunas o claustro é um pátio mais complexo e projetado a uma escala diferente,

¹² É um movimento artístico que surge em Itália na cidade de Florença, e muito rapidamente se espalha por toda a Itália e Europa. a máxima deste novo movimento foi de recuperar os ideais do período clássico, Grego e Romano

A Religião católica continua a ser o maior mecenas dos arquitetos mas há igualmente um regresso de construção de obras públicas. Mercados, escolas, hospitais, bibliotecas, universidades entre outros equipamentos são novamente construções que voltam a compor a cidade. Houve um regresso de uma arquitetura para a sociedade. Em muitos dos casos as zonas comuns a estes espaços eram resolvidas através de um vazio central, o que muitas vezes pode parecer um pátio, acaba por não o ser, uma vez que a principal função de um espaço como esses é de um vazio nuclear. No entanto, grandes palácios são construídos por arquitetos que, patrocinados pelos seus mecenas, tem alguma liberdade criativa. Estes edifícios têm igualmente traços de heranças clássicas, remetendo-nos aos primórdios da casa pátio romana.



Ilustração 7- Claustro do Palácio Pitti, Florença (Imagem nossa 2013)

No final do século XVI, com o famoso concílio de Trento¹³, a igreja veio revolucionar a relação que tinha com as artes. Desde a pintura à escultura, passando pela música, foram feitas reformas profundas no modo como a mensagem da fé seria transmitida. Contudo foi mais uma vez na arquitetura que este movimento teve o seu maior esplendor. Inicialmente em cidades como Roma, Florença, Veneza¹⁴ e mais tarde nas grandes cidades europeias. Consistia na rotura no modo de pensar tradicional, era um movimento da contra reforma, que tinha como principio o “horror ao vazio”. Grandes catedrais são construídas, grandes palácios são encomendados por mecenas ricos e desejosos de protagonismo. Mais uma vez, um movimento veio revelar-se

¹³ Foi um importante concílio que veio reformar o modo como a arte e a igreja vinham a dialogar nestes últimos anos, Veio dar origem ao novo movimento artísticos

¹⁴ Eram as principais cidades de Itália. Eram os grandes centros artísticos e culturais.

determinante na definição de alguns espaços que esta dissertação pretende retratar. O claustro do período Barroco é, de todos os claustros estudados, o que mais barulho traz à sua verdadeira essência.

[...]”baroque architecture: is the architecture of the XVII century and part of the XVIII century. It is characterized by exuberant decorations, expansive curvaceous forms, a sense of mass, a delight in large scale and sweeping vistas and a preference for spatially complex compositions.”[...] (Pevsner, 1966, p.25)¹⁵

Ritmos, movimento e dinamismo são ferramentas de que o barroco usa e abusa, acabando por distorcer a verdadeira espacialidade de um claustro. É precisamente na transição do renascimento para o barroco que o claustro tem o seu apogeu a nível espacial. [...] “ será en el renacimiento, en el manierismo y en barroco, mientras se muestra el esplendor del sistema, cuando se produzcan arquitecturas especialmente intensas “[...] (Capitel, 2005,p9)

À excessiva decoração do período barroco levou a que rapidamente o estilo se tornasse em declínio. É então que surge novamente um estilo novo, que de certo modo é um segundo renascer dos ideais clássicos.

Entramos no século XIX numa época novamente definido pela necessidade de rotura. O neoclássico¹⁶ foi o movimento que surgiu como resposta ao estilo barroco. A necessidade de voltar às ideias do berço da civilização era em busca da procura da resposta de novas tipologias. O neoclassicismo desenvolveu-se por toda a Europa, de França a Inglaterra da Alemanha a Itália é um estilo assente nos ideais do Renascimento e do período clássico.

[...]”Neo-Classicism began into the 1750.sas a reaction against the excesses of the late Baroque and Rococo and as a reflection of a general desire for established principles based on laws of nature and reason.[...](Pevsner,1966, p.63)¹⁷

A essência do pátio é evidente quando olhando para o neoclassicismo alemão. É neste contexto que consideramos que com arquitetos como Karl Friedrich Schinkel¹⁸ souberam interpretar a verdadeira natureza e essência de um pátio como vazio nuclear.

15 A arquitetura do barroco. É o estilo do século XVII e de parte do século XVIII. É caracterizada por formas exuberantes e excessivas decorações. formas curvas e um excesso de massa. De composições espaciais complexas.

16 À semelhança do renascimento o neoclassicismo veio recuperar novamente os ideais do período clássico.

17 Neoclassicismo começou em 1750 como uma reação contra os excessos do barroco e do rococó e como uma necessidade de estabelecer a arquitetura nos parâmetros de ordem da natureza e e razão.

18 É o arquiteto mais representativo do puro neoclassicismo Europeu. De origem Prussiana(hoje em dia Alemanha) é conhecido pelo seus edifícios públicos feitos em Berlim.

A era Moderna foi o período que sucedeu ao Neoclassicismo, influenciando fortemente a contemporaneidade. [...] “ O movimento moderno resulta das mesmas exigências que determinam a experienciam historicista. [...] (Benevolo,1987, p.219) Foram muitos os arquitetos modernos a usar o pátio como um elemento essencial à estruturação dos edifícios por eles projetados apesar de, muitas vezes, o utilizarem com objetivos bastante distintos. Tomemos como exemplo o Pavilhão de Barcelona de Mies Van der Rohe, caracterizado por um pátio que, encerrando a vista para o exterior, ilumina a sala e oferece a frescura da água e a leveza da estátua de George Kolbe.

Encontramos, ainda hoje, inúmeros exemplos de arquitetura onde o pátio assume enorme importância e que, apesar de muitas vezes distinto do que foi até aqui relatado, se revela essencial na configuração dos edifícios, constituindo uma solução extremamente interessante do ponto de vista funcional e, essencialmente, no que aos nossos sentidos diz respeito, emocionando-nos.

Le corbusier¹⁹ é um desses exemplos de uma arquitetura moderna que soube usar as potencialidades do pátio como elemento construtivo do lugar. No seu mosteiro Sainte Marie la Tourette ele propõe um claustro fora do comum, pensado a nível espacial da memória do lugar e do físico.

Já Alvar Aalto²⁰ projeta também um equipamento social onde o coração desse espaço acaba por ser a resultante da organização desse mesmo equipamento, o pátio é na época moderna um modo de projetar perigoso uma vez que nos dias de hoje a sua verdadeira essência encontra-se muitas vezes subvertida.

[...] Recordemos suas palavras que de certo modo encerram este capítulo. [...]”
Durante las ultimas décadas la arquitectura ha sido frecuentemente comparada con la ciencia, y se ha tratado de hacer cada vez más científicos sus medios, hasta transformarla en una ciencia pura. Pero la arquitectura no es una ciencia. Siegue siendo aún esse gran proceso sintético que consiste en combinar miles de funciones humanas definidas, sin dejar de ser arquitectura. Su objeto es siempre el de armonizar el mundo mateiale com la vida humana.[...] (Tedeschi, 1962, p.72)

Alvar Aalto

19 Le Corbusier foi um arquiteto, urbanista e pintor francês de origem suíça. É considerado juntamente com Frank Lloyd Wright, Alvar Aalto, Mies van der Rohe e Oscar Niemeyer, um dos mais importantes arquitetos do século XX. Conhecido por ter sido o criador da Unité d'Habitation, conceito sobre o qual começou a trabalhar na década de 1920

20 foi um arquiteto finlandês cuja obra é considerada exemplar da vertente orgânica da arquitetura modernada primeira metade do século XX.

2.2 PÁTIO E ESCALA

O estudo efetuado no capítulo anterior assemelhou-se a uma viagem através da história onde, conhecendo a origem e a evolução do pátio, entendemos a sua espacialidade e funcionamento.

A identidade de um espaço criado pelo homem é apenas definida pelo uso que o homem lhe dá. No caso do pátio essa mesma utilidade espacial revela-se ainda mais importante.

As linhas que se seguem pretendem transmitir um olhar mais aproximado e de cariz sensível onde, encarando a arquitetura como “[...] a organização dos espaços internos que interessam à vida dos homens [...]” (Távora, 2006, p. 56) procuramos incessantemente o papel do pátio na estreita relação existente entre o espaço e o ser humano. A escala entre a dimensão humana e espacial.

O pátio constituiu, desde sempre “[...] refúgio não só físico, mas também psicológico. Foi um guardião de identidade.” (Botton, 2013, p. 10). Podemos imaginar que, “Ao longo dos anos, os seus proprietários regressaram de períodos em que estiveram fora e, ao olharem à sua volta, recordaram quem eram.” (Botton, 2013, p. 10).

A relação entre Homem e pátio é, tal como acontece com a casa, uma interação de extrema proximidade, fundada nos sentidos. A casa que fala e que canta²¹, dialogando com quem a habita, representa um lugar seguro, pleno em conforto, cujo espaço constitui um palco para a vida humana e, se possível, para a felicidade. Esta pode ser encontrada “[...] no veio das velhas tábuas de um sobrado ou numa mancha de luz matinal numa parede de estuque [...]” (Botton, 2013, p. 29) O pátio é, também, um elemento que reflete o que somos.

O pátio é o reflexo da identidade de uma determinada arquitetura. Como vimos no capítulo anterior essa mesma identidade é reveladora das escolhas do homem, quer a nível de formal e espacial, bem como a nível de decoração.

É um espaço de meditação cuja escala, materialidade e articulação com as diversas partes da casa se revelam capazes de conferir sentido e significado ao dia-a-dia.

²¹ [...] n'as-tu pas observé, en te promenant dans cette ville, que d'entre les édifices dont elle est peuplée, les uns sont muets; les autres parlent; et d'autres enfin, qui sont les plus rares, chantent? [...] Ceux des édifices que qui ne parlent ni ne chantent, ne méritent que le dédain; ce sont choses mortes [...] (Valéry, 1944, p. 35). “[...] ao passear por esta cidade, observaste que, entre os edifícios que a compõem, uns são mudos; outros falam; e outros enfim, mais raros, cantam? [...] Edifícios que não falam, nem cantam, merecem apenas desdém; são coisas mortas [...]” (Tradução nossa)

Depositamos, aqui, os nossos sentimentos e emoções, as nossas memórias. É nosso confidente, é nele que nos sentimos realmente em casa.

“[...] o impulso arquitetural parece ligado a um anseio de comunicação e de comemoração, um desejo de nos declararmos ao mundo através de um registo diferente do das palavras, por meio da linguagem dos objetos, das cores e dos tijolos: uma ambição de que os outros saibam quem somos – e, ao mesmo tempo, de que não o esqueçamos nós mesmos.” (Botton, 2013, p. 140)

O pátio é, neste sentido, um espaço criado para a intimidade. É essa a sua marca na história e o seu papel na contemporaneidade, desenvolvendo a consciência e a identidade²². O pátio isola-nos do que existe para lá da casa, limitando o nosso corpo e libertando a mente, permitindo-nos olhar o imenso céu que reflete o infinito, superando-nos. Podemos afirmar, por esta razão, que “A arquitetura suscita o nosso respeito na medida em que nos ultrapassa.” (Botton, 2013, p. 154)

“Ideias como estas significam a recusa da arquitetura entendida como efémera e a recusa de um modo de viver assente na ausência de Lugar, na errância permanente do Homem.” (Gomes, 1991, p. 38).

À semelhança do que acontece com a arquitetura, podemos afirmar que o pátio assume, assim, uma enorme importância no que diz respeito à permanência. Pátio é permanência.

Um claustro existe por ser necessário um lugar de permanência, de reflexão. Um lugar que permita o homem encontrar-se consigo próprio. Um claustro é na verdade um espaço muito individual, que nos remete para a nosso interior e para o nosso mundo.

Parece-nos essencial referir, embora de modo leve, a importância dos sentidos neste tema, assumindo-os como essenciais no entendimento e percepção do espaço. São eles que nos permitem perceber, antes de mais, os “[...] tamanhos verdadeiros e belos das coisas e a sua relação [...]” (Tavares, 2008, p. 5) ou, por outras palavras, a escala.

Reconhecemos a existência de cinco sentidos: visão, audição, tato, paladar e olfato. Este estudo procura, no entanto, destacar os dois primeiros como essenciais à

²² “A identidade nasce na consciência e desenvolvimento da intimidade.” (Manoel, 2012, p. 43)

compreensão do espaço e, conseqüentemente, de enorme importância na relação entre este e quem o habita.

A visão revela-se essencial no que à percepção da escala diz respeito. A visão estabelece logo á partida a noção de ritmo e de materialidades, assim como o tato ou a audição. É maioritariamente este sentido que nos ajuda a reconhecer o mundo em que vivemos, tornando-nos parte dele. Quanto mais vemos mais conhecemos. Sabemos, no entanto, que “[...] o homem nem sempre foi dominado pela visão. De fato, o domínio primordial da audição foi gradualmente substituído pelo da visão” (Pallasmaa, 2011, p. 22). A audição constitui, assim, um sentido igualmente importante no que à arquitetura diz respeito. E no pátio não é exceção, a visão e audição caminham de mãos dadas no seu entendimento, colocando o nosso corpo no centro do presente trabalho. O som da água no pátio, ou o som do vento nas árvores é a música do pátio. A musicalidade de um pátio ou claustro é também ela matéria de construção de um lugar. “[...] l’existence effective de mon corps est indispensable à celle de ma «conscience»”²³ (Merleau-Ponty, 1981, p. 493)²⁴

Podemos considerar, assim, que o pátio consegue “[...] criar um refúgio da vida quotidiana, não para fugir à realidade mas para assim nos aproximarmos mais das suas principais verdades intrínsecas.” (Botton, 2013, p. 263). Ele é na verdade o refugio mais puro e verdadeiro da criação de um mundo muito pessoal e íntimo. É um mundo completamente à parte de todos os outros espaços que pelo homem possam ser criados.

Este trabalho tratará, no seu desenrolar, da estreita relação existente entre o Homem e o pátio explorando, numa perspectiva pessoal e empírica, as questões acima referidas.

A experiência é aquilo que nos faz perceber o mundo e aquilo que nos rodeia. A interpretação de um lugar é verdadeira quando damos lugar aos nossos sentidos e somos capazes de nos transportar para fora do nosso mundo e analisarmos a escala em que o pátio se insere. Como iremos ver nos exemplos que se seguem todos estes sentidos e as noções de diferentes escalas serão abordadas ao longo dos vários exemplos.

21“A verdadeira existência do meu corpo é indispensável à da minha «consciência» ” (Tradução nossa)

2.3 PÁTIO E EXPERIENCIA

[...] “ A arquitetura é o jogo sábio, correto e magnífico dos volumes organizados sob a luz” [...] Marie Dormoy, Le Corbusier²⁵ (Conversa com os estudantes das escolas de arquitetura.)

O ser humano é um animal racional que está em constante processo de aprendizagem. Na verdade a aprendizagem pode ser feita de inúmeras maneiras. No caso de arquitetos ela acontece quando usamos as nossas próprias ferramentas. O olhar e ver é fundamental para um arquiteto e ainda mais essencial é o processo de assimilação desse mesmo gesto de olhar, o desenhar.

O desenho é a máquina de fotografias do arquiteto, seja ele um esboço ou um desenho mas demorado. [...] Drawing is the discipline by which I constantly discover the world [...] (F. Frank p 13 the zen of seeing)²⁶

O que realmente interessa é que o arquiteto seja capaz de adquirir a informação necessária para o seu imaginário de conhecimento. O desenho para o arquiteto deve ser trinta minutos de observação e três minutos de desenho. A observação e a capacidade de concentração num determinado motivo é essencial para um bom desenho e conseqüentemente uma boa interpretação de fatores essenciais para a arquitetura, tais como a escala, proporção, dimensão e os detalhes que tornam as coisas distintas umas das outras. Nem sempre quando olhamos estamos a ver, daí a importância da observação.

Na verdade o poeta que não escreve não é poeta, e o arquiteto que não desenha não é arquiteto. O desenho sempre teve um lugar fulcral para o arquiteto e para esta dissertação foi sem dúvida o método mais assertivo para mostrar as questões mais sensíveis por nós abordadas. [...] drawing as the way of seeing about something i called seeing/drawing as the way of meditation, a way of getting into intimate touch with the visible world around us, and through it ... with ourselves. [...]²⁷

²⁶ [...] desenho é a disciplina pela qual constantemente descobro o mundo [...] F. Frank, The Zen of Seeing.

²⁷ [...] o desenho como um ferramenta de desenho/visão através da meditação, é o caminho para a comunicação com o mundo exterior e por consequência com o nossa própria identidade. [...] tradução nossa. F Frank, the Zen of Seeing.

Ao desenhar estamos a fazer escolhas e opções, o nosso subconsciente está programado para captar aquilo que nos chama mais a atenção.

Neste capítulo iremos abordar algumas das questões que nos levaram a escolher a temática da casa pátio como tema da nossa dissertação.

Ao visitar enumeras casas pátio, conventos com claustros, ou até mesmo praças ladeadas por arcadas fomos desenvolvendo e aumentando ainda mais o interesse neste modo de projetar e criar uma composição.

Cartuxa de Évora, Scala Coeli

A Cartuxa de Évora²⁸ é o único convento da ordem de São Bruno ativo em Portugal. Esta ordem religiosa é conhecida por ser das mais austeras no entanto é das mais ricas culturalmente e não só.

A ordem Cartuxa é conhecida pelo sua organização espacial. Todos os seus conventos eram organizados do mesmo modo, havendo sempre pelo menos três claustros distintos, criando assim três momentos diferentes. Três experiências espaciais completamente distintas,

Este convento encontra-se fora dos muros da cidade de Évora e bem ao estilo discreto dos cartuxos encontra-se ladeado por grandes muros, onde apenas a fachada principal da igreja quebra o rigor da fachada exterior. O primeiro contato que acontece uma vez chegado ao portão principal é a entrada num grande terreiro, que está inserido entre a fachada principal e o muro exterior. Após a entrada no mundo de Scala Coeli³⁰, entramos num estreito corredor que nos leva ao primeiro claustro. Em planta este claustro está á direita da capela-mor.

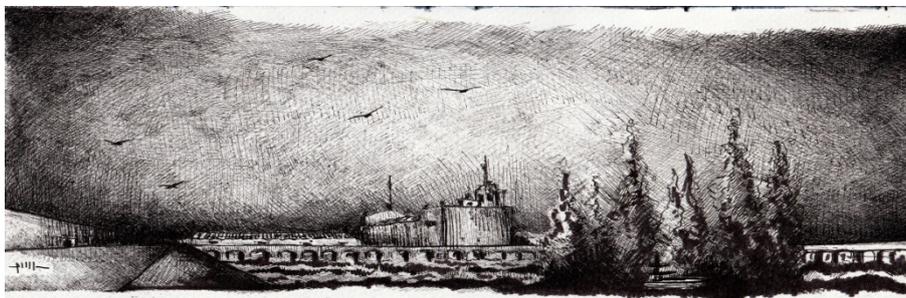


Ilustração 8 - vista do claustro grande de Scala Coeli. (Imagem nossa 2011)

²⁸ Ordem religiosa da ordem de S. Bruno, teve origem em Itália como praticamente todas as ordens religiosas.

²⁹ Cidade portuguesa em pleno Alentejo. De origem romana é hoje em dia uma cidade de enorme valor cultural.

³⁰ Scala Coeli, que quer dizer escadas para o céu, é o nome popular que a ordem deu ao convento.



Ilustração 9 - Vista do interior da galeria do claustro. (Imagem nossa 2011)

O claustro das capelas é onde em torno do qual se encontra as várias capelas dedicadas a vários santos e Nossa Senhora. É de dimensões reduzidas e de uma simplicidade arquitetónica. Do outro lado da capela-mor há o claustro que serve alguns dos equipamentos da convento. As bibliotecas, o refeitório, a oficina e alguns arrumos estão organizados em torno desse claustro sendo que ao centro existe um enorme

tanque de recreio que serve apenas para captar as águas da chuva, fazendo no entanto lembrar as termas romanas de Bath.

Estes dois claustros conhecidos por serem gêmeos visto que são iguais em termos de proporções e decoração, têm uma ligação direta entre si, feita através de uma arcada lateral que também faz a ligação com o resto do convento.

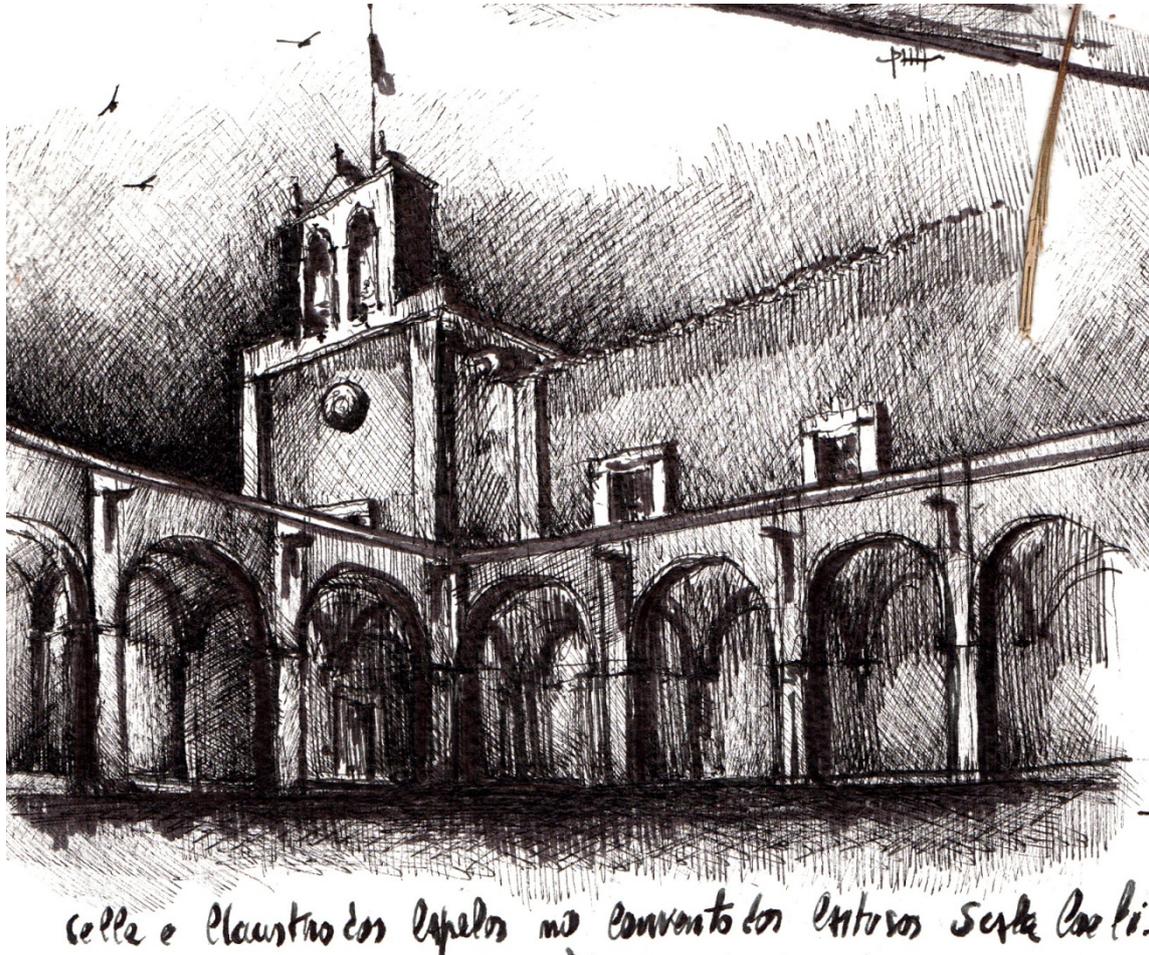


Ilustração 10 - Vista do claustro das capelas. A ambiência sentido dentro do claustro. (Imagem nossa 2011)

Ao percorrer-mos a arcada que faz a ligação com a parte mais íntima do convento apercebemo-nos que entramos num mundo distinto. Entramos num claustro de dimensões e de uma escala fora do comum. Cem metros por cem este claustro é apelidado pelos monges cartuxos como a cidade. A escala deste espaço é impressionante.

Ladeado por quatro grandes arcadas é neste claustro que se encontram as celas de cada monge. Ao centro encontramos como é habitual um ponte água, que nos acompanha ao longo do nosso deambular pelo convento. Todo este claustro encontra-

se hoje em dia repleto de vegetação, sendo no verão um exlibris visto que a laranjeiras dão ao claustro um aroma divinal.

As celas da ordem dos cartuxos são mais do que simples quartos. São pequenos apartamentos onde eles tem o seu quarto, oratório, sala e casa de banho, tendo ainda o seu jardim privativo. É de uma simplicidade fora do comum apenas perceptível no lugar. Em cada apartamento está presente a memória do claustro, deixada pela presença dos arcos que entram dentro de cada cella.

Ao percorrer as arcadas do claustro principal reparamos na presença do tempo, através do chão gasto ou das paredes por rebocar. A proporção deste grande claustro está em perfeita sintonia com o resto do convento estando inserido na perfeição com o jogo geométrico dos outros dois claustro. Todo o convento está inserido num grande quadrado. Na verdade a proporção e relação de claustros é a chave deste convento que veio a revelar-se mais tarde uma importante referência para o meu projeto.

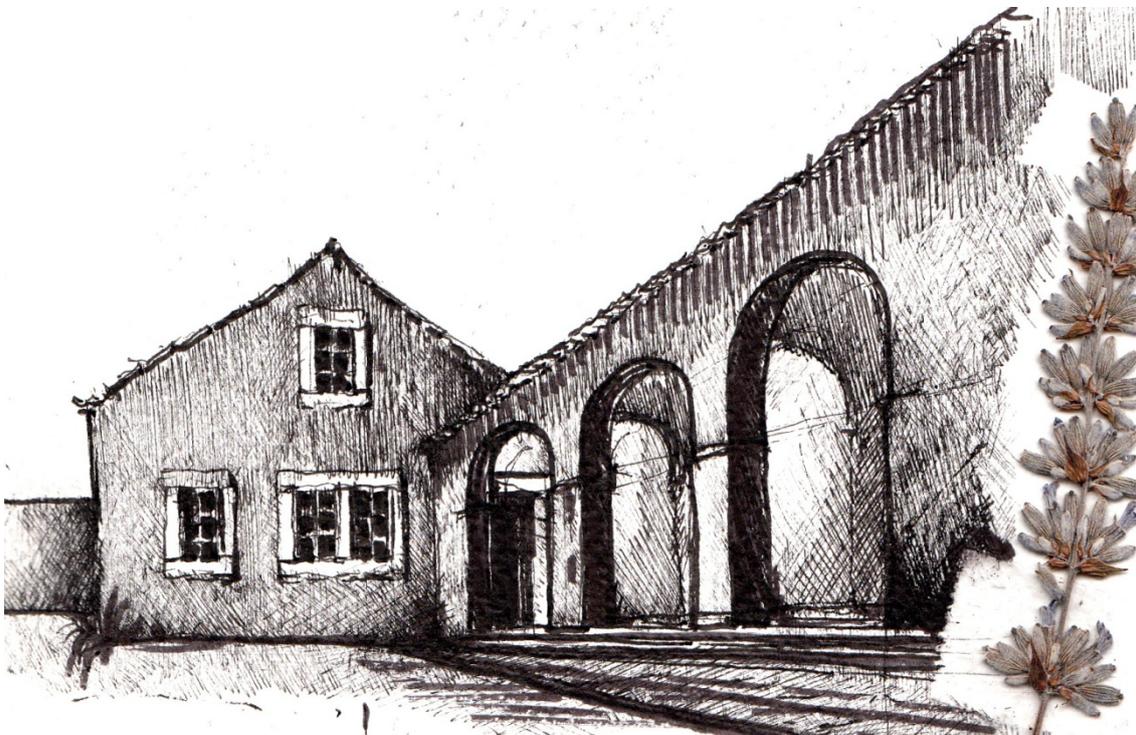


Ilustração 11- Vista da perspectiva do interior de uma cella dos monges (Imagem nossa 2011)



Ilustração 12 - vista do final de tarde no claustro no claustro principal. (Imagem nossa 2011)

Convento dos Capuchos Sintra vs Convento do Varatojo

Conhecido como o convento de Santa Cruz, o convento dos capuchos em Sintra é um belo exemplo de como a organização espacial se pode tornar num exercício simples. Construído no coração da serra de Sintra, este convento de frades franciscanos era considerado dos mais austeros e pobres da ordem religiosa. De uma simplicidade extrema neste convento encontramos uma das primeiras arquiteturas orgânicas. A essência deste convento reside no modo como foi projetado. Construído por entre pedras e árvores ele esta perfeitamente inserido na paisagem. Cada pedra ou cada árvore faz parte de um todo que é o convento. De todo o convento destaco dois momentos. Os dois pátio. O primeiro de chegada, funciona como na cultura árabe de antecâmara para a entrada na zona sagrada, assim como simboliza o caminha para a reconciliação.

O outro momento prende-se com o inevitável claustro. A sua organização espacial fora do comum torna-o especial e único. É talvez o único claustro que mesmo sem arcadas matem toda a verdadeira essência de um espaço como é um claustro. Ao centro como era regra, um ponto de água. O som da água e o som do vento nas árvores era a som do claustro, que apesar de não haver a tal circulação tradicional de um claustro não perdeu em nada a sua verdadeira identidade, e origem, de ser um espaço que ordena e organiza todo o convento.

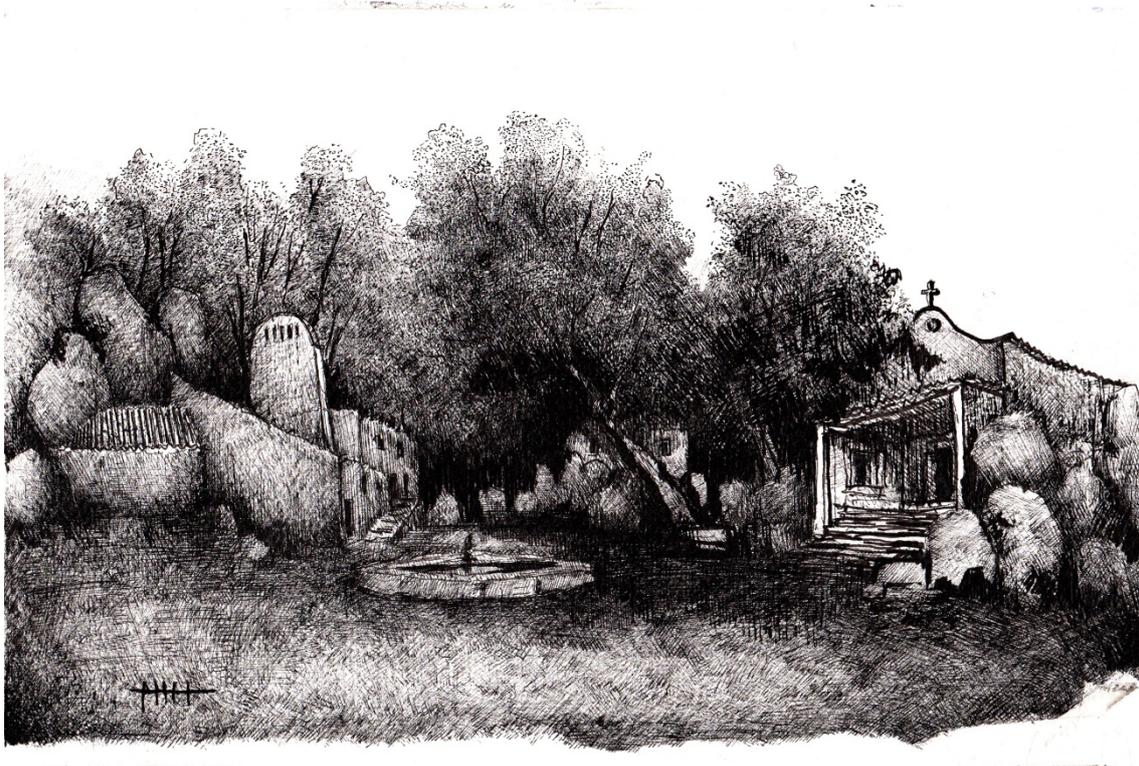


Ilustração 13- vista do claustro do convento dos capuchos. (Imagem nossa 2011)

Tomemos agora o exemplo do convento do Varatojo em Torres Vedras. Pertencendo igual à ordem Franciscana³¹ este convento acaba por ser um pouco diferente do convento dos capuchos, sendo de destacar o seu modo de organização espacial. Composto por uma capela mor e dois claustros que serviam de elementos organizadores do espaço. O seu claustro principal de proporções médias é de uma simplicidade comovente, rejeitando qualquer tido de decoração ou nos capiteis ou nos arcos.

³¹ Franciscanos, Ordem religiosa que como o próprio nome indica são descendentes do seu fundador S.Francisco. São frades menores, isto é, rejeitam qualquer tipo de luxo. Inicialmente exerceram a sua maior influência e crescimento em Itália.

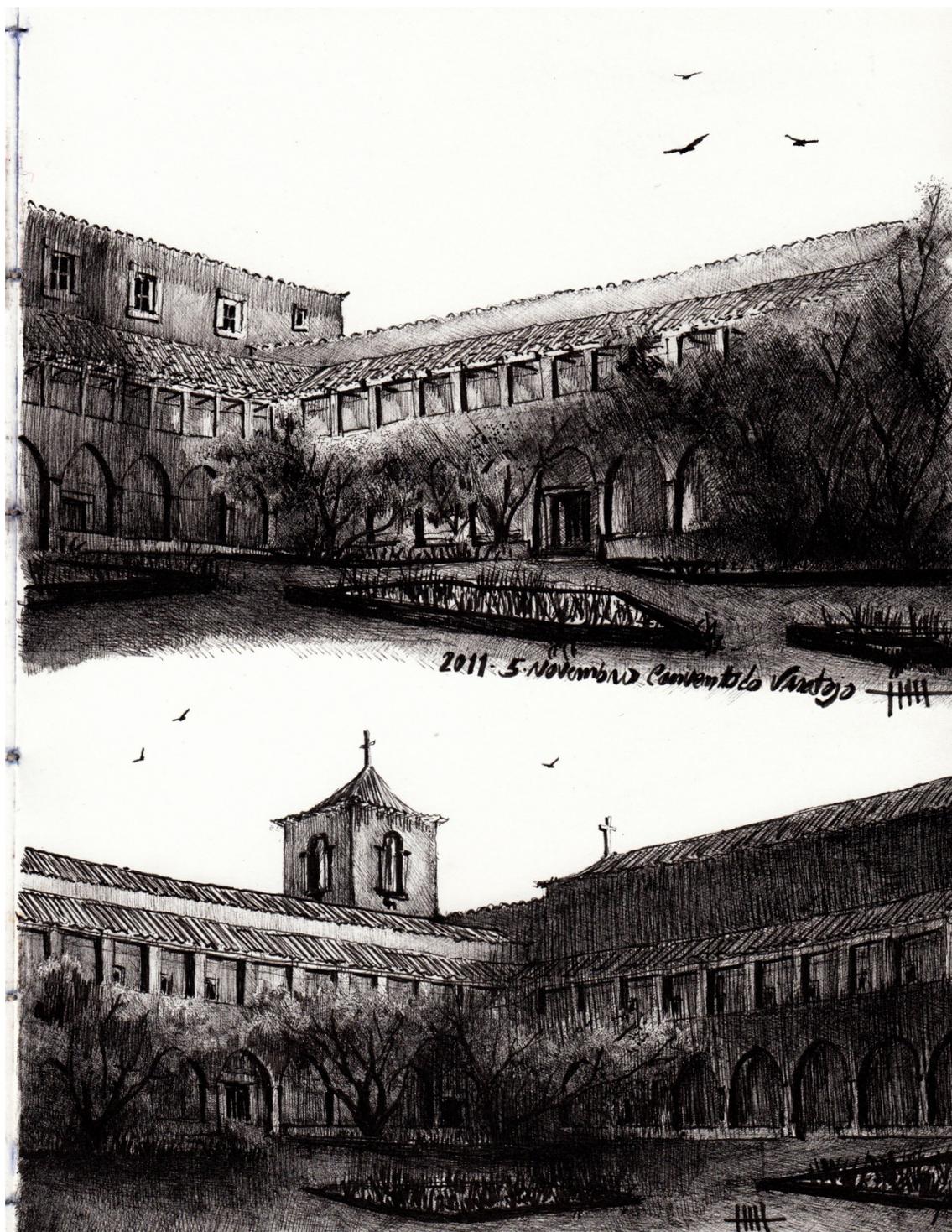


Ilustração 14 - vista do interior do convento do Varatojo. (Imagem nossa 2011)

A escala

Olhando agora para os , Convento de Santos o Novo, e Convento Madre de Deus em Lisboa. Nestes dois conventos encontramos realidades absolutamente distintas.

De escalas e proporções completamente disparens encontramos no Convento de Santos o Novo³² o maior claustro da península Ibérica, com mais de cem metros de lado, este mega claustro era o coração deste convento, tendo uma relação espacial com os restantes equipamentos do convento muito equilibrada. Por comparação com o convento de Madre de Deus, onde temos dois claustros mais pequenos. Este pequeno poço de luz, acaba por ter uma função de extrema importância no desenrolar da organização espacial de todo o convento. Dialogando com o claustro principal este pequeno claustro tem como por função a de organizar todos os acessos aos pisos superiores e as zonas privadas.



33

Ilustração 15--imagem nossa- vista interior do Calustrinho do convento da Madre Deus em Lisboa

³² Foi em tempos um hospital, hoje em dia é um lar de repouso e residências para estudantes, felizmente a sua essência espacial encontra-se pouco alterada mantendo as circulações de origem assim como a manutenção do claustro.

³³ 16 De Dezembro de 2011 Convento Madre Deus, Lisboa, é hoje em dia o museu do azulejo, tem dois claustros...um grande e um pequeno. O pequeno é fabuloso. É pena estar tapado, no entanto não desmaterializa a espacialidade do claustro.

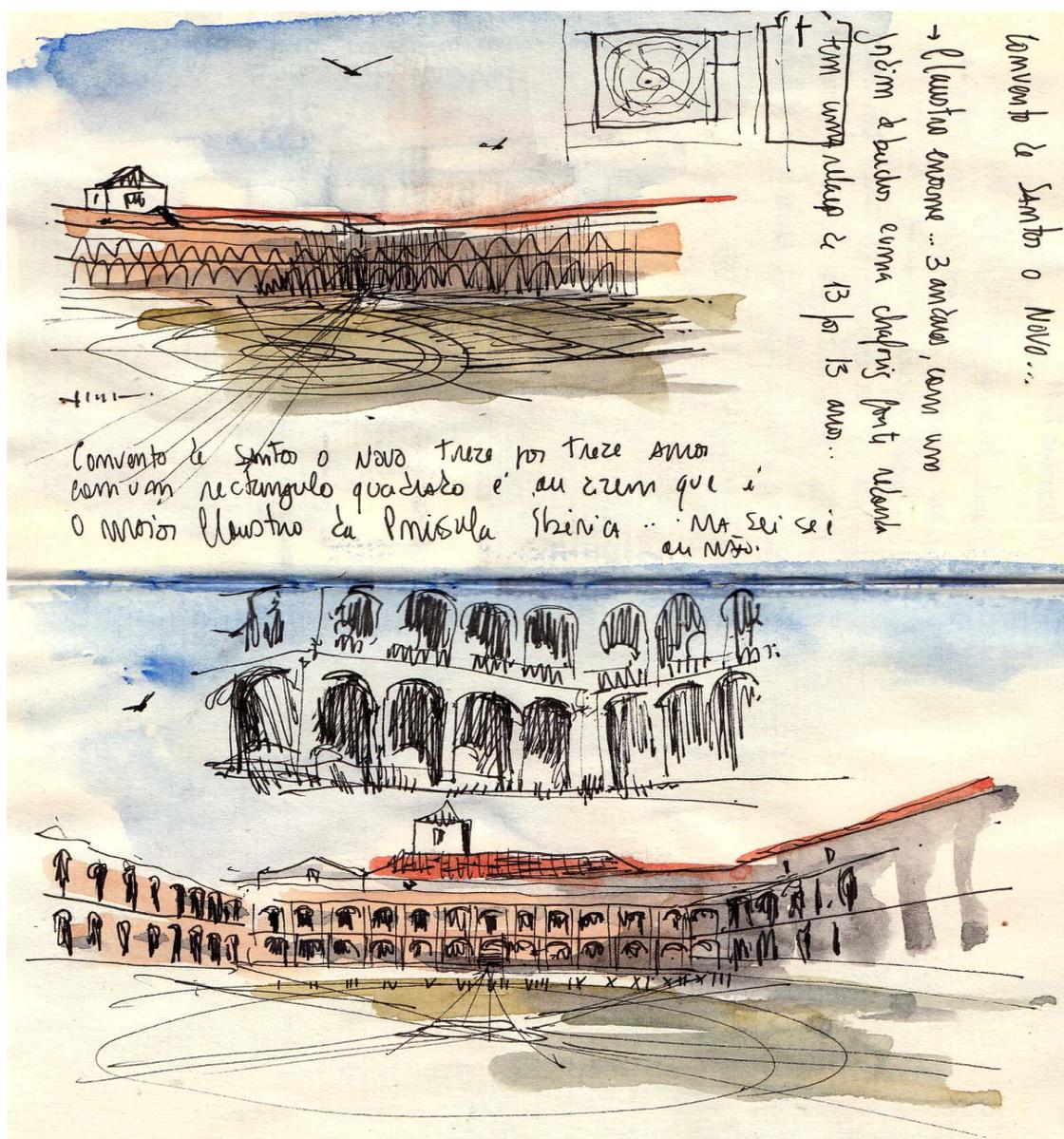


Ilustração 16 - vista esquiço do interior do convento de Santos o Novo em Lisboa. (Imagem nossa 2013)

Na verdade podemos considerar que as praças estão para cidade assim como os pátios e claustros estão para as casa ou conventos. Em cidades como Florença³⁴, Siena e Santiago de Compostela³⁵ tivemos oportunidade de estudar este sistema a uma escala superior, ao nível citadino. Em ambos os casos encontramos diversos tipos de praça, de diversos estilos e de diversas épocas. Em Florença encontramos

³⁴ Florença é o berço do surgimento do renascimento, reco

³⁵ Cidade espanhola no coração da província galega. É conhecida pela sua catedral gótica e Barroca e pelas suas ruas repletas de sucessivas arcadas.

diversos tipos de praça renascentista. A praça em frente ao palácio Pitti³⁶, ou a galeria Uffizi³⁷, são exemplos de espaços que organizam e distribuem as circulações da cidade. A praça da Anniziatta é igualmente um belo exemplo dessa mesma lógica espacial.

Em Siena³⁸ temos igualmente um belo exemplo a nível de uma praça. A piazza del Campo³⁹ é o coração da cidade. é o vazio nuclear, a partir do qual partem todas as ruas. De origem medieval a praça conserva até aos dias de hoje todo o seu carisma e identidade. Bem ao estilo da época, no perímetro da praça encontramos todos os poderes da época medieval. O poder religioso, o poder municipal e o poder dos senhores da terra.



Ilustração 17- vista da piazza del Campo em Siena. (Imagem nossa 2013)

No caso da cidade Galega⁴⁰ de caso de Santiago Compostela, a praça já é um pouco mais descaracterizada. À semelhança de tantas outras cidades espanholas⁴¹ tem no seu centro a praça mayor, que é o centro de toda a vida social e económica da cidade. Todas as ruas e arcadas vão em direção ao centro da cidade, como se do coração do Homem se tratasse.

³⁶ É provavelmente o palácio que retrata da melhor forma o que foi o renascimento Italiano, tem um claustro fabuloso.

³⁷ São umas importantes galerias em plena Florença. As galerias formam entre si uma espécie de praça rectangular.

³⁸ Cidade em plena região toscana em Itália, de origem medieval conserva ainda muito da sua identidade pessoal e origem.

³⁹ É a famosa praça no centro de Siena de origem medieval.

⁴⁰ Galiza é uma região no norte de Espanha.

⁴¹ São praticamente todas as cidades espanholas que tem uma praça central, independentemente da zona, de norte ou sul, todas as cidades tem um vazio nuclear, a praça Mayor.



Ilustração 18-- vista da praça da reconciliação em Santiago de Compostela. (Imagem nossa 2011)

3. TRÊS REFERÊNCIAS, TRÊS ESCALAS TRÊS FUNÇÕES.

As referências mencionadas ao longo deste capítulo revelaram-se incontornáveis no que ao projeto desenvolvido ao longo do quinto ano diz respeito. São estas as obras que o introduzem, marcando a sua essência e ajudando a contar a sua história. A sua importância revelou-se fulcral no modo de pensar a arquitetura e o espaço, ditando estratégias de diálogo com o Homem e com a cidade. As sensações experimentadas nos três momentos foram guardadas na memória e, mais tarde, desenhadas. Porque, como referiu Álvaro Siza, “[...] existe uma bagagem de conhecimentos aos quais inevitavelmente recorreremos, de modo que nada de quanto fazamos é absolutamente novo.” (Siza, 2009a, p. 139).

A evolução da casa pátio clássica reflete em toda a sua existência a evolução que ela foi tendo e a sua adaptação ao homem.

3.1. A CASA PÁTIO NO PERÍODO CLÁSSICO GREGO E ROMANO

Foi durante o período clássico⁴² que o pátio ganhou definitivamente o seu espaço na arquitetura, assumindo enorme importância. A cultura grega e romana metamorfoseou o pátio, transformando o que outrora constituía um simples vazio num vazio nuclear. O pátio transforma-se, assim, no grande elemento ordenador do espaço.

⁴² Entende-se pelo período clássico a época em que a civilização Grega e Romana dominaram a cultura europeia.

A importância da escolha deste caso de estudo da casa pátio clássica, caiu sobretudo no facto de ter uma enorme influencia no meu projeto. A transformação do simples pátio para o peristilo⁴³ foi algo que quis aprofundar nesta escala. Tomando como exemplo a casa pobre grega iremos avançar na história passando pelas primeiras vilas clássicas até às grandes casas Romanas onde a introdução do peristilo veio revolucionar a casa pátio.

Assumindo a época clássica como referência, procuramos entender a evolução do pátio a uma escala mais pessoal e humana, desvendando a transição de uma simples sala exterior para um revolucionário peristilo, bem como a fulcral relação com as zonas envolventes.

Na antiga Grécia, os edifícios públicos eram os principais alvos de concepção arquitetónica, reflexo claro da democracia. Encontramo-nos, então, num contexto em que as bases da sociedade estão assentes na construção de um mundo para o Homem. Assim, enquanto edifícios e espaços de cariz público podiam ser extremamente ricos, as casas privadas gregas não eram luxuosas, como referiu Demosthenes :

Out of the wealth of the state they set up for deligth so many fair buildings and things of beauty, temples and offerings to the gods, that we who come after must despair of ever surpassing them; yet in private they were so modest, so careful to obey the spirit of the constitution, that the houses of their famous men, of Miltiades or of Aristeides, as any of you can see that knows them, are not a whit more splendid than those of their neighbours. (...)⁴⁴

Foi apenas na transição do século IV para o V que a casa Grega ganhou a mesma força dos restantes edifícios da cidade. Até então, em termos de habitação particular, não havia grande distinção entre um rico e um pobre, não havendo a necessidade de mostrar a riqueza através das posses.

[...] there were no houses that revealed the wealth, power, learning or good taste of the owner. This does not mean that the poor and the rich did not exist... simply that the rich did not set themselves off by a particular type of house...they did it so in other ways the so called liturgies...[...]? the discharge of public duties [...] (?????)⁴⁵

Este facto não significa, naturalmente, que não se verificassem diferenças sociais, uma vez que estas existiam. As grandes preocupações eram, no entanto, de contribuir

43 Peristilo é basicamente um pátio ladeado por uma colunata. A sua forma nasceu inevitavelmente do pátio clássico primitivo. Inicialmente surge no final da cultura Grega mas é em plena cultura romana que o peristilo tem a sua maior importância.

44.

45 [...] não haviam casas que revelassem a riqueza dos donos. No entanto não queira dizer que os ricos e pobres não existissem, simplesmente os ricos não viviam só em determinados tipos de casa

com dinheiro para a construção de templos, de monumentos funerários ou até mesmo para as famosas *liturgias*⁴⁶. Assim, é possível afirmar que se pretendia elevar o nome e o estatuto social no seio da sociedade Grega.

A Grécia era, na altura, governada por várias cidades estado que competiam entre si pelo poder no Adriático⁴⁷, não existindo o país que conhecemos atualmente. A arquitetura constituía, indubitavelmente, um dos elementos culturais de maior importância, participando na sua distinção. A casa Grega revelou-se, desde cedo, um elemento essencial na construção da malha reticulada das cidades.⁴⁸ As suas evoluções estão intimamente ligadas ao facto de haver a necessidade de uma reformulação no modo de habitar. As casas eram de fraca qualidade construtiva e sua organização acontecia em torno de um pátio simples em redor do qual se aglutinavam os quartos, salas e cozinhas.

“Dwellings were built of cheap materials and were of simple plan, the rooms usually arranged around an inner courtyard.” (Nome do autor, nome do livro, página)⁴⁹

Foi no seguimento da evolução da casa pátio Grega que se deram as grandes transformações espaciais. A introdução de um novo elemento arquitetónico, o peristilo, revolucionou o modo de habitar de toda a sociedade Grega, elemento esse que até então era apenas usado em alguns templos, como por exemplo no pompeu de Atenas⁵⁰ construído nos arredores de Dipylon..⁵¹

⁴⁶ As liturgias eram uma espécie de serviços religiosos onde os senhores da cidade ofereciam alguns bens aos Deuses.

⁴⁷ Mar Adriático é o mar que separa a Grécia da península Itálica, era o palco de grandes trocas comerciais e de grandes batalhas navais.

⁴⁸ Foram os Gregos que introduziram inicialmente a malha reticulada urbana

⁴⁹ “ As casas eram construídas em materiais baratos e de planta simples, as divisões eram geralmente organizadas em torno de um pátio.

⁵⁰ No período clássico toda a Grécia era composta por uma série de cidades estado e Atenas, a par de Delos, era na altura a cidade mais importante de toda a Grécia. Hoje em dia é a capital de toda a Grécia.

⁵¹ Na imagem temos um bom exemplo da típica casa grega do período primitivo, onde o pátio tem a sua extrema importância e onde no entanto ele ainda não ganhou a sua forma de peristilo.

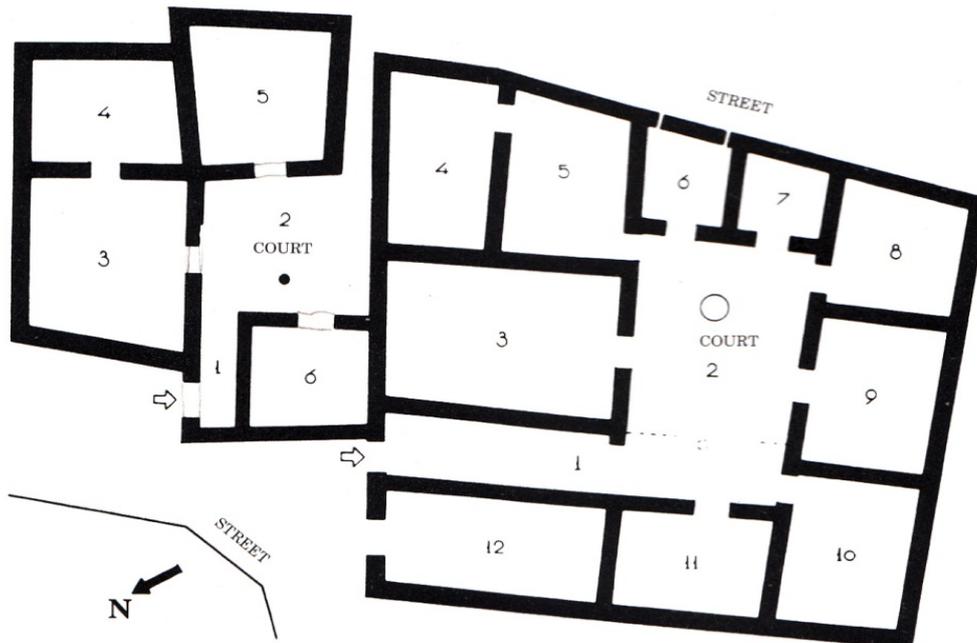


Ilustração 19 - Planta da Casa de Delos-(Capitel,2005)

O peristilo é, na verdade, um pátio geralmente retangular, ladeado em todo o seu perímetro por uma série de colunas. Geralmente, por detrás dessas mesmas colunas, surgem as famosas hestiatórias⁵², que constituem uma série de compartimentos destinados a diversos usos. No pompeu⁵³ de Atenas, por exemplo, o peristilo tinha uma organização de uma série de hestiatórias onde hoje em dia se sabe que serviam para jantares, festas, reuniões e zonas de culto.

O primeiro grande exemplo a usar as referências do pompeu foi A famosa casa da Pylos⁵⁴ foi, no séc. IV. Redesenhou-se a disposição e organização espacial, que seguiram os mesmos princípios, assumindo-se uma clara hierarquia de espaços e serviços de apoio à casa. Com esta alteração espacial o homem grego passou a viver a sua vida social nesta parte da casa, facto que se revelou determinante para a arquitetura daquele período.

Assim, é a partir do século V e em diante que o pátio grego, juntamente com as colonatas, dá origem ao peristilo, marcando o nascimento da nova casa grega. As casas peristilo eram, geralmente, maiores do que as casas tradicionais, tornando-se projetos de arquitetura mais ricos. Para este facto contribuem, por exemplo, a junção

⁵² As hestiatórias são as divisões laterais adjacentes ao pátio, onde a vida social Grega acontecia.

⁵³ O Pompeu de Atenas era um dos edifícios notáveis da cidade. De uma enorme importância social.

⁵⁴ Pylos era uma cidade estado no sul da Grecia que vivia muito das trocas comerciais devido á sua proximidade do mar.

de elementos decorativos, de que são exemplo as pinturas murais, painéis de azulejos e estátuas de mármore. O simples vazio geralmente ao centro da casa é agora um elaborado vazio nuclear que despojando de todos os adereços artísticos serve como um elo de ligação entre as várias vivências da casa grega.

From the late fifth century AC onwards the courtyard could have columns, and a new type architectural type was born , the so called peristyle house. Peristyle houses were usually larger than the simpler dwellings, which were ofcourse far more numerous...distinguished also by mural decorations ,floor mosaics and marble sculptures in their interior [...]? (Nome do autor, nome do livro, página)⁵⁵

É, então, no peristilo – o novo coração da casa - que a vida social do homem grego tem continuidade em relação à vida pública da cidade. É neste espaço que o senhor da casa recebe convidados, faz negócios e realiza festas, dando vida a um espaço que se revela simultaneamente privado e público mas que constitui um refúgio da confusão da cidade grega.

“[...]? the peristyle court and the andrones were the locus of the social life of the master of the house: drinking, feasting , discussing... the culmination of such gatherings were the scientific-philosophical colloquies [...]”⁵⁶

O peristilo conferiu, assim, uma enorme importância ao pátio, marcando definitivamente o seu lugar na arquitetura Grega. Podendo ser retângular ou quadrado, mas sempre definido por ângulos retos, o centro do Peristilo apresentava, muitas vezes, um altar de culto doméstico, não existindo flores ou árvores. Os jardins privados não existiam.⁵⁷

[...]With the peristyle the courtyard acquired an architectural form, becoming a space with an intrinsic value , constituting the heart of the house. The peristyle court could be square or oblong, but was always rectangular; the old, irregular courtyard forms disappeared. Peristyle or not, the court was always paved. An altar for domestic cult usually stood in it but there were no trees or flowers. Pleasure gardens did not exist.[...]
()⁵⁸

⁵⁵ [...] a partir do final do século V AC em diante, o pátio poderia ter colunas, e assim nasceu um novo tipo de arquitetura, o tão chamado *casa-peristilo* . As casas peristilo eram geralmente maiores do que as simples habitações clássicas tradicionais. Eram também diferentes pois eram decorados no seu interior com ricos frescos, mosaicos e esculturas.

⁵⁶ O peristilo e o os andrones eram o locus da vida social do dono da casa, que bebia falava, discursava , e tais reuniões eram importantes para a cultura do homem grego.

⁵⁷ Apenas na cultura romana é que os jardins privados voltaram a existir.

⁵⁸ Com o peristilo o pátio adquiriu uma forma arquitetônica, tornando-se um espaço com um enorme valor intrínseco, constituindo o coração da casa. O pátio peristilo poderia ser quadrado ou retângular, mas era sempre de ângulos retos, as formas do velho pátio primitivo haviam desaparecido. Peristilo ou não o pátio era sempre pavimentado. Um altar de culto doméstico estava geralmente ao centro, no entanto não haviam árvores ou flores. Jardins de recreio não existiam.

A imagem de seguida apresentada ilustra claramente este modo de construir. No centro da casa encontramos o peristilo (a), por onde se tem acesso através de um estreito corredor (c), em redor do qual se desenvolve uma arcada composta por uma série de colunas (b). Em anexo ao peristilo desenvolvem-se as várias dependências de uma casa grega. A casa da Erétria, tem as várias hestiatórias organizadas em torno do peristilo, existindo zonas de mulheres e homens. No lado norte estão as zonas mais importantes, orientadas a sul de modo a apanhar melhor luz e mais calor no inverno e fresco no verão. Os andrones-, que eram as salas destinadas apenas aos homens, eram situados nessa mesma parte da casa. (7, 8, 9) . Uma outra zona de relevância na casa Grega era os gineceus⁵⁹, que são espaços destinados às mulheres.

“ a narrow corridor leads from the entrance to the square peristyle court, around which are the rooms – the main ones on the north side, facing south and thus warm and light in winter and cool in the summer a detail to which the Greeks paid particular attention”

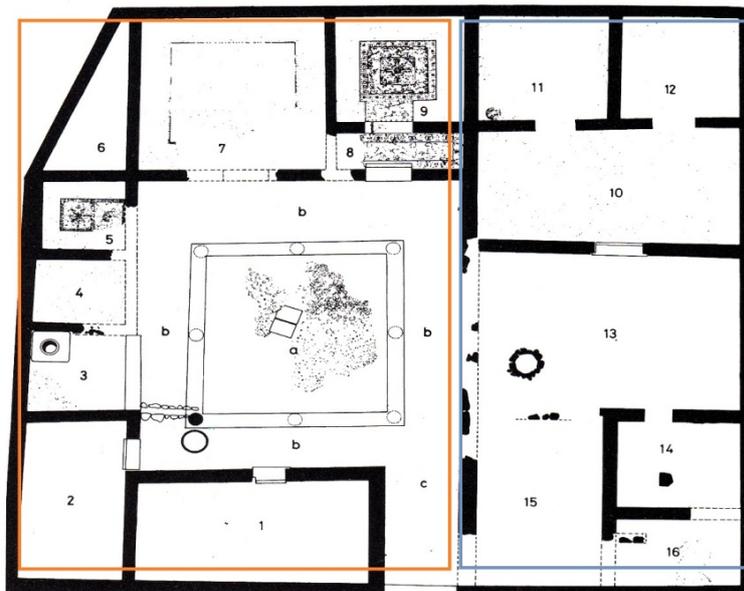


Ilustração 20- planta da casa da Erétria. (Capitel,2005)⁶⁰

As restantes zonas da casa não assumem a mesma importância, destacando-se apenas um pequeno pátio, que constitui uma herança do passado. Confirmamos, aqui,

⁵⁹ Eram salas privadas onde as mulheres se encontravam no seu lazer diário.

⁶⁰ Na imagem temos uma planta de uma casa peristilo rudimentar bastante básica, é na verdade um dos primeiros exemplos da casa pátio-peristilo.

a importância do peristilo, entendendo a enorme evolução espacial da casa grega, que veio modificar o modo de viver na habitação doméstica.

“Such a house indicates a profound change in the form of the domestic residence. Certainly houses without a peristyle court or with columns on just two sides, or even one side of the court, continued to be built.” (Nome do autor, nome do livro, página)

A morfologia da cidade de Delos⁶¹ retrata essa transformação. Encontramos, aqui, vários tipos de casas, algumas sem pátio/peristilo, paredes meias com as novas tipologias. A imagem de seguida apresentada mostra que a casa B, de nome Casa das Máscaras, tem um peristilo bastante grande quando comparado com os das casas A e D, que apenas possuem um pequeno pátio. A casa C constitui, por sua vez, um misto dos dois tipos de habitação.



Ilustração 21 - A casa de Deles. (Capitel, 2005)

⁶¹ Delos era uma das cidades mais importantes de toda a Grécia. Era uma importante cidade que albergava um dos templos mais importantes da cultura Grega.

Igualmente comum era o facto de existirem insulas⁶² com mais do que um andar em algumas cidades gregas. Este facto devia-se à elevada densidade populacional e à mistura entre classes sociais.

“ [...] ... there was at least one separate residence in the upper storey. As was usual in the densely populated city of Delos. Here the rich and not so rich lived side by side. “(Nome do autor, nome do livro, página)⁶³

Neste período não existiam, assim, tipologias pré-definidas de modelos habitacionais, verificando-se apenas algumas regras aplicadas a nível urbanístico. No que diz respeito à unidade habitacional existiam apenas algumas condicionantes, destacando-se a localização da cidade, o tipo de materiais usados e o espaço livre para a construção de uma nova tipologia e, conseqüentemente, um novo modelo citadino.

[...]There were local differences too, not only in the building materials, which were what was most readily obtainable in each region, but also in the space available: the old cities were already densely built by the late sixth century AC, while in newly-founded cities there was plenty of space, permitting the application of a new architectural concept. (Nome do autor, nome do livro, página)[...]64

A evolução da sociedade Grega levou os seus habitantes a adotar um estilo de vida cultural e autocrático onde a influência da casa Jónica se veio a verificar. Como sabemos, os Jónios⁶⁵ deram origem ao povo Grego, por consequência ao povo ateniense. Os elementos da sua cultura evoluíram, progredindo e aperfeiçoando-se. As casas de Atenas refletem, assim, esse amor pela arte e pela beleza que parece estender-se a todo o povo. É exatamente uma destas casas que se encontra de seguida ilustrada, mostrando uma enorme sala de receção e, no centro, um pátio com uma fonte, à semelhança do que acontecia nas casas jónicas. O pátio é quase totalmente descoberto, estando normalmente ladeado de inúmeras colunas, também semelhantes às jónicas. Mas estas colunas são de pedra ou mármore, bastante mais simples e, por isso, não contem qualquer tipo de decoração, Alongam-se na parte

⁶² Insulas era o nome que se dava às habitações em parcelas.

⁶³ [...] havia pelo menos uma residência separada no andar de cima, como era normal na muito populada cidade de Delos. Em Delos os ricos e pobres viviam lado a lado [...]

⁶⁴ [...] Havia igualmente diferenças locais, não só nos materiais dos edifícios que eram cosntruidos consoante os materiais de cada região mas sobretudo não espaço disponível. No decorrer dos séculos VI AC as velhas cidades eram já densamente povoadas , enquanto nas recém fundadas cidades havia imenso espaço livre, permitindo a aplicação de novas tipologias. [...]

⁶⁵ Jónios são um dos quatro povos que deram origem á cultura Grega, são os fundadores de enumeras cidades.

superior, que toma a forma de uma longa pedra quadrangular que tem o nome de capitel. São as chamadas colunas dóricas.

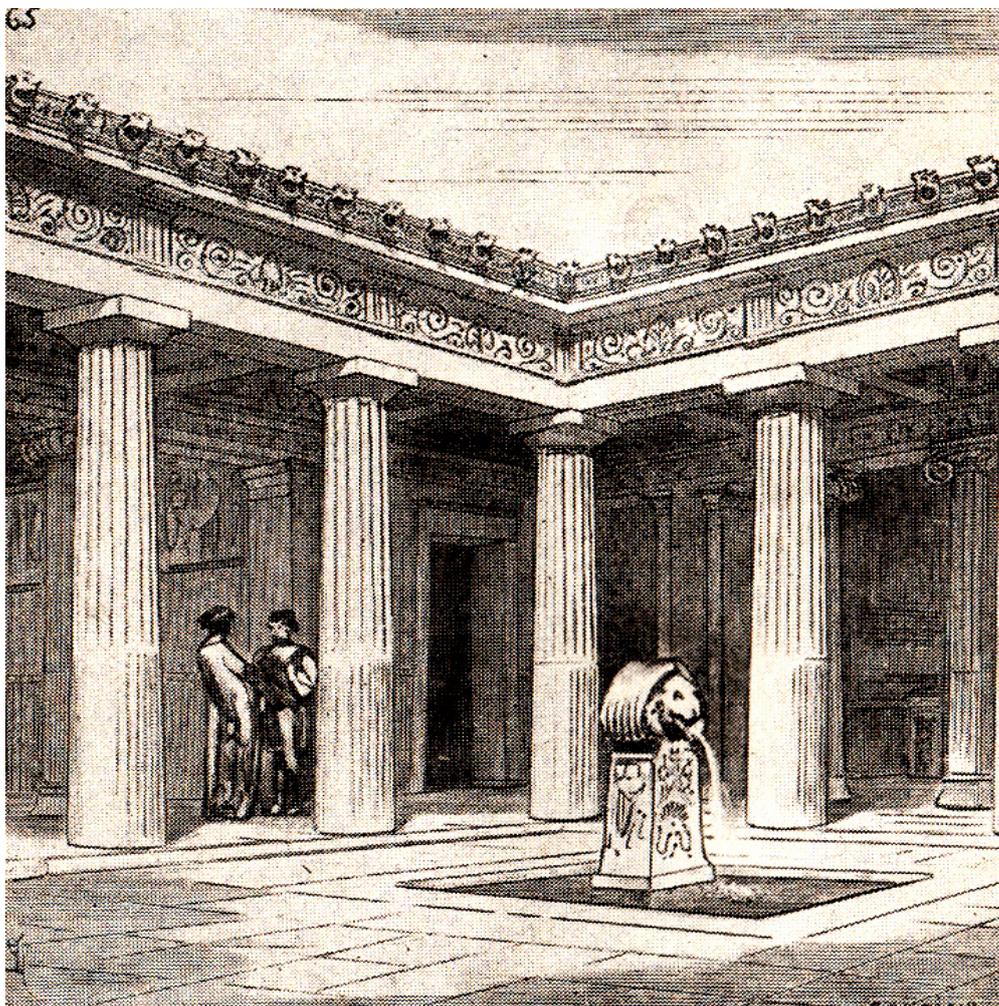


Ilustração 22 - Prespetiva de uma casa Grega. (Capitel, 2005)

Tendo sido os Jônios influenciados por vários povos mediterrâneos, não é de estranhar que a sua definição de casa seja uma mistura de conceitos Egípcios e Fenícios.⁶⁶ Na casa jônica encontramos, assim, elementos peculiares destas civilizações. A casa jônica era organizada numa sucessão de salas e, consoante a sua importância e a sua utilização, as dimensões alteravam-se. É fulcral perceber o porquê das várias dimensões e tamanhos, dos vários tipos de utilização e contextos, uma vez que foi este povo que fez a transição de culturas.

⁶⁶ Os Egípcios e os Fenícios são povos do mediterrâneo que até então detinham o controle e domínio de todo o comércio. Com o seu declínio deram lugar aos gregos e Romanos como os senhores dos mares.

A grande sala de entrada, destinada a receber as pessoas estranhas à família, lembramos, por exemplo, a grande sala que os arianos destinavam às reuniões. Entre a sala de receber as pessoas estranhas, e a sala da família, há um pátio que ocupa a parte central da casa. Este pátio tem, ao centro uma fonte que cai dentro de uma bacia de pedra. Por cima da fonte o teto é interrompido, deixando um espaço retângular através do qual se vê o céu e o ar penetra na casa.

A criação do pátio foi, para além de uma inovação na arquitetura habitacional, um momento de especial interesse por permitir a existência de dois propósitos essenciais: o de possibilitar uma maior entrada de luz e a circulação de ar, estando este em constante renovação. O pátio ateniense acaba também, de certo modo, por colaborar na leveza da casa, conferindo-lhe alguma dinâmica e quebras de ritmo.

[...] este pátio central da casa, por onde a luz do sol e o ar entram livremente, foi uma feliz inovação da arquitetura da época. É agradável, alegre e quebra a monotonia do conjunto, tornando-a mais arejada e mais higiénica. [...] (Pereira,1977 p.44)

[...] o pátio ateniense com a sua vastidão e equilíbrio arquitetónico, imprimi uma grande leveza a toda a casa.[...](Pereira,1977 p.46)

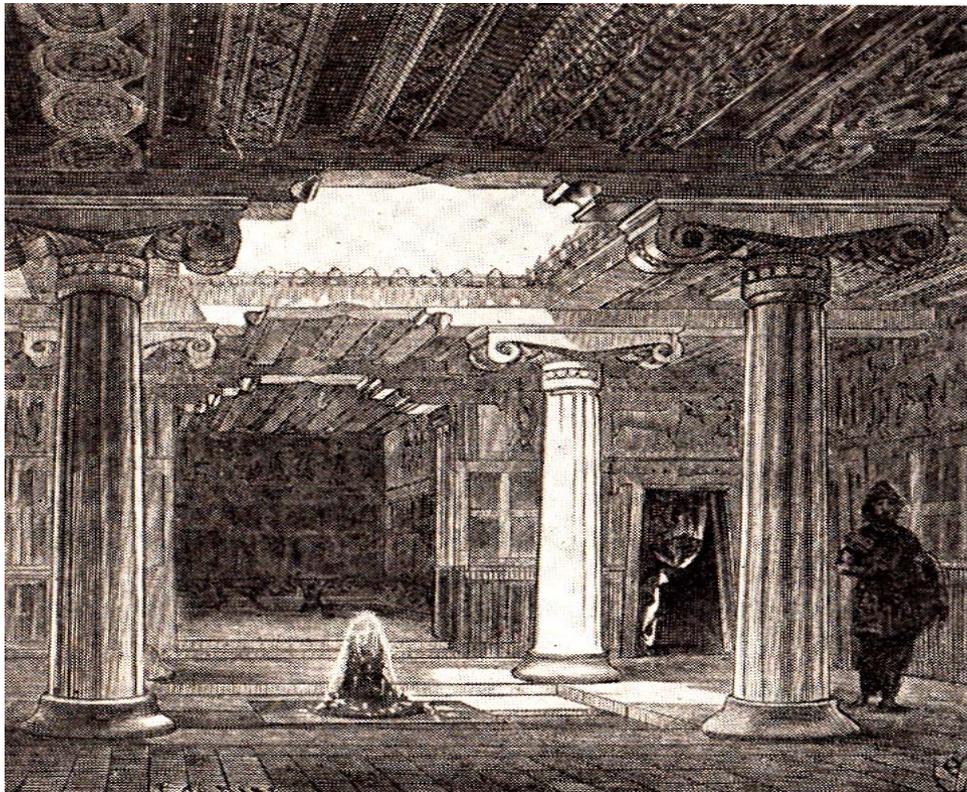


Ilustração 23 - Vista de um pátio Grego (Capitel, 2005)

Como referimos anteriormente, existem, no seguimento do pátio (agora denominado ágora), várias composições da casa grega. Os andrones e os gineceus são agora espaços rigorosamente definidos. São salas destinados a homens e a mulheres que, geralmente, serviam para receber convidados e pessoas importantes ou apenas como uma zona de lazer, como vimos anteriormente na casa da Erétria. Em seguida surge o triclinium, casa de jantar onde as grandes festas e refeições se passavam. Este pode ser considerado o segundo coração da casa, uma vez que na tradição grega, e mais tarde romana, estes momentos sociais diários eram essenciais para uma vida socialmente importante. Por vezes havia famílias com um maior poder económico e que tinham nas suas casas duas salas de refeições, o normal triclinium e o grande triclinium. Se a família possuía alguma riqueza esse mesmo triclinium era forrado com pinturas e mosaicos e com talhas de madeira ricamente decoradas, ilustrando episódios da mitologia grega.

Para além do pátio fica a parte da casa destinada e reservada, à família, onde também são admitidos os amigos íntimos. As grandes casas possuem ainda um grande triclinium, que é a vasta sala onde se realizam os banquetes que o dono da casa oferece aos seus amigos. Habitualmente, come com a família mas num pequeno triclinium. O grande triclinium tem o teto e as paredes forradas de madeira talhada ou coberta de pinturas.

A casa Grega constitui, assim, um bom exemplo de como o pátio se foi transformando e modificando ao longo dos tempos. O que era inicialmente um espaço vazio transformou-se num vazio nuclear, assumindo-se como o coração da casa.

Em pleno apogeu da civilização Grega, do outro lado do mar adriático, começou o crescimento da civilização Romana. Com o passar dos anos, a civilização Grega lutava para se manter unida e, ao mesmo tempo, progredir com a sua evolução cultural.

Numa realidade até então dominada pelos Gregos, os Romanos cresceram rapidamente, assumindo-se como os senhores do Mediterrâneo. Controlaram, assim, as rotas marítimas, usando em alguns casos a sua força conquistadora. Ao dominarem todas as culturas banhadas pelo mediterrâneo acabaram por enriquecer a sua própria cultura, tornando o que era dos Gregos, Fenícios e Egípcios como sendo seu.

A expansão para o ocidente criou novas cidades e novas rotas de comércio. Na verdade, em alguns casos, reabilitaram povoados existentes, tornando-os cidades

dignas deste nome, pois os povoados existentes não eram, muitas vezes, mais do que simples aglomerados de cabanas e algumas ruas sem ordem e organização. Os romanos procuravam dar o cunho da sua capital, Roma, às cidades conquistadas.

Foram os romanos que, nas províncias ocidentais do seu império, fundaram as primeiras cidades. Porque segundo eles até então as cidades “ [...] não obedeciam a qualquer ordenamento prévio, não constituíam ainda cidades dignas deste nome. A ocupação romana introduziu e impôs novos modelos que determinariam durante séculos o habitat humano. [...]”(Grimal,2008 p9)

“[...] A cidade romana trazia não só um novo habitat, mas também concepções destinadas a revolucionar o modo de vida tradicional e a organização política e social de toda a região. [...]”(Grimal,2008 p9)

A cidade era de tal modo fulcral importante para o império romano que tinha tanto peso como os exércitos. Isto significa que, no que à romanização dos povos conquistados diz respeito, quando um exército acampava para uma batalha, essa ocupação acabava por se tornar uma cidade.

Conhecidos pelo seu urbanismo rigoroso, os romanos usavam uma malha reticulada orientada sobre dois eixos. O cardos e o decumanos⁶⁷ partiam do centro para o exterior da cidade, perpendiculares um ao outro. Esta estratégia permitia que a cidade fosse mais facilmente organizada e, em caso de ataque, mais fácil de defender. A cidade romana revelou-se, mais tarde, a base da cidade medieval europeia. O aparecimento de praças e espaços livres junto aos edifícios públicos foi uma herança do povo grego. Contudo, a definição do espaço público em torno do fórum veio a verificar-se como uma mais-valia para o desenho urbano. À semelhança do que acontecia na Grécia, grande parte da prática arquitetónica de Roma era centrada nos edifícios religiosos. Os romanos deixaram, no entanto, um legado igualmente de grande importância no que diz respeito aos restantes edifícios públicos, atribuindo uma enorme importância aos grandes teatros, coliseus, aquedutos, termas, mercados e uma rede de estradas invejáveis. É importante salientar, relativamente a este tema, que a construção destes edifícios foi possível graças à tecnologia romana que possibilitou, entre outros factos, que este fosse o primeiro povo a usar o arco como sistema construtivo permitindo a construção em altura.

⁶⁷ O cardos e decumanos são as duas artérias principais no urbanismo Romano, partindo dos sentidos norte a sul e de este a oeste, a cidade Romana era organizada neste sistema.

Neste sentido, a construção civil Romana foi obviamente influenciada pela herança grega. Os romanos utilizaram como exemplo a casa grega e, redesenhando-a, tornaram-na naturalmente como sua.

Neste período de aparecimento da civilização romana a casa pátio grega é uma solução já consolidada e madura. Os romanos redesenharam, no entanto, a organização da casa privada. Enquanto os gregos reconstruíam num edificado já existente, os romanos começavam do zero a projetar as novas tipologias da casa pátio. O peristilo surge, aqui, como um elemento central a partir do qual que tudo se organiza. A relação espacial, quer a nível íntimo quer a nível social, é a chave do peristilo. Talvez por serem uma civilização mais avançada em termos tecnológicos, os Romanos deixaram testemunho de inúmeras tipologias habitacionais semelhantes às dos Gregos, passando também por um período de amadurecimento arquitetónico. Durante o período Etrusco⁶⁸ a casa pátio era bastante simples, não apresentando grandes variações. Mas, com o crescimento do império Romano, a sua casa tipo tornou-se cada vez mais complexa. A essência da casa pátio romana não foi alterada, renomeando-se o pátio, agora ladeado por colunas e com um espelho de água ao centro, metamorfoseado em peristilo. Sabemos que, na verdade, os gregos ensaiaram essa mesma hipótese. No entanto, só com os Romanos é que o peristilo atingiu todo o seu sentido.

A casa do Fauno, em Pompeia⁶⁹, parece-nos sintetizar a típica villa Romana. Podemos observar, aqui, diferentes tipologias da casa pátio e perceber o modo como os quatro pátios se relacionam entre si e com as restantes partes da casa. Estes quatro vazios nucleares são essenciais para a vida social do cidadão Romano.

O átrio de entrada constitui, naturalmente, o primeiro vazio nuclear. É, sem dúvida, uma clara herança Etrusca. Surge, em seguida, o segundo vazio, que de modo muito simples se aproxima do típico pátio Grego. Atravessando um corredor estreito entramos num pátio peristilo, já consolidado e de acordo com as regras clássicas Romanas. Este constitui um enorme peristilo ajardinado que, na verdade, podemos

68 Os etruscos eram um aglomerado de povos que viveram na península Itálica na região a sul do rio Arno e a norte do Tibre, mais ou menos equivalente à atual Toscana, com partes no Lácio e a Úmbría. Os Etruscos foram o povo que deu origem aos Romanos, sendo um povo muito rudimentar em relação ao que se viria a tornar o império romano.

69 Pompeia, foi outrora uma cidade do Império Romano situada a 22 km da cidade de Nápoles, na Itália, no território do atual município de Pompeia. A antiga cidade foi destruída durante uma grande erupção do vulcão Vesúvio em 79 d.C., que provocou uma intensa chuva de cinzas que sepultou completamente a cidade. Ela se manteve oculta por 1600 anos, até ser reencontrada por acaso em 1748. Cinzas e lama protegeram as construções e objetos dos efeitos do tempo, moldando também os corpos das vítimas, o que fez com que fossem encontradas do modo exato como foram atingidas pela erupção. Desde então, as escavações proporcionaram um sítio arqueológico extraordinário, que possibilita uma visão detalhada na vida de uma cidade dos tempos da Roma Antiga.

equiparar ao que hoje em dia conhecemos como um claustro de um convento. Cada vazio nuclear possui, assim, uma função. Tanto o atrium como o peristilo são elementos naturais na projeção da casa Romana e na casa do Fauno são, também, elementos essenciais na criação de ambientes e atmosferas distintas. Neste sentido, desde a pavimentação aos acabamentos, todos os pormenores contribuíam para a criação de espaços idílicos. Mesmo nas vilas campestres, os vazios nucleares eram criados visando a distinção de espaços marcando, em quase todos os casos, a diferença entre os domínios privado e público.

3.2. O PÁTIO E ALHAMBRA

“This is a palace of transparent crystal ; those who look at it imagine it to be a boundless ocean. Indeed, we never saw a palace more lofty than this in its exterior, or more brilliantly decorated in its interior [...]. And yet I am not alone to be wondered at, for I overlook in astonishment a garden, the like of which no human eyes ever saw.”⁷⁰
(Jones,1832,p22)



Ilustração 24 - Vista panorâmica do Alcazar e Alhambra. ((Imagem nossa 2013)

70 “Este é um palácio de cristal, aqueles que o olham imaginam um oceano sem fim. Na verdade, nunca se viu um palácio com tantos compartimentos, ou mais brilhante no seu interior [...] no entanto não estou sozinho a contemplar, pois eu já me maravilhei com o seu jardim, cujo-os olhos humanos nunca antes viram.” (Tradução nossa)

Alhambra, do Kal-´at al Hamra, que significa "o castelo encarnado ", constitui a zona nobre da cidade de Granada⁷¹. Foi mandado edificar pelo rei taifa ibn al-Ahmar⁷², primeiro da dinastia Naziré⁷³, numa zona estratégica, encontrando-se elevada em relação ao resto da cidade. Este facto contribuiu fortemente para que Granada tenha sido a última grande cidade do Al-Andaluz a ser conquistada pelos reis católicos, assumindo-se até muito tarde como refúgio para inúmeros muçulmanos que fugiam de Córdoba, Sevilha e Jaén.

O Alcazar⁷⁴ é composto por uma rede de muralhas defensivas edificadas em todo o seu perímetro onde surgem, pontualmente, enormes torres defensivas, sendo a torre Comares⁷⁵ a que mais se destaca. À cidade muralhada dava-se o nome de Medina. No interior das muralhas existiam palácios, banhos públicos, escolas e mesquitas. De todos os edifícios no interior da cidade muralhada o Alhambra e os seus jardins são, indubitavelmente, os mais imponentes e complexos.

[...] The Alhambra was much more than a Palace; it was a mini city composed by houses, offices, barracks, stables, mosques, baths, schools, cemeteries and many gardens. The best conserved area is the Royal House. The fact that the Alhambra is still on is miracle, because the Islamic people were aware of the things expiry, that is the reason why the Alhambra structure is so light. Despite this fact, the Alhambra has survived all these centuries; in comparison with other European monuments the Alhambra is a different building wich keeps the secret of the Granada architecture. (Burckhardt, 1922, p.47)

Existe uma relação muito especial entre o Alhambra e Granada, fazendo lembrar por vezes a relação que existe entre Atenas e a sua Acrópole ⁷⁶. A cidade palácio de Alhambra tem no seu interior um dos palácios mais representativos do estilo árabe presente na península ibérica.

71 Granada é uma cidade no sul de Espanha que se destacou na história como capital dos reinos muçulmanos Zirida (século XI) e Nasrida (séculos XIII a XV). Após a conquista pelos Reis Católicos, em 1492, manteve-se como capital do reino castelhano de Granada. Em 1984 a Grande atração da cidade o Alhambra foi considerado Património Mundial da Humanidade.

72 ibn al-Ahmar foi o grande mentor da construção do Alhambra. Foi o primeiro rei taifa de Granada.

73 A dinastia Nasrida foi a última dinastia muçulmana na península Ibérica, fundada por Maomé ibn al-Ahmar na sequência da derrota do Almóadas na batalha de Navas de Tolosa (1212), o que provocou o colapso do Califado de Córdoba em várias taifas, as terceiras na história política do al-Andalus. Foi a dinastia responsável pela construção da medina do Alhambra

74 O Alcazar é o nome dado aos palácios árabes.

75 A torre de comares é a torre mais conhecida de todo o palácio. O seu nome deve-se ao facto de estar assente sobre um importante sala do palácio, sala comares.

76 Quero com este ponto fazer um paralelo com o cuidado na escolha do local para a edificação do palácio Alhambra , á semelhança da cultura Grega que para a escolha da acrópole escolheu uma zona elevada para um melhor proteção



Ilustração 26 - porta de entrada no Alcazar de Granada. (Imagem nossa 2013)

Com a queda do califado de Córdoba, Granada passou a ser um reino taifa independente que, em pouco tempo, passou a rivalizar com os taifas de Córdoba, Jaén, Sevilha, Badajoz e Saragoça.⁷⁷ O reino taifa de Granada encontrou com ibn al-Ahmar um novo rumo. Tornou-se uma cidade independente e cada vez mais rica, talvez pelo facto de Íman Ibn Nasr ser um rei bastante culto e empreendedor. Em pouco tempo Granada tornou-se uma cidade rica e cheia de vida, e foi neste apogeu de riqueza e paz, que Imán Ibn Nasr mandou construir o seu palácio.

Curiosamente, anos antes no califado de Córdoba, Abderramão III , ordena a construção de uma nova cidade real, de seu nome Medina Azahara⁷⁸, e talvez

⁷⁷ Córdoba, Sevilha, Badajoz, Zaragoza e Jaén eram outros importantes reinos árabes na península ibérica.

⁷⁸ Medina Azahara, era uma cidade palatina ou áulica localizada a cerca de 5 km de Córdoba, em direção oeste, junto do Monte da Desposada . A sua construção começou no ano de 936 d.C. a mando de Abderramão III, primeiro califa do Al-Andalus, e os principais motivos da sua construção foram de índole político-ideológica: a dignidade do califa exige a fundação de uma nova cidade, símbolo do seu poder. No entanto viria a ser destruída e saqueada em 1010 por ocasião da fitna que levaria ao colapso do Califado. Este ataque riscaria a cidade do mapa durante quase um milénio.

influenciado pelo erro do califa de Córdoba, ibn al-Ahmar ordena que o seu palácio seja edificado no alto do Albacín ,na colina de la Sabika,⁷⁹ usando assim o terreno elevado como uma defesa natural. Agressivo e imponente mas ao mesmo tempo muito pitoresco, a fortaleza do Alcazar de Granada em nada deixa adivinhar a riqueza e subtileza que existe no seu interior, de certo modo a fazer lembrar os palácios Egípcios⁸⁰ que em todo o caso eram projetados de modo semelhante.

“[...] the severe but picturesque exterior of these towers gives no indication of the art and luxury within. They were formed externally, like the palaces of the ancient Egyptians [...]”⁸¹ (Jones, 2005, p. 23)



Ilustração 27 - jogo de água no Generalife. (Imagem nossa 2013)

Refletindo os ideais da cultura islâmica⁸², o Alhambra é um palácio pensado essencialmente a partir do interior para o exterior. Assim, ao invés do que acontece nos grandes palácios Europeus, não existe uma fachada principal. A ausência de uma

79 Albacín, é o nome do bairro histórico onde o Alhambra se encontra no cimo da colina la Sabika

80 A relação com os palácios Egípcios existe em termos espaciais uma vez que a arquitetura era primeiro pensada de dentro para fora.

81 “A aparência severa do pitoresco das torres do Alhambra em nada deixavam adivinhar a arte e o luxo no seu interior. Os palácios eram pensados exteriormente como os palácios do antigo Egipto” (Tradução nossa)

82 A cultura islâmica sempre foi muito fechada, e a sua arquitetura retrata na perfeição o seu modo de vida. Os aspectos sociais estão de tal forma identificados na arquitetura que facilmente a identificamos como um espaço árabe.

fachada com grandes vãos e um grande pórtico de entrada são exemplo disso mesmo. Assim, “[...] contrastando com todas las residências principescas de la Europa cristiana, la Alhambra no tiene fachada, no tiene eje principal, alrededor del cual estén dispuestos los edificios [...]” (Acedo,1999, p. 15). Não existem, também, grandes salas e tudo é pensado a uma escala e proporção muito mais próxima do Homem, relacionando-se de modo mais pessoal e criando um ambiente intimista. A organicidade do Alhambra contrasta em todos os níveis com o estilo de palácios Europeus da época. Na Europa os grandes palácios eram desenhados em geometrias regulares, no caso do Alhambra ele fora crescendo de modo solto e orgânico. Não queremos com isto dizer, naturalmente, que não exista uma lógica espacial pensada e hierarquizada uma vez que, pelo contrário, no meio de salas e divisórias, os pátios do Alhambra surgem como espaço nuclear, conferindo sentido a todo o edificado. Deste modo, mais do que salas abertas ao exterior sem cobertura, os pátios funcionam como elo de ligação entre todas as dependências do palácio. A arquitetura destaca, aqui, que “O que importa não é a verdade, a beleza ou a justiça de cada coisa olhada isoladamente; o que importa é o que resulta da relação entre as coisas, da ligação entre as coisas.” (Tavares, 2008, p. 3)



Ilustração 28- vista do pátio dos Arreyes. (Imagem nossa 2013)

Tudo foi pensado de modo à criação de um ambiente perfeito, paradisíaco havendo sempre especial cuidado para a lógica espacial

“[...] no hay alineamiento de salas por las que se va passando de uns en outra, desde el prelúdios hasta la apoteosis final. En lugar de ello se entra en cada uno de los pátios interiores, alrededor de los cuales se agrupan las habitaciones como por casualidad, passando por pasillos escurridizos [...]”⁸³ (Acedo, 1999, p.15)

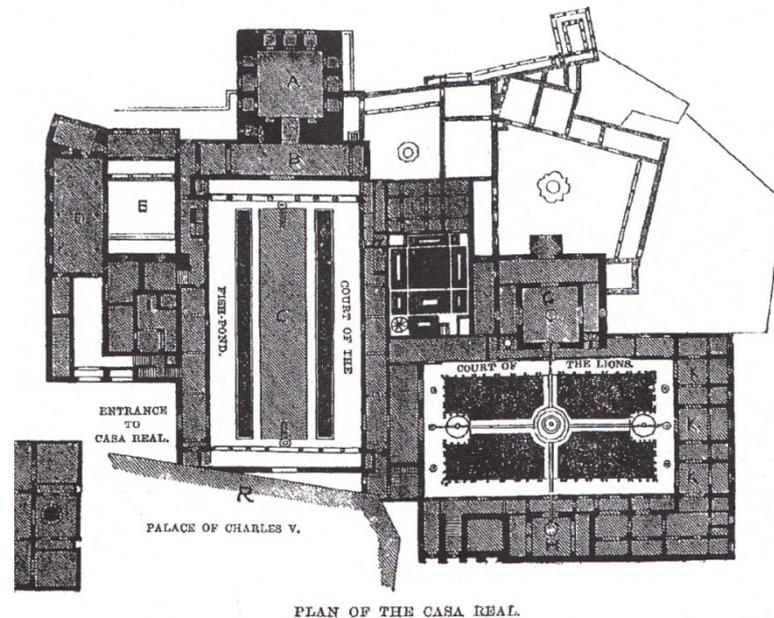


Ilustração 29- planta do palácio Alhambra. (Jones 1911)

A cidade real de Alhambra é então composta por uma rede de muralhas e torres defensivas, sendo o palácio Nasrida o esplendor da cidade real. A entrada no palácio é feita por uma pequena porta lateral junto ao pátio dos Arrayanes⁸⁴. Pensa-se, no entanto, que existia uma entrada de dimensões consideráveis onde atualmente se encontra o palácio de Carlos V⁸⁵.

Apesar do palácio em estudo ser facilmente compreendido num todo, podemos distinguir três momentos que se refletem em atmosferas diferentes. Estes constituem o pátio dos Arrayenes, o pátio dos Leões e o Mexuar. A ordem apresentada prende-se à visita feita ao edifício, distanciando do antigo modo de visitar o palácio. Tendo sido projetado dentro do estilo árabe, de dentro para fora, torna-se igualmente importante destacar os espaços vazios aqui existentes, essenciais ao seu estudo e compreensão.

⁸³ “Contrastando com todos os palácios da Europa católica, o Alhambra não tem fachada, não tem eixo principal ao redor do qual todo o palácio se organiza. Não há alinhamento das salas, passa-se de uma para a outra, desde do início até ao fim. Em vez disso existem pátios interiores em torno dos quais se agrupam as habitações atravessando passagens cruzadas(...) mas a arquitetura clássica europeia preocupa-se sempre com o sentido posicional dos volumes estáticos e a este propósito assemelhamos uma coluna a um corpo humano

⁸⁴ O grande pátio de recepção do Alhambra. O seu nome provinha da flor que ali havia Arreyne.

⁸⁵ O palácio de Carlos V foi o primeiro palácio dos reis católicos construído no interior da Medina de Granada. De certa forma o palácio acabou por desrespeitar a presença da cultura muçulmana uma vez que invadiu o espaço do Alhambra.

Estes vazios transformam-se, em muitos casos, em pátios capazes de conferir ao palácio ritmo e diversidade na criação de espaços e ambientes, ajudando acima de tudo na distribuição das zonas divisórias onde muitas vezes se estabelecia a fronteira entre a zona privada e a zona pública.



Ilustração 30- Aspeto geral do pátio dos Arreyes, Atmosfera e Ambiente. (Imagem nossa 2013)

Ao entrarmos no primeiro grande pátio somos imediatamente confrontados com a realidade de um espaço completamente distinto do exterior. Os nossos sentidos são postos à prova. O som da água, marcado pelo ritmo dos repuxos que caem da bica, o cheiro delicado dos Arrayán⁸⁶, de flor branca e que se mantinham verdes o ano todo (e que dá o seu nome ao Pátio Arreyanes), a luz que irradiava do espelho de água. Este sentido remete-nos para um mundo pleno de significado, cumprindo aquele que é o propósito da arquitetura, o habitar. “[...] “dwelling”, in an existential sense, is the purpose of architecture. Man dwells when he can orientate himself within and identify

⁸⁶ O Arrayan (*myrtus communis*) era uma flor de aroma agradável muito usada nos pátios árabes.

himself with an environment, or, in short, when he experiences the environment as meaningful.”⁸⁷ (Schulz, 1979, p. 5).

O primeiro contacto físico com o Alhambra ocorre logo após a entrada para uma nova realidade do mundo árabe, o já mencionado Pátio dos Arrayenes. “[...] El pátio debe su nombre actual a los setos de este arbusto que flanquean la alberca. Verdea en todas las estaciones y exhala un agradable perfume al frotar sus hojas”⁸⁸ (Jones, 2005, p. 23)



Ilustração 31- aspecto do pátio dos Arrayes, em evidência a Torre Comares. (Imagem nossa 2013)

A sua planta retangular, enriquecida pela existência de um espelho de água com cerca de trinta centímetros de altura ao centro, procura acelerar o efeito de perspectiva, uma vez que numa das extremidades deste pátio se encontrava a imponente torre

⁸⁷ “[...] habitar, num sentido existencial, é o propósito da arquitetura. O homem habita quando se consegue orientar e identificar com o ambiente que o rodeia ou quando o experiencia como significativo.” (Tradução nossa)

⁸⁸ “[...] O pátio deve o seu nome às flores que rodeavam o espelho de água. Verdejante durante todas as estações do ano, ele deita um aroma agradável das suas flores e folhas.”

Comares, que se pretendia enfatizar, tornando-a ainda mais imponente e transmitindo a sensação de frescura através do som da água. A ideia de cenografia presente neste espaço constitui uma herança da cultura

O pátio dos Arrayenes é, sem dúvida, um espaço absolutamente deslumbrante, cheio de pormenores ricos. O mármore e estuque são trabalhados com uma leveza impressionante, dando a conhecer a inegável qualidade dos seus artesões. Tudo foi pensado de modo a criar um ambiente divinal, pondo à prova todos os sentidos.

“[...] whilst within, the fragrant flowers and running streams, the porcelain mosaics and gilded stucco-work [...]” (Jones 2005, p. 23)⁸⁹



Ilustração 32- o espelho de água do pátio dos Arrayes (Imagem nossa 2013)

Curiosamente neste mesmo período eram construídos, por toda a Europa, grandes castelos e catedrais que se elevavam à conquista dos céus, assumindo um carácter

⁸⁹ “[...] no pátio o aroma das flores, o som das água, a porcelana e o estuque [...]” (Tradução nossa)

fortemente vertical. As paredes espessas e os contrafortes eram elementos estruturantes característicos de uma arquitetura estática e pesada. No Alhambra verificamos precisamente o oposto, encontrando um palácio construído sobre a água e com água. A importância deste elemento é tão fulcral no Alhambra, nomeadamente no pátio em estudo, e na cultura árabe⁹⁰ que o rei taifa ordenou que o rio fosse desviado com o propósito de proporcionar constantemente água fresca ao Alhambra. “(...) cuando en el resto de Europa se hacían castilhos en el aire, en Granada se hacían palacios sobre el agua(...)” (D. Jesús Bermúdez)

O pátio dos Arrayanes era o centro de toda a vida diplomática e política da cidade real, era o centro do poder e do reinado taifa de Granada. Aqui eram recebidos embaixadores e comerciantes importantes onde após entrarem no pátio seguiam em direcção à outra extremidade entrando na sala dos embaixadores, mesmo debaixo da torre Comares, personificando assim a entrada oficial dentro do novo mundo e de uma nova cultura. O pátio dos Arrayanes é então o verdadeiro portal de entrada no mundo privado do Alhambra.

Ao continuar a percorrer o interior do palácio apercebemo-nos facilmente que não existem corredores. Na época os salões repetiam-se sucessivamente, originando um enfiamento de salas como acontece, por exemplo no solar Mateus em Vila Real. Era um jogo de salas que, organizadas e dispostas em tornos de vários pátios, criavam e proporcionavam diversos ambientes. Por vezes a luz e o som que provenientes dos pátios sentem-se como matéria, construindo uma composição espacial, assumindo uma enorme importância no entendimento da obra e na sua vivência. Ao longo de todo o palácio vamos sentido a presença da água. Ou através do eco nas salas ou através dos pequenos pátios a água é sempre uma presença constante.

⁹⁰ A água na cultura árabe foi desde sempre sinónimo de purificação. Está sempre presente em numerosos edifícios árabes desde da simples casa á grande mesquita.



Ilustração 33 - pormenor do circuito de água numa das salas do Alhambra. (Imagem nossa 2013)

Uma vez percorridas as várias divisões sociais e administrativas entramos numa sala chamada Sala das Hermanas. Foi a primeira sala a estar completa aquando da construção do pátio dos Leões. É uma sala extremamente rica que contém baixos-relevos e azulejos com cores fantásticas. Desta sala parte um ponto de água que, seguindo por um percurso que nos acompanha, vai descendo degraus até entrar na fonte dos leões. Constitui, assim, um ponto de água interior que procura dar frescura à sala e, através do som, potenciar um ambiente calmo. Nos outros lados do pátio a situação repete-se.

No enfiamento desta sala entramos num mundo novo, uma realidade ainda mais subtil e deslumbrante do que no pátio dos Arrayanes, o já referido Pátio dos Leões.



Ilustração 34- Vista do pátio dos leões (Imagem nossa 2013)

Entramos então no pátio dos leões⁹¹ O pátio dos leões é o coração da Alhambra. O seu nome deve-se ao facto de ao centro do pátio haver uma pia assente em esculturas de leões e de onde poeticamente o som da água transmite um paz interior ao entrar neste local.

O pátio não é especialmente de grandes proporções, 30 metros por 15 metros. Aproximando-se da forma perfeita do retângulo de ouro⁹²

“(...) It is a parallelogram of 100 feet by 50, and is surrounded by a portico, with small pavilions at each end. The pórtilco and pavilions consist of one hundred and twenty-

⁹¹ O pátio dos leões é o ponto alto de todo o palácio. O pavimento e as colunatas são todas elas em mármore branco de Almeria.

⁹² O retângulo de ouro era uma forma geométrica perfeita a partir da multiplicação das partes dos quadrados.

eight columns, supporting arches of the most delicate and elaborate finish, still retaining much of their original beauty; the various colours, however, of the ornaments are wanting.[...]93 (Jones,2005,p33)

A sua função de organizar e distribuir, servindo as salas mais importantes do palácio é extremamente importante. Em torno do pátio dos leões e junto às várias dependências e salas, existe uma corredor, ladeado por cerca de 128 colunas, parecendo por vezes uma floresta de colunas. Colunas e pórticos que ainda hoje conservam a sua beleza e esplendor, neles estavam desenhados motivos florais e passagens do Corão, uma vez que na cultura árabe a figura humana não podia ser reproduzida. Em cada lado do pátio, havia ao centro pequenos pavilhões que marcavam o início de um sublime e refrescante percurso de água

[...] Al aparecer por la puerta de entrada –hoy desde Arrayanes, antaño por la esquina suroeste- se produce el despliegue progresivo y lento de la belleza del pátio en cualquiera de los dos sentidos de la marcha a que obliga el claustro formado por las columnas. Se abre ante el visitante un bosque de columnas que . poco a poco, al ir andando, semejan los flecos dorados de un encage colgado del cielo ACEDO, La Alhambra de Cerca pp99⁹⁴



Ilustração 35 - Pátio dos leões (Imagem nossa 2013)

⁹³ “(...) é um retângulo de 100 pés por 50, rodeado por completo por uma colunata, com pequenos pavilhões em cada canto. Ao todo entre os pavilhões e em torno de todo o claustro há 128 colunas que suportam os arcos que são ricamente trabalhados, que mantem ainda a sua beleza original, as várias cores contundo com o tempo estão a desaparecer (...)” Jones, the Alhambra court



Ilustração 36- o pátio dos leões (Imagem nossa 2011)

O arquiteto Owen Jones fez a meu entender uma observação bastante curiosa, quando afirma que o pátio dos leões é mais do que um simples pátio ladeado por um deambulatório por entre uma floresta de fustes e capiteis. Intrigado pelo facto de haver uma alternância nas colunas (2x1x2) ele questiona-se se de facto todavia o pátio fora assim originalmente, no entanto se olhar-mos para o espaço sem colunas percebemos rapidamente que existe uma relação muito forte entre o espaço vazio e físico, marcado pelas arcadas e pelas inúmeras salas.



Ilustração 37- a floresta de colunas no pátio dos leões (Imagem nossa 2013)

Por vezes, devido á sua extrema decoração e riqueza, há quem considere que este pátio é apenas um espaço sem caracter de permanência ou de estadia onde ao centro se encontra apenas um ponto de água. Na verdade, este pátio devido a essa sua riqueza e subtileza pode por vezes esconder o seu propósito final, mas é um lugar onde em cada coluna podemos encontrar uma identidade, uma história, uma vivência. É dessas vivências que espaços como o pátio vivem na arquitetura. O pátio dos leões é um espaço de romance e de permanência, um espaço de estar e de percorrer. Liga pontos de estar no palácio, contudo é o facto de ser uma sala a céu aberto que o torna especial, que torna o pátio dos leões num lugar de contemplação e de reflexão. Neste especto muito perto do conceito da religião católica, assim como os claustros tem como principal função de ser um bocado de céu na terra, servindo igualmente de elemento distribuir de dependências e serviços, aqui no pátio dos leões encontramos igualmente essa função bem como o de permanência e de ser um lugar de estar. Partilha de uma relação bastante íntima e romântica com o pátio dos Arreyes, onde de modo poético podemos afirmar que é uma personificação do Homem.

No pátio dos leões eram frequente haver um músico tocando e cantando passagens do Corão, ou então contando histórias de amor e de grandes conquistas militares. Há quem considere, devido a tanta riqueza e detalhe, esta parte do palácio a zona mais feminina de todo o Alhambra. “ [...] El espácio em la Alhambra es abierto como en el

desierto donde hasta la intimidad está bajo las estrellas. El pátio de los leones no es una casa com jardín sino un jardín com casa . [...]”⁹⁵ (Jones,2005,p45)

É um mundo completamente distinto do exterior do palácio, da “fortaleza vermelha”. Esta alcunha deve-se ao facto de ser uma castelo construído em tijolo, mas que no seu interior é de uma riqueza e subtileza incomparáveis. Curiosamente a grande razão para o palácio ter sido todo ele edificado em tijolo é o facto de os árabes não acreditarem numa arquitetura para sempre. Nós só estamos ca de passagem deste mundo e nada é verdadeiramente para sempre. De certo modo mostra alguma preocupação com a sustentabilidade, na procura de materiais que fossem rápido de construir e fáceis de manter.



Ilustração 38- aspeto geral do Alhambra no cimo da colina "la Sabika"(Imagem nossa 2013)

Ao longo de todo o palácio vamos sempre encontrando pequenos pátios, que apoiam na distribuição e na circulação do Alhambra. São pequenos pátios que anunciam o que irá acontecer, de certo modo prepara o visitante para vivências e sensações que irá sentir á medida que vai visitando este espetacular palácio. Na zona de Mexuar, a parte mais velha da Alhambra, há dois pátios com uma enorme importância, que de certo modo servem de antecâmara para o que virá acontecer ao longo do palácio.

O pátio da Machuca, muito semelhante ao pátio dos leões, é dos primeiros contactos físicos que temos com o Alhambra. O pátio “del cuarto dorado”, é outro pequeno lugar no meio do edificado físico do Alhambra, esse sim serve claramente de enunciação para o contacto que irá ocorrer uma vez atravessado o pátio. Talvez por ser um pátio de pequenas dimensões e com alguma profundidade não fosse usado como uma sala,

⁹⁵ “(...) o espaço do no Alhambra é aberto como num deserto, de onde se encontra a intimidade debaixo das estrelas. O pátio dos leões não é uma casa com jardim, mas sim um jardim com casa

contudo a presença de um ponto de água⁹⁶ torna este quadrado rígido mais suave e acolhedor.



Ilustração 39- pátio mexuar, vista noturna. (Imagem nossa 2013)

Para todos os efeitos o Alhambra é aquilo a que chama-mos de palácio de sensações⁹⁷. Aspeto esse que consideramos diretamente relacionado com o mistério da arquitetura árabe que vive muito da criação de ambientes e de momentos.

[...] the Moors regarded what we hold to be the first principle in architecture , to decorate construction , never to construct decoration : in Moorish architecture not only does the decoration arise naturally from the construction, but the constructive never follows decoration, its the other way round.“ Jones, Owen ; The Alhambra Court 2005 p34

É na verdade um palácio cheio de momentos e de ritmos, quase como uma musica com vários sons e vários níveis de intensidades. De todos os edifícios que conhecemos o Alhambra é provavelmente aquele que se aproxima de modo mais claro da melodia de uma música. Em cada pedra em cada pormenor estético, encontra-mos uma história e uma vivência. Na verdade é desses pequenos grandes pormenores que a arquitetura deve ser pensada, dando assim consequência a um todo que de modo poético funciona de modo racional e no caso do Alhambra de modo orgânico. Aliado

⁹⁶ Na verdade por todo o Alhambra a presença da água faz-se notar, desde simples fontes a pequenos percursos a água está sempre presente.

⁹⁷ Todos os nossos sentidos estão constantemente á prova. O olfato, através do aroma das flores, o tato através dos diferentes tipos de materiais, o som através da musicalidade da água.

ao facto de ser como um oásis na montanha, o Alhambra é um palácio com uma identidade muito própria, tem na água o seu maior diversificador espacial. A presença água, como temos vindo a ver, é trabalhada, usada e sentida de mil e uma modos, muitas vezes ouve-se e sente-se apenas o som da fonte, mesmo sem vendo a água transmite-nos uma sensação de frescura. É matéria construída e pensada, na verdade o rio fora desviado para que este palácio flutuante fosse criado.⁹⁸

[...] El agua es la vida misteriosa de la Alhambra; produce la vegetación exuberante de los jardines, el esplendor de los arbustos florecientes, descansa en la albercas que reflejan las elegantes salas porticadas, chisporroteas en las fuentes y corre murmurando, dentro de las salas reales.[...] (Burckhardt; 1876 The Moorish art in Spain pp 72⁹⁹)

Um pouco mais acima da zona do Alhambra, foi edificado um pequeno palácio de veraneio, o generalife. É um pequeno palacete que fora pensado lado a lado com a presença de água. Aqui podemos testemunhar de modo vincado a presença da água. Tendo tanto de água como de construído o Generalife¹⁰⁰ é o expoente máximo da arquitetura da água na terra.



Ilustração 40- pormenor da bica no pátio dos Arrayes (Imagem nossa 2013)

⁹⁸ A água é sinónimo de vida no Alhambra. De modo personificado é como se do coração (pátio dos leões) saíssem as veias para o resto do palácio,

⁹⁹ “ (...) a água é vida misteriosa do Alhambra, da vida a vegetação exuberante dos jardins, o esplendor dos arbustos, descansa nos espelhos de água(pátio dos arrayes) que reflectem as elegantes salas colonadas, correm nas bicas das fontes e segue murmurando por todo o palácio real. Burckhardt; 1876 The Moorish art in Spain pp 72⁹⁹

¹⁰⁰ é uma vila-palacio de verão, com jardins utilizada pelos nasridas muçulmanos do Reino de Granada como lugar de descanso, situada um pouco mais norte do palácio Alhambra. Foi concebida como vila rural, onde jardins ornamentais, onde hortos e arquitectura se integravam. A origem do nome está discutida. Generalife se encontra aos pés da cadeia montanhosa de Serra Nevada, de onde se pode ver toda a cidade. É igualmente um palacio construído com água!

A todos os níveis o Alhambra e os seu pátios são um excelente exemplo daquilo a que chamamos de uma arquitetura intemporal. Sem idades e sem rótulos pré definidos o Alhambra é uma fonte de inspiração, é um caso de estudo que teve no meu projeto final um papel determinante e fulcral na organização espacial dos vários sistemas. Na verdade o essencial da arquitetura moderna está todo presente no Alhambra. Fechando os olhos a alguma decoração excessiva aqui podemos testemunhar aqui a sensibilidade de um arquiteto de um povo.

[..] El parentesco entre este edificio del siglo XIV y la arquitectura actual más avanzada es, en algunos puntos, asombroso : coinciden en la aceptación del módulo humano, en la manera asimétrica, pero orgánica, de componer las plantas, en la forma de incorporar el jardín y el paisaje al edificio, en el uso económico y estricto sin adiposidades plásticas de los materiales y en tantas cosas más, que sería largo enumerar. "(ACEDO, Aurélio Cid , La Alhambra de Cerca pp10) ¹⁰¹

No início do século XX Le Corbusier encontrou no Alhambra algumas inspirações importantes para a sua obra da Cidade Moderna, prova que apesar dos mais de 500 anos de diferença o Alhambra ainda tem muito a ensinar.

"(...) El suizo Le Corbusier encontro ya plasmada en este monumento su definición de la Arquitectura moderna como el juego inteligente, correcto y magnífico de volúmenes unidos bajo la luz, teoría que establece como ideal en su Cité Moderne 1922. En sus construcciones intenta llevar el jardín y el paisaje a los interiores, y su modulo es siempre la altura del hombre (...)"ACEDO , La Alhambra de Cerca pp11 ¹⁰²

O Alhambra é o expoente máximo de toda a arquitetura mudejar na península ibérica, citando Wasington Irving "a most picturesque and beautiful city, situated in one of the loveliest landscapes that I have ever seen ".¹⁰³ Seguir e interpretar Owen Jones revelou-se de certo modo um grande apoio na compreensão deste mundo cheio de segredos. Conhecer o Alhambra revelou-se para nós uma experiência enriquecedora. Conhecer o palácio e as suas histórias foram momentos únicos. Viver os contos de

¹⁰¹ "(...) O parentesco entre este edificio do séc. XIV com a arquitetura atual mais avançada é em alguns pontos de vista assombroso : coincidem na na aceitação do modulo humano en na maneira assimétrica, mas orgânica de projetar as plantas, e de incorporar o jardim na paisagem com o edificio, num uso económico tendo em conta os materiais usados. (...)"

¹⁰² (...) o suíço Le Corbusier , encontrou no Alhambra a definição de arquitetura moderna como um jogo inteligente, correcto e maginifico de volumes, projetados sob a luz, teoria essa que estabelece mais tarde com a o seu ideal da cidade moderna 1922. Nas suas construções procura levar o jardim e a paisagem aos interiores, e o seu modulo sempre á altura do homem(...)ACEDO , La Alhambra de Cerca pp11 ¹⁰²

¹⁰³ A propósito do Alhambra Owen Jones escreve, "(...) o sitio mais pictoresco e cidade bonita, situado numa das paisagens mais bonitas que conheço(...)" Owen Jones.

Washington Irving no local onde ele os escrevera foi o culminar de toda a visita. No entanto como nós sabemos a arquitetura é feita de momentos, de experiências e felizmente quando visitei o palácio Nazaríe tive a oportunidade de o visitar igualmente de noite e assim sem o ruído das multidões fui capaz de sentir o espaço de uma modo completamente distinto. Visitar o palácio praticamente sem alguém foi na verdade algo de marcante. Fomos capazes de nos deixar levar pela musica do Alhambra. Quase que se sentia o eco do som da água a cair da bica. Os ritmos do Alhambra eram na verdade todos eles mais nítidos, talvez devido ao facto de não haver barulhos.

Concluindo, todo o palácio do Alhambra foi um exemplo extremamente fulcral para a minha formação como arquiteto. Foi um experiencia do modo como sentir o espaço. Acima de tudo foi uma jogo de sentimentos e sensações, e são muito poucos os edifícios aqui tectónicos capazes de transmitir esta sensação. Foi um testemunho que inevitavelmente influenciou todo o meu projeto final, sobretudo pr ser uma arquitetura que poe á prova todos os sentidos. Arquitetura sensorial.

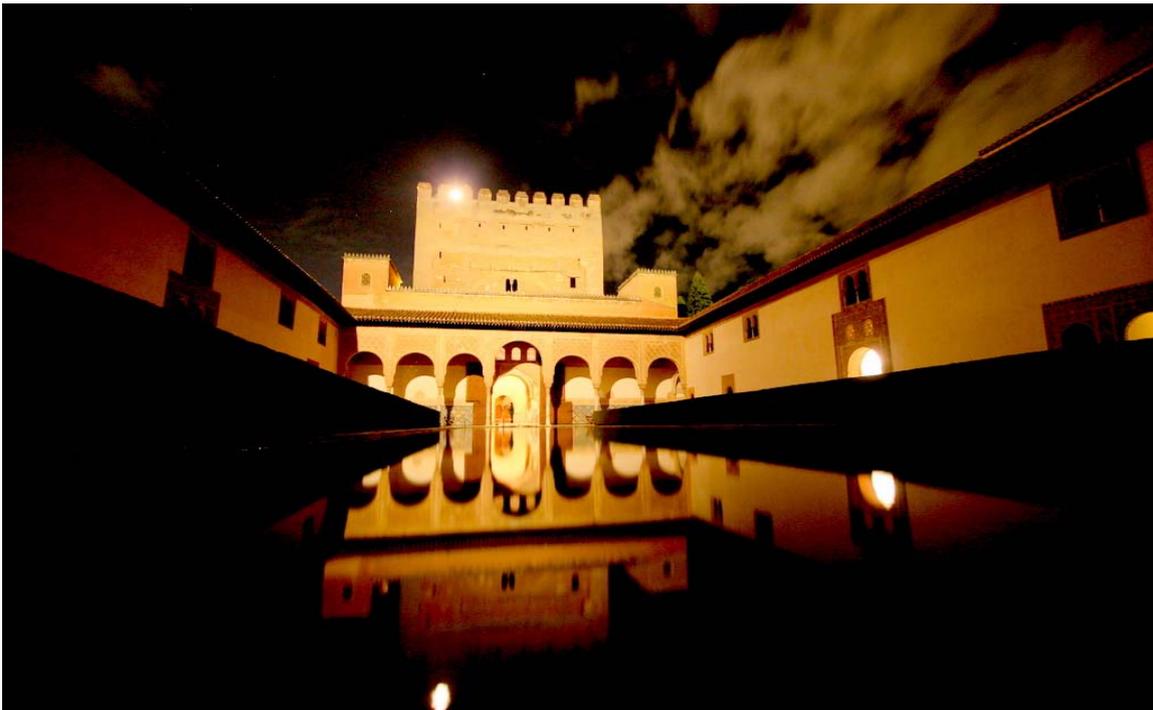


Ilustração 41- o Alhambra à noite, um experiência única. (Imagem nossa 2013)

3.3. AS CIDADES PÁTIO

A cidade é, por definição, um lugar onde o Homem habita. No entanto, no nosso entender, podemos compreendê-la num sentido mais sensível, ligando-a à vida humana e ao modo como esta se desenrola neste palco. Começamos, então, por analisar a definição de cidade, utilizando-a como ponto de partida.

1. Povoação que corresponde a uma categoria administrativa [...].
2. [Por extensão] Conjunto dos habitantes dessa povoação.
3. Parte dessa povoação, com alguma característica específica ou com um conjunto de edifícios e equipamentos destinados a determinada actividade (ex.: *cidade alta*; *cidade universitária*).
4. Vida urbana, por oposição à vida no campo (ex.: *ele nunca gostou da cidade*).



Ilustração 42- o triangulo Andaluz e os pátios de Medinat Al Zahara. (Imagem nossa 2013)

A cidade é, deste modo, um lugar construído pelo Homem. É composta por sistemas de relações que estabelecem a ligação entre vários pontos onde Homem e espaço dialogam. Constitui, assim, “[...] a parte da natureza que já foi medida. Medir é colocar ordem no confuso, sem quantificar não me oriento: perco-me.” (Tavares, 2008, p. 3). É revelada, neste sentido, a sua capacidade de oferecer ao Homem espaços plenos de significado, permitindo a sua identificação e o sentimento de segurança. Porque, como sabemos, “[...] o homem perdido tem medo.” (Tavares, 2008, p. 3). É, então, através da cidade que o ser humano materializa a sua alma¹⁰⁴, espelhando o seu modo de habitar e procurando o conforto e a estabilidade. Podemos considerar a cidade “[...] a natureza a que retirámos o medo, como se este fosse uma substância, e esta substância desaparecesse com o ato de medir.” (Tavares, 2008, p. 3). Cidade é sinónimo de vida, constituindo o palco para o quotidiano de quem se envolve no vazio e no construído, no espaço privado e no público, comunicando com o que o rodeia.

No âmbito desta dissertação procurámos abordar a relação entre o modo de habitar e a construção em sistema de pátio. Pretendemos, mais do que interpretar as vivências das várias cidades visitadas e narradas, dar a conhecer a nossa visão e, essencialmente, nosso sentir dos espaços em estudo.

Córdoba, Sevilha, Granada, Roma, Florença e Siena foram algumas das cidades que nos despertaram muito interesse no decorrer desta dissertação. Do mesmo modo que é impossível datar o início do pátio como modo de construir, a cidade pátio não tem época ou estilo. O pátio na cidade ganhou um outro contexto, uma outra realidade, aqui passou a chamar-se de praça. A cidade é como vimos o lugar do Homem, e ao longo dos tempos foi sempre havendo períodos e épocas em que haviam numerosas alterações espaciais.

Foi no período medieval¹⁰⁵ que a cidade pátio ganhou uma regra e um modo de projetar. A criação de três grandes pátios (que há escala da cidade são praças) representativos de serviços da cidade. O do poder, com o pelourinho ao centro; a do mercado, igualmente com um poço ao centro, e a do poder religioso em frente à Igreja matriz. Estes três pátios da cidade são, há semelhança das casas pátio, um balão de oxigénio, um vazio nuclear no meio do tecido urbano.

¹⁰⁴ “Que criação augusta, a da Cidade! Só por ela, Zé Fernandes, só por ela, pode o homem soberbamente afirmar a sua alma!...” (Queiroz, 1969?, p. 19)

¹⁰⁵ A Idade Média é um período da história da Europa entre os séculos V e XV. Inicia-se com a Queda do Império Romano do Ocidente e termina com o surgimento do renascimento.

Nos séculos, XV e XVI o Homem do renascimento¹⁰⁶ veio redesenhar o conceito de espaço publico, a praça tornou-se um elemento cada vez mais essencial no quotidiano do Homem. Mais tarde com a contra reforma da igreja surge o barroco¹⁰⁷ que manteve os mesmos princípios espaciais da praça do renascimento, contudo com uma decoração bastante mais excessiva. Uma das grandes obras do renascimento foi a reestruturação urbana de Roma. O plano de Sisto V¹⁰⁸ veio criar uma rede de praças que romperam com o tecido urbano da antiga cidade.

Mais tarde com o a entrada na era moderna assistimos a uma revolução no modo de pensar a praça. A praça deixou de ser uma espaço central que liga diversos pontos da cidade, a praça tornou-se mais banal e o seu conceito foi perdendo-se pouco a pouco.

No que diz respeito á presente dissertação, a cidade árabe presente na península ibérica é o melhor exemplo para ilustrar o conceito de cidade pátio.

Tendo como a cidade do triangulo Andaluz¹⁰⁹ como exemplo somos capazes de perceber a verdadeira essência da cidade pátio. Desde da escala da casa do Homem até a escala da praça da cidade somos confrontados diferentes realidades e contextos. A relação da casa privada com o espaço público do pátio da cidade é muito semelhante á da casa pátio com as restantes dependências.

Tendo a cidade de Córdoba como exemplo , podemos na verdade testemunhar as diferentes relações e escalas.

106 Renascimento foi o movimento artístico e cultural que veio romper com os ideais do período medieval. O berço do renascimento foi em plena Itália estando este estilo intimamente ligado á herança do período clássico, Romano e Grego.

¹⁰⁷ O barroco surge no seguimento do renascimento e tem como por lema o “horror ao vazio”. É um estilo que está intimamente ligado á reforma da igreja. É o resultado do concilio de trento.

¹⁰⁸ Sisto V foi o papa que veio revolucionar toda a cidade de Roma com a criação do seu famoso plano urbanístico chamado o tridente.

¹⁰⁹ Triangulo andaluz é uma alcunha que se dá ás três cidades de origem árabe na província da andaluzia., são elas Córdoba, Sevilha e Granada.

Córdoba.



Ilustração 43- imagem tirada do livro “Pátio cordoveses” os vazios nucleares de Córdoba(Giménez,2001)

A origem de Córdoba leva-nos a uma viagem pelo período pré-romano¹¹⁰. Este trabalho pretende, no entanto, destacar a influência deixada por este povo que se

¹¹⁰ Período pré-romano em Córdoba é marcado por vestígios de origem Fenícia

revelou capaz de metamorfosear um simples povoado numa cidade extremamente rica no que à arquitetura diz respeito. Córdoba foi habitada por inúmeros povos e, por essa razão, alvo de consecutivas remodelações do ponto de vista urbanístico. Hoje em dia, ao olharmos atentamente o desenho urbano da cidade, verificamos que a essência do urbanismo romano ainda se encontra presente. Por sua vez, a cultura islâmica em Córdoba deve muito ao período tardo-romano, servindo-se de antigas estruturas para re-edificar uma nova cidade. Este facto pode ser também observado noutras cidades. Assim, as construções dos primeiros califas omeyas¹¹¹ na Síria apresentaram também a reutilização da arquitetura tardo-romana. As cidades palácio¹¹² situadas no meio do deserto como, por exemplo, Msata, Ujadir e Samarra¹¹³ eram antigos castelos romanos muito semelhantes ao palácio de Diocleciano em Espalato¹¹⁴. Apesar do referido aproveitamento, a conquista árabe apagou quase todo o desenho urbano romano, permanecendo apenas algumas memórias. Os eixos principais, cardos e decumanos¹¹⁵, são a memória do lugar. As praças, localizadas onde outrora se encontrava o fórum ou os mercados, são marcas da história que se mantêm até aos nossos dias.

Ao longo deste estudo deparámo-nos, por diversas vezes, com a dúvida acerca de quem terá deixado maior herança em Córdoba, romanos ou árabes. Entendemos, na verdade, que Córdoba tem muito das duas culturas. Assim, apesar de a grande escala a cidade mostrar uma clara herança clássica, destacando-se a malha organizada, interessa-nos destacar, nesta dissertação, a escala intimista do pátio que constitui, claramente, uma marca da cultura árabe nesta cidade.

“ En época islamica van a pervalecer los valores religiosos y la privacidad familiar, en un contexto igualatário propiciado por la filosofía muçulmana y tendente a no evidenciar las diferencias sociales. “ El pátio se cierra al exterior, no solo por motivaciones de exigência religiosa y de intimidad, sino tambien para no dejar entrever la situación económica de los moradores, ya sea en el sentido de lujo o, por el contrario, de pobreza”¹¹⁶

¹¹¹ A família Omeyas O Califado Omíada foi o segundo dos quatro principais califados islâmicos estabelecidos após a morte de Maomé. O califado foi centrado na dinastia Omíada, originários de Meca que tiveram em Córdoba o seu maior apogeu

¹¹² Cidades palácio era algo muito comum acontecer nos períodos clássicos, havia uma necessidade de os reis terem sempre perto de si toda a sua corte

¹¹³ Samarra Msat e Ujadir são três antigas cidades palácio árabes, que no entanto caíram na miséria e foram engolidas pelo deserto.

¹¹⁴ O palacio de Diocleciano em Espalato era uma referência para todas as cidades palácio.

¹¹⁵ O cardos e decomanos são as principais vias de circulação da cidade Romana. São dois eixos ortogonais que partem da praça do centro da cidade (fórum)

¹¹⁶ “ Na época islamica prevalecem os valores religiosos e a privacidad familiar inseridas num contexto cultural e filosófico mulcumanos sem evidenciar as diferenças sociais. O pátio fecha-se ao exterior, não só por motivos de cariz religioso e de intimidade mas também para não deixar adivinhar a situação económica dos moradores, quer seja de luxo ou pobreza.

O espaço privado, traduzido no pátio familiar, estabelece relações muito estreitas com espaço público de Córdoba, materializado em praças. O pátio assume, assim, um enorme protagonismo quer a nível individual quer a nível colectivo. É o centro da casa, a porta que liga o mundo terrestre ao céu.

“ se trata de uma cidade como suma de espácios privativos, donde el pátio assume el protagonismo de la vida familiar. El centro de un universo privado que se desarrolla en torno a esse trozo de suelo y de cielo que es el pátio y de las dependências que lo circundan “



Ilustração 44 - Pátio das laranjeiras. (Imagem nossa 2013)

O conceito de espaço público que conhecemos do ocidente não existe na cultura árabe, que se mantém fiel aos séculos anteriores. O grande espaço público de

Córdoba é, deste modo, o Pátio das Laranjeiras¹¹⁷ da mesquita, equivalente à praça central do mundo ocidental. O pátio revela-se, realmente, um elemento espacial presente em todas as mesquitas. Geralmente, e independentemente da religião, existe sempre um espaço de anúncio ou de preparação de entrada para o mundo sagrado, deixando para trás o mundo comum e profano. O pátio da absolvição e da purificação é, neste sentido, o grande espaço de comunhão. É um espaço de transição onde se prepara a entrada no mundo sagrado da mesquita. Mandado construir por Abd ar-Rahaman III¹¹⁸, o pátio é ladeado por arcadas cobertas que servem de ligação para os vários pontos da mesquita. Podemos afirmar que o pátio se assemelha a um claustro, apesar da distinção relativamente ao facto de não ter qualquer dependência de anexos.

A sua proporção e escala são de uma magnitude fora do comum visto que, no traçado da cidade, não havia qualquer espaço vazio. Esta ausência revela que o espaço público romano foi definitivamente ignorado. O pátio constitui, deste modo, o grande balão de oxigénio de Córdoba, cuja existência se revela tão importante como a da própria mesquita.

¹¹⁷ Pátio das Laranjeiras é o pátio central da mesquita, e é o grande espaço central de toda a cidade, está para a cidade assim como o fórum está para o centro da cidade,

¹¹⁸ Abd ar-Rahaman III foi o oitavo Emir de Córdoba e, depois, o primeiro califa do Al-Andalus. É considerado o maior e mais bem sucedido dos príncipes da dinastia omíada na península Ibérica



Ilustração 45- Imagem Nossa, O pátio das laranjeiras.

A rua desempenha, também, um papel fundamental relativamente à vida muçulmana. As grandes medinas e mercados aconteciam em plena rua. Devido à agitação do exterior, o conceito de pátio ganhou ainda maior protagonismo.

“ Al contrario de lo que ya acontece previamente en época romana, el urbanismo islâmico niega la plaza, renuncia o le resulta innecesario tal espacio público para la convivência, resultando una ciudad organizada en torno a un discurrir lineal, de líneas quebradas que nos comunicam con el interior de la vivienda. El pátio, el espacio interior, asume todo el protagonismo de campo, de espacio de trabajo... toda actividad gira em torno dele.”¹¹⁹

¹¹⁹ Ao contrário do que acontecia anteriormente na época Romana o urbanismo islâmico nega a praça, rejeita o resultado necessário de tal espaço público, resultando numa cidade lineal de ruas quebradas que

A cultura Árabe privilegia, assim, o espaço de carácter íntimo, assumindo-se esta ideia como alicerce essencial para a existência da cidade de Córdoba como a conhecemos.

A poucos quilómetros do centro da cidade, nas encostas do vale do Guadalquivir¹²⁰, encontramos uma fascinante cidade-pátio, a cidade palatina de Medina Azahara. Medina Azahara foi mandada construir pelo primeiro califa de Al Andaluz, Abderramão III, da dinastia Omíada em 940. Esta enorme e luxuriosa cidade era, na verdade, um soberbo palácio construído em mármore. Uma das razões para ser construída fora do tecido urbano de Córdoba, situando-se a cerca de 8 kms da mesquita, deve-se essencialmente a questões relacionadas com o aproveitamento de recursos, nomeadamente a um bom abastecimento de água.

Construída através de uma rede sucessiva de pátios, Medina Azahara é um palácio pensado como um elemento único, à semelhança dos palácios do antigo Egipto e da antiga Grécia. Podemos considerar que, para além de uma cidade-palácio, Medina Azahara é uma fortaleza, uma vez que se localiza numa zona protegida pelas condições naturais do lugar, aproveitando a irregularidade do terreno para a construção de vários patamares.

À medida que vamos descobrindo o palácio, reparamos que ele é composto sobretudo por pequenos vazios, pátios, praças, e terreiros que constituem o coração de todo o palácio. A construção é efetuada a partir do vazio em torno do qual são organizadas várias dependências do palácio.

Composta por três grandes terraços, Azahara contém igualmente três grandes níveis de vivência cidadina. A parte religiosa encontra-se, assim, na zona inferior, em frente do pórtico e da praça de armas, estando acessível a todos os que pretendiam orar ou apenas ir ao mercado. No patamar intermédio, após ultrapassar o pórtico das armas, encontramos sucessivos labirintos que nos encaminham para os primeiros grandes serviços. Ao atravessar espessas muralhas entramos, de repente, num incrível oásis. O som da água que cai das bicas das fontes, o som dos exóticos pássaros e o som do vento nas palmeiras são a música do grande pátio-claustro a que chegamos. Este é ladeado por uma grande arcada, transformando-se num claustro de enormes dimensões.

fazem a ligação entre o exterior e o mundo privado das vivendas. O pátio, o espaço interior assume todo o protagonismo, é um espaço de trabalho e de estar e toda a atividades da casa giram em torno dele.

¹²⁰ Guadalquivir é o rio que banha a cidade de Córdoba.



Ilustração 46- o Pátio de entrada em Medinat Al Zarha (Imagem nossa 2011)

Atravessando as arcadas somos conduzidos por uma série de corredores que nos permitem o acesso a vários serviços. Este grande pátio constitui, deste modo, mais do que um simples vazio. É o grande vazio nuclear de todo o palácio, distribuindo e organizando espaço e afirmando-se como o coração de toda a cidade palatina. Atrás de duas arcadas existe uma série de edifícios cuja função é a recepção. Grandes salões e salas servem de ante-câmara para a entrada nos domínios privados do palácio. Na verdade, este grande pátio, cuja escala o torna quase uma praça, faz de espaço de anúncio da cidade. Este pátio tem duas grandes valências para além das já anunciadas. É um espaço de recepção e de transição. Ao longo de todo o palácio vamos tendo acesso a variadíssimos ambientes construídos pela multiplicidade de sentidos que o pátio nos pode oferecer.

Cada um dos pátios assume, assim, uma identidade única.



ILUSTRAÇÃO 47- AS CASAS DE MEDINAT AL ZAHARA (Imagem nossa 2011)

As casas de Medinat al Zahara.

Como temos vindo a verificar, Medinat Al Zahra é uma cidade palácio cujo bom funcionamento depende da existência de é bairros, habitações ou zonas destinadas à acomodação dos habitantes a quem a cidade se destina. Existem, aqui, bairros de trabalhadores e zonas de habitação destinadas a receber os convidados ou senhores importantes do palácio.

As vivendas superiores, como eram chamadas as casas do terraço mais elevado, constituíam um dos pequenos bairros mais importantes de toda a cidade. As suas casas eram construídas com um pátio retangular ao centro, ligeiramente elevado em relação à cota da casa. A casa mais a ocidente do bairro é a que se encontra em melhor estado de conservação, tendo em conta que ainda somos capazes de perceber o modo como a se organizava. Ladeado por salões e quartos, este pátio central continha ainda um pequeno ponto de água ao centro, levando a sensação de frescura a toda a casa. Estas zonas habitacionais estão de tal modo integradas na lógica espacial da cidade que se torna extremamente difícil atribuir um pátio a cada casa. Isto significa que um pátio pode, na realidade, pertencer a várias casas, e por vezes servir

de momento de pausa e reflexão à vivência dos restantes espaços e serviços do palácio, como é o caso do Corpo Trapezoidal. O Corpo Trapezoidal é uma galeria, semelhante a um corredor, que organiza e distribui os espaços do palácio, conectando várias habitações ao edifício. No segundo patamar intermédio a organização das habitações é já um pouco distinta, uma vez que estas se destinam aos trabalhadores do palácio, responsáveis por receber e servir os convidados mais importantes. O facto de serem as habitações dos trabalhadores não significa, no entanto, que sejam menos importantes no que à arquitetura diz respeito. Assim estas são também construídas tendo como ponto de partida um pátio central individual, em torno do qual se organizam todas as suas dependências.

“ la vivienda oriental constituye el espacio donde desarrollaba su trabajo el personal doméstico que atendía a los importantes personajes que habitaban las grandes residencias ubicadas al sur...” Guia visual de medinat Al Zahra.

Apesar disso, podemos considerar que era uma zona bastante mais orgânica, onde apenas a organização geométrica dos pátios dava sinais de alguma ordem.

Uma das habitações mais emblemáticas da cidade era a casa do governador de Medinat Al Zahra, A casa de Yáfar. Al Hakam era o Hayib essencial na governação da cidade e do califato. A sua construção teve início em 961, ano em que Al Hakam foi nomeado para o cargo. A sua casa organiza-se em três partes diferentes, assumindo igualmente três funções distintas. Não existem corredores, apenas portas que se sucedem e ligam os espaços. Os salões da casa eram de uma riqueza superior quando comparado com as restantes habitações, e o seu pátio era coroado com um pórtico de três arcos esbeltamente trabalhados.

Medinat Al Zahra é, na sua essência, uma cidade que apresenta um enorme número de serviços e funções. Materializa o capricho de um Homem que pretendeu mostrar todo o seu poder através da construção de uma obra desta escala, deixando um legado invejável. Nesta cidade tivemos a oportunidade de testemunhar e estudar o sistema espacial do pátio como modo de pensar o espaço na arquitetura. O pátio está, aqui, à altura da sua função. Organiza, distribui e origina espaços com escalas diferentes, facto que constitui o ponto forte de todo o estudo desta cidade pátio. A possibilidade de compreender os pátios através da escala, função e materialidade, conferem identidade a cada lugar revelando-se, também, de enorme importância para o projeto desenvolvido ao longo do 5º ano de Arquitetura.

4. PÁTIO E PROJETO

4.1. PÁTIO E O LUGAR

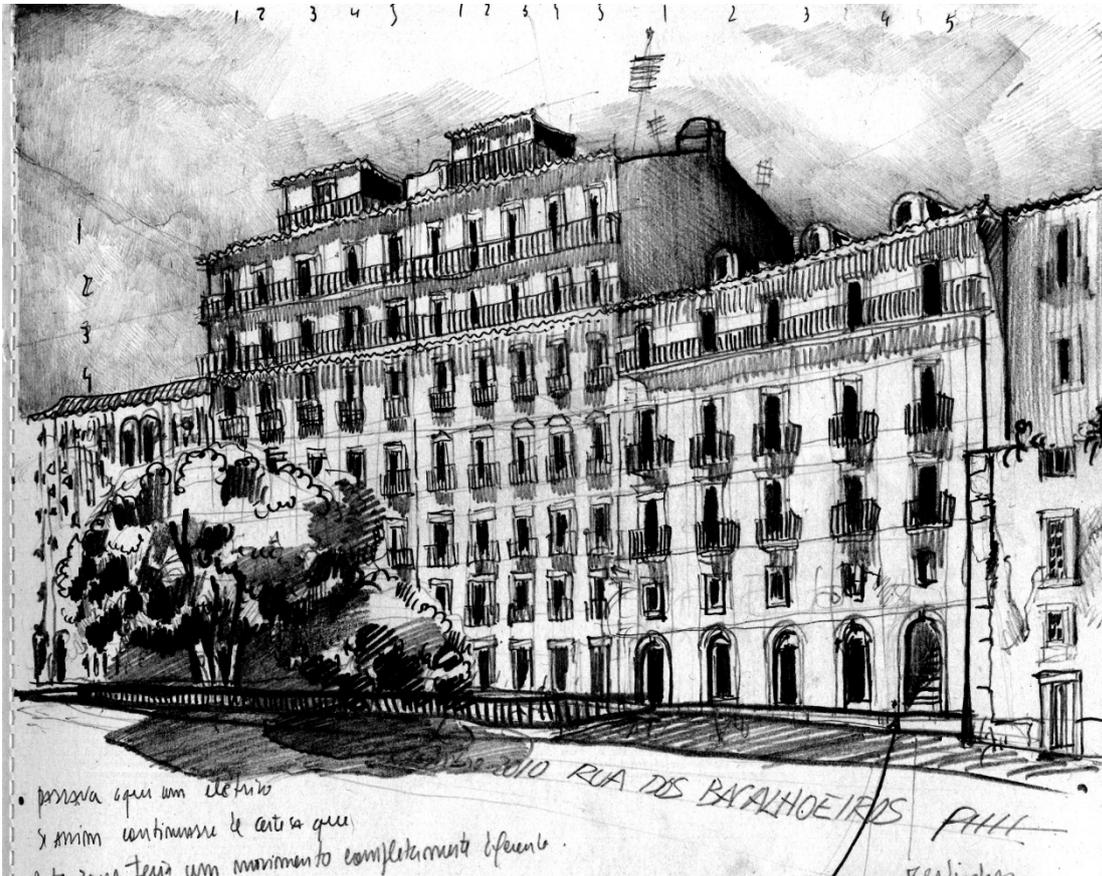


Ilustração 48- Campos das cebolas. (Imagem nossa 2011)¹²¹

“Conhecer o território como a palma da minha mão” prof, Bernardo Manoel 20 de Setembro 2011, em aula.

O lugar é o palco da arquitetura que, por sua vez, é o palco da vida humana. É sobre ele que os arquitetos atuam, construindo o imaginário que, formalizado, se irá materializar em projeto. É essencial conhecer o lugar e a sua identidade, dialogando com o espaço. Devemos, assim, conhecer o passado para compreender o presente e construir o futuro, assumindo a importância da profissão pela construção do espaço onde o Homem habita, estabelecendo relações quer humanas quer espaciais.

¹²¹ Na imagem temos um desenho feito no local de intervenção do projeto. A imagem retrata o aspecto das casas na zona envolvente à casa dos Bicos, mais tarde o local foi o escolhido para uma reabilitação e escolha para a implantação de um hotel de duas estrelas/hostel.



Ilustração 49 -skyline de Lisboa, Referências e marcos territoriais. (Imagem nossa 2011)¹²²

É neste sentido que assumimos como fulcral o entendimento da envolvente enquanto parte essencial da construção do imaginário de projeto. É no espaço circundante que encontramos as referências que permitem ancorar as novas ideias ao pré-existente, transformando ambos os elementos num só.

Percorrer a cidade de Lisboa é entender a sua génese através da morfologia que a define. Olhar a paisagem é, também, desvendar a sua origem, encontrando constantemente marcos e referências. O desenho é, como este trabalho apresenta, o modo mais imediato de registar o que nos emociona, o que nos prende e que é, de igual modo, o que define os contornos do projeto que, linha a linha, se materializa no papel. O desenho é sobretudo a ferramenta pela qual o arquiteto comunica e mais importante ainda é a ferramenta que constrói o imaginário do arquiteto.

“ (...) Drawing is the discipline by which I constantly discover the world. (...)”
(Frank,1968,p24)¹²³

¹²² O skyline de Lisboa é bastante característico. No desenho fica bem patente de que Lisboa é uma cidade cheia de referencias e de marcos na paisagem.

¹²³ “ o desenho é a disciplina através da qual eu descubro o mundo” F.Frank, ao afirmar deste modo o artista holandês defende que que o desenho é a ferramenta essencial para a compreensão do mundo, e em especial para os arquitetos essa deverá ser uma regra maxima.

Os primeiros contactos com o lugar revelaram-se, assim, essenciais ao projetos desenvolvido ao longo do quinto ano. Uma coisa é conhecer o lugar de passagem, outra coisa é ter de se infiltrar no lugar, tornarmo-nos parte dele como ele de nós.



Ilustração 50 - Vista para o cais das colunas e praça do comércio. A importância dos marcos visuais acabou por ser um ponto em ter em conta no projeto (Imagem nossa 2011)¹²⁴

Lisboa é uma cidade rica na sua história. Apresenta, na sua morfologia, marcas de inúmeros povos e culturas. Assumindo-se desde cedo como um importante ponto no que às trocas comerciais diz respeito, Lisboa inseriu-se facilmente no seio das cidades mais importantes. Povos de que são exemplo fenícios ou cartagineses atravessavam o Mediterrâneo para trocas comerciais com Lisboa. Mais tarde, com a romanização, Lisboa sofreu enormes mudanças. Como estudámos anteriormente, os romanos eram um povo extremamente organizado e, apesar de Lisboa ser já uma cidade edificada os, procederam à redefinição de espaços e volumetrias que ainda hoje são respeitadas. Com a queda do império romano do ocidente as cidades romanas caíram na desgovernação. Tal como aconteceu com Córdoba, Sevilha e Mérida¹²⁵, Lisboa viu-se, depois do domínio romano, governada pelos árabes. Só mais tarde, com a

¹²⁴ A relação entre o cais das colunas e o rio, este elo de ligação revelou-se determinante para o desenrolar do projeto.

¹²⁵ Cidades que pela sua história se revelaram semelhantes a lisboa, isto no que diz respeito ao modo como a cidade evoluiu a nível urbanístico.

reconquista de Lisboa por parte de reis católicos, com Afonso Henriques¹²⁶, é que Lisboa voltou a ser alvo de outra ocupação, voltando a definir o espaço na cidade.

A importância das ordens religiosas¹²⁷ em Lisboa é essencial para a compreensão do modo como Lisboa se encontra organizada. Conventos, Mosteiros, e Igrejas eram edifícios que organizavam espacialmente toda uma área, conferindo-lhe importância e identidade e funcionando, ainda, como referências na paisagem.

"Na outra margem, assente sobre a água, ainda longe, Lisboa derramava-se para fora das muralhas. Via-se o castelo lá no alto, as torres das igrejas dominando a confusão das casas baixas, a massa indistinta das empenas." (Saramago, 1982, p. 40)

O fato de Lisboa ser uma cidade de várias culturas e de ser um exemplo de diferentes tempos e períodos da história torna-a única em todo o mundo. O modo como vivemos a cidade é sempre de uma enorme intensidade. A luz de Lisboa assume-se como um fator particular de inegável beleza, constituindo uma das características que a diferenciam e constroem. A Luz como matéria construída é bastante evidente e presente ao longo de toda a cidade.

Este estudo pretende destacar o modo como cada espaço vivido se revela importante numa cidade caracterizada por diversos ambientes, contribuindo fortemente para o desenrolar de inúmeras ideias que, desenvolvidas, culminaram nos projetos desenhados entre o Cais do Sodré e Santa Apolónia.

Podemos afirmar que cada espaço vivido tem, indubitavelmente, um valor intrínseco inquestionável que se reflete a vários níveis. Destacamos, no entanto, o modo como as transições espaciais são efetuadas, apresentando-nos uma enorme variedade de sensações.

No nosso caminho de retorno à Baixa [...] passamos por um dos mais pitorescos bairros de Lisboa – Alfama, o velho bairro de pescadores, que ainda conserva uma grande parte do seu antigo aspeto. O turista que pode passar alguns dias em Lisboa não deve deixar de visitar este bairro; ficará com a noção, que nenhum outro lugar lhe pode proporcionar, do aspeto que Lisboa tinha no passado. (Pessoa, 2008, p. 57)

Tomemos com exemplo o Largo do Chafariz de Dentro, um espaço que se assume como um ponto de convergência e de encontro. Este é, sem dúvida, o resultado do

¹²⁶ D.Afonso Henriques foi o primeiro rei português, e foi o rei que conquistou Lisboa

¹²⁷ Ordens religiosas, como Beneditinos, Dominicanos e Foram essenciais para manter a cidade unida numa só realidade urbana.

cruzamento entre várias ruas, criando momentaneamente ordem na sinuosidade das ruas que se distribuem por Alfama e pelo Campo das Cebolas.



Ilustração 51 - Largo chafariz de dentro (Imagem nossa 2011)¹²⁸

Constituindo o elo de ligação entre vários pontos, este largo marca fortemente a viagem pela área de intervenção, levando-nos a ruas estreitas, a arcos e a outros largos e praças. O encanto reside na transição não só de espaços mas de escalas, de materiais, de ambiências. Ouvimos fado num rádio antigo pousado num banco, animadas conversas, um completo silêncio. Este princípio liga-se intimamente ao que é encontrado nas arcadas e, naturalmente, nos pátios, construindo-se aqui o conceito base para o projeto desenvolvido. Existiram, para além deste largo, outros espaços igualmente importantes na construção do imaginário de projeto, dos quais destacamos o Terreiro do Paço e Sé de Lisboa, incontornáveis referências tanto para o plano urbano como para os edifícios projetados.

¹²⁸ Desenho do largo de Chafariz de dentro, uma vez mais o desenho e a observação do lugar revelaram-se determinantes para o desenvolver do meu projeto.



Ilustração 52 - Ruas de Alfama. (Imagem nossa 2011)



Ilustração 53-Praça do comércio e envolvente. (Imagem nossa 2011)

O terreiro do paço representa a memória do lugar. O que anteriormente fora o Paço Real foi redesenhado e transformado na Praça do Comércio, assumindo-se hoje em dia como a grande praça da cidade de Lisboa. A praça do comércio foi redesenhada no seguimento do terramoto que devastou Lisboa no século XVIII constituindo, durante largos anos, a principal entrada da cidade. Este enorme vazio nuclear tem a mesma importância para a cidade que um pátio tem para uma casa, definindo e organizando todo o desenho urbano, princípio que se revelou essencial na ideia base de projeto. Esta enorme praça é definida em três lados por uma arcada com uma escala adequada à escala da cidade e não do Homem. Assemelham-se, no entanto, às arcadas de um Claustro. O outro lado abre-se para o Rio Tejo e, conseqüentemente, para o mundo e, no sentido oposto, o arco da rua Augusta marca fisicamente a transição entre a praça e a rua que nos leva ao interior da cidade. É nesta transição que nos sentimos esmagados pela dimensão do arco, marco de uma mudança abrupta de escala.

A Sé de Lisboa.

A Sé de Lisboa é uma referência incontornável para o projeto desenvolvido. A sua presença no *skyline* de Lisboa é, sem dúvida, de uma enorme importância. As torres sinaleiras constaram, desde cedo, nos esboços que registam a paisagem. Influenciaram, mais tarde, o desenho de projeto e concretamente do claustro desenvolvido. O claustro da Sé constitui, sem dúvida, um excelente exemplo da arquitetura medieval portuguesa, assumindo-se como uma mistura do período Românico e Gótico. É aqui que reside grande parte da importância deste edifício para o projeto de quinto ano, identificando-se a inevitável relação entre um espaço contido com a escala e dimensão das torres sinaleiras. Os dois momentos articulam-se na perfeição, aprendendo-se a redesenhar esta íntima relação.

O meu projeto, como iremos perceber foi buscar muito das influências de outros projetos. O modo como eu desenhei o plano urbano foi sempre de modo consciente com a delicadeza do lugar. Respeitando sobretudo a sua identidade e mantendo o seu valor cultural.

4.2. PÁTIO E COMPOSIÇÃO

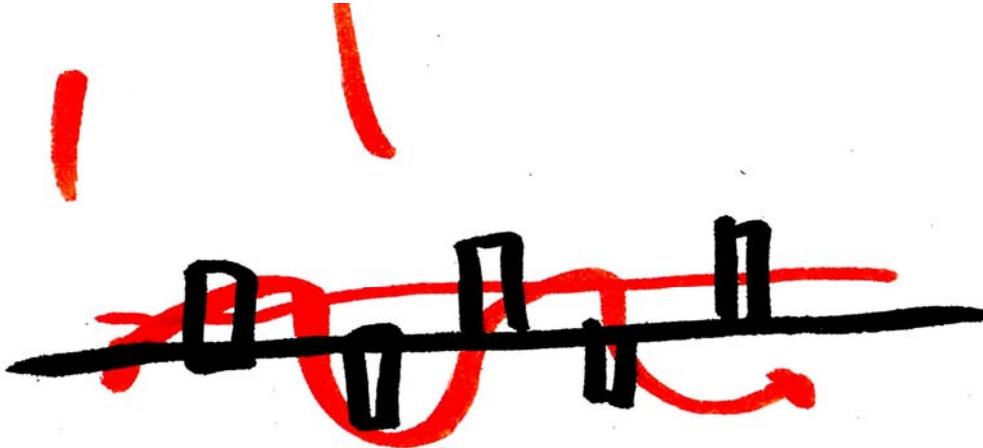


Ilustração 54 - esquema das diferentes cotas dos pátios. Composição esquemática. (Imagem nossa 2011)

composição

(latim compositio, -onis)

substantivo feminino

1. Todo (proveniente da reunião de partes).
2. Modo de reunir partes (para formar um todo).
3. Produção.
4. Preparado.
5. Disposição.
6. Combinação.

Uma composição seja ela qual for a disciplina ou finalidade, pressupõem sempre um encadeamento de ideias. Requer uma organização, uma disciplina de pensamento e metodologia. No caso da arquitetura ela requer sobretudo hierarquias de ideias e objetivos para o projeto. A composição na arquitetura vive sobretudo da escala

proporção harmonia e lógico. (quero fazer uma comparação com a musica em especial com os compositores.)

A função de um arquiteto é escolher, mediante de um problema ou situação, uma ordem lógica para que o seu projeto, a sua ideia faça sentido. O arquiteto é o modelador do lugar, daí a importância em conhecer e perceber o lugar.

O lugar vive de composição, de momentos sejam ele efémeros ou infinitos.

O desenho urbano de um pedaço de cidade prende-se inevitavelmente com a interpretação do lugar. A importância do conhecimento da território escolhida para o desenvolvimento do projeto é determinante para um “nexo” urbano.

O campo das cebolas é um troço de cidade de Lisboa que carece de desenho urbano. Ao longo de vários anos a sua descaracterização tornou-se evidente, havendo uma carência de nexos urbanos no modo como a cidade ali se foi desenvolvendo.

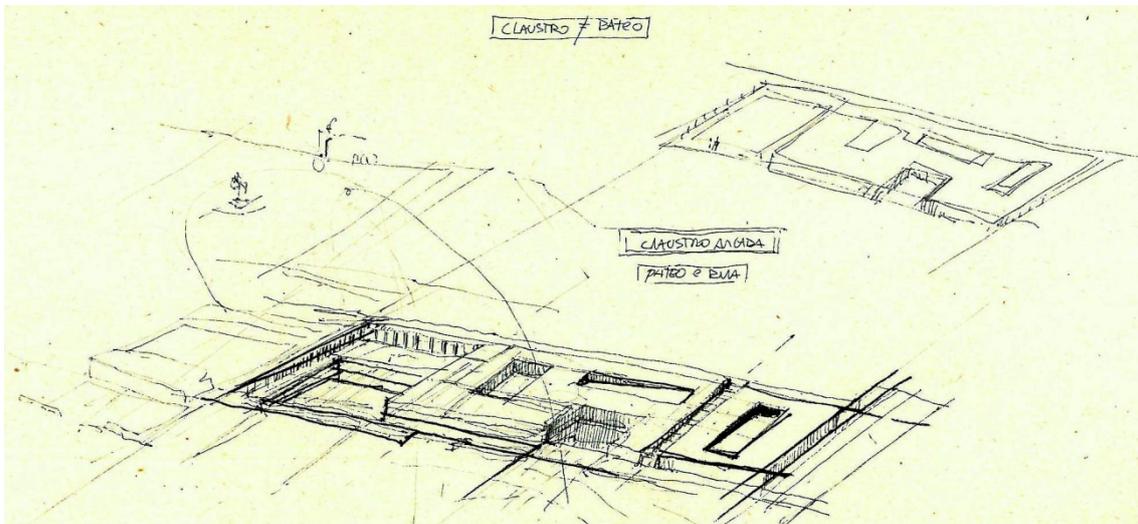


Ilustração 55 - planeamento esquemático do pátio. (Imagem nossa 2011)

A nossa abordagem inicial passou por ser de interpretação do sitio. Desenhado, escrevendo e falando sobre ele. A sua identidade foi-se revelando à medida que o fomos conhecendo e aprofundando sobre a sua verdadeira essência.

Só após a aproximação ao sítio é que nos concentramos no enunciado pedido pela disciplina de projeto V. O enunciado continha dois objetivos fundamentais. O primeiro da criação de três equipamentos, um complexo desportivo de piscinas, e de duas unidades hoteleiras, uma de cinco estrelas e outra de duas.

A ideia inicial era de colocar a zona do complexo de piscinas próximo da linha de água do rio Tejo, jogando assim com as variações de maré. Recorrendo ao meu imaginário de piscinas inevitavelmente fui levado a recordar a memória das termas romanas. As termas romana de Bath são no meu entender um belo exemplo de uma harmonia espacial, são de uma composição e escala bastante equilibradas e de realçar a intensidade de momentos criado pela harmonia entre as circulações horizontais e verticais.

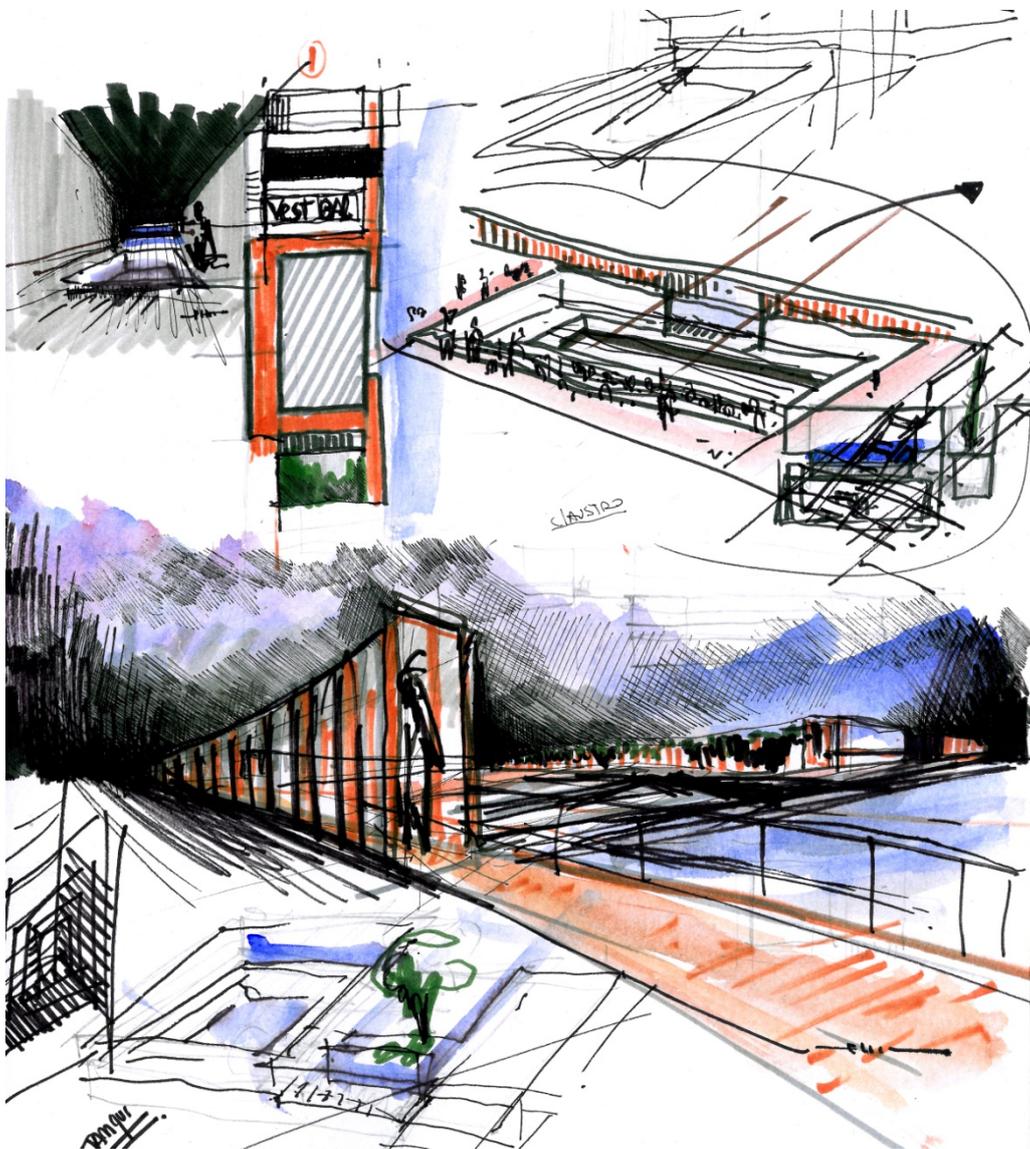


Ilustração 56- esquiço inspirado nas termas romanas de Bath (Imagem nossa 2011)

Ao imaginar um espaço de piscinas fui levado a cair na tentação óbvia da criação de um espaço retangular onde a piscina se insere. No entanto no nosso entender achamos por bem subverter o conceito lógico de piscina e procurei criar antes um tanque de recreio. À semelhança dos romanos optei então por projetar um tanque de recreio onde o sistema de claustro interior ladeava todo o tanque. De certo modo semelhante à mãe de água¹²⁹ em Lisboa.

Procurei acima de tudo interpretar a arquitetura clássica romana, transformando-a contemporânea e atual para os dias de hoje. No desenho do tanque e no desenho dos acessos ao tanque foi tudo equilibrado de acordo com a escala e proporção da arquitetura romana.



Ilustração 57 - tanque principal das termas de Bath (Imagem nossa 2011)

Uma das obrigações do enunciado era a de a criação de uma piscina de saltos. Pareceu-me inevitável a criação de uma torre que permitisse que pudessem ser usadas as várias alturas .

Tendo em conta a zona em que estamos inseridos, a projeção de uma torre é sempre um assunto muito delicado, devido á sua escala e dimensão. No entanto o mais

¹²⁹ Mãe de água em Lisboa é onde termina o aqueduto da cidade de Lisboa. O reservatório onde termina o aqueduto é semelhante á espacialidade das termas romanas.

importante é a proporção e o contexto integrado na paisagem seja ela edificada ou natural,



Ilustração 58-Imagem nossa, prespetiva e estudo de alçado e escala (Imagem nossa 2011)



Ilustração 59-Imagem nossa, prespetiva estudo de alçado e torre(Imagem nossa 2011)

A projeção de um elemento vertical passou por ser um exercício de difícil resolução. Ao pensar no alçado frontal do tanque de recreio, optei por colocar a torre de saltos numa das extremidades, fazendo contrapeso com o resto do jogo de volumes. A torre acabaria por se assemelhar á memória das torres sineiras da sé de Lisboa. A criação de uma praça em torno da torre acabaria por ser um elemento de equilíbrio, sendo ao mesmo tempo uma praça de chegada para a estação fluvial que chega numa das extremidades do nosso projeto.



Ilustração 60 - imagem nossa, estudo de uma perspectiva espacial da praça e torre de saltos

A criação de uma praça de chegada serve como um elemento de abertura e de transição, bem como á semelhança dos templos gregos e egípcios, assim como no período do renascimento como podemos constatar no palácio Pitti em Florença. Este grande claustro serve como antecâmara de todo o edificado, sendo ao mesmo tempo um elemento que define e organiza o território que carece de desenho urbano.

No seguimento do conceito de praça e claustro acabei por criar uma série de arcadas que fazem a ligação entre os vários pontos do complexo desportivo, tendo estas ruas interiores uma maior preponderância quando vistas num contexto de desenho urbano. A criação de vários eixos de circulação fez com que houvesse uma escolha de prioridades na circulação em torno das piscinas que de certo modo iriam ser integradas no desenho dos futuros hotéis.

A outra parte do projeto resume-se a criação de duas unidades hoteleiras, sendo que era obrigatório que fossem de duas e cinco estrelas. Ao imaginar e esboçar as primeiras ideias, pareceu-nos lógico e essencial que essas unidades hoteleiras tivessem a necessidade de participar no desenho urbano deste troço de cidade, assim como fazerem parte do sistema claustral/pátio/arcada que criámos para as piscinas.

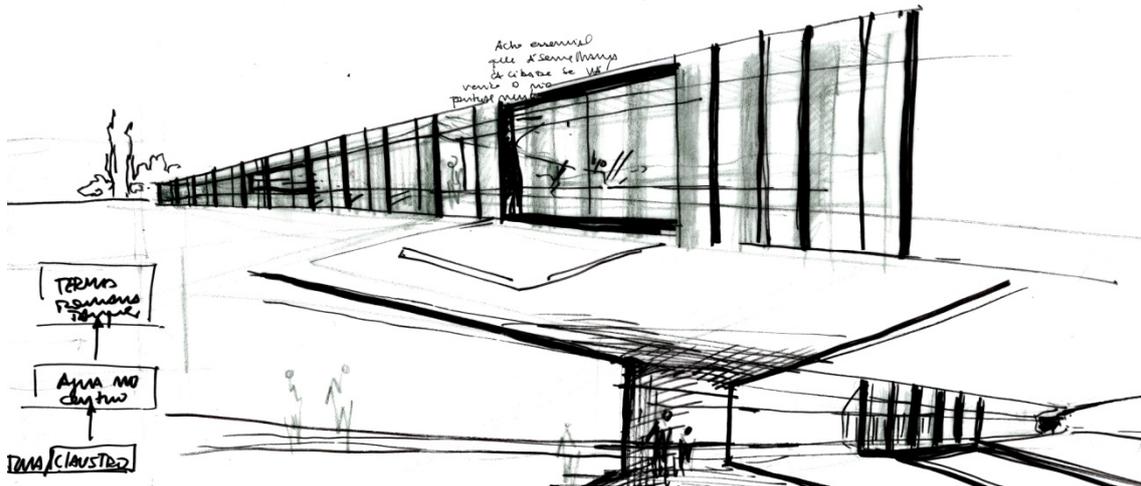


Ilustração 61- perspectiva da vista da arcada. (Imagem nossa 2011)

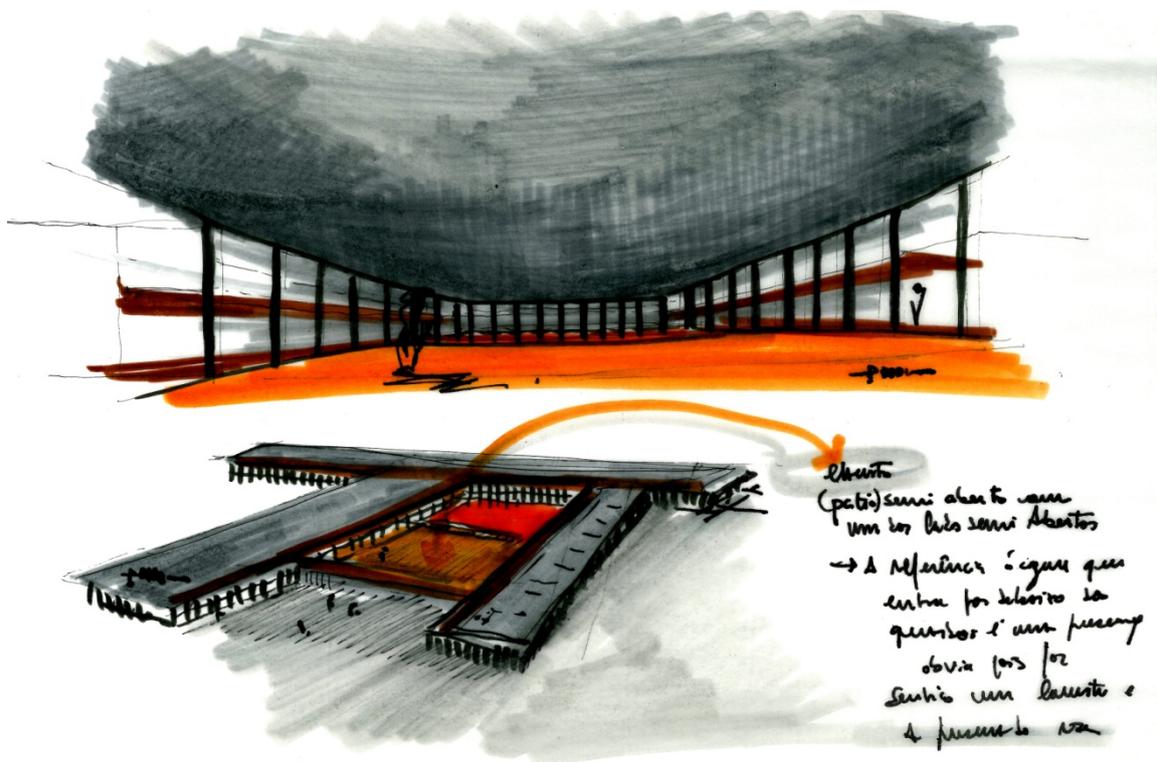


Ilustração 62- prespetiva claustro do hotel de cinco estrelas (Imagem nossa 2011)

A unidade hoteleira de cinco estrelas ficou diretamente ligada ao sistema espacial das piscinas, dando assim uma maior força ao desenho urbano por nós criado.

Acentuando ainda mais o conceito de claustro/pátio/ arcada. Procurei criar uma claustro à semelhança dos conventos cartuxos, onde ao centro surge um enorme jardim urbano. Os quartos surgiam em torno de todo o claustro aproveitando a proximidade do rio para aproveitar a luz solar e as espetaculares vistas sobre a cidade e outra margem. Fazendo a ligação com as piscinas fomos criando determinados programas que se inserissem no contexto de piscinas e hotel de cinco estrelas. Criei um spa, assim como um pequeno tanque de água descompressão e relaxamento, Esta organização espacial era também ela em torno de um claustro onde o pequeno tanque era o centro.



Ilustração 63- eixo visual , perspectiva vista da arcada. (Imagem nossa 2011)

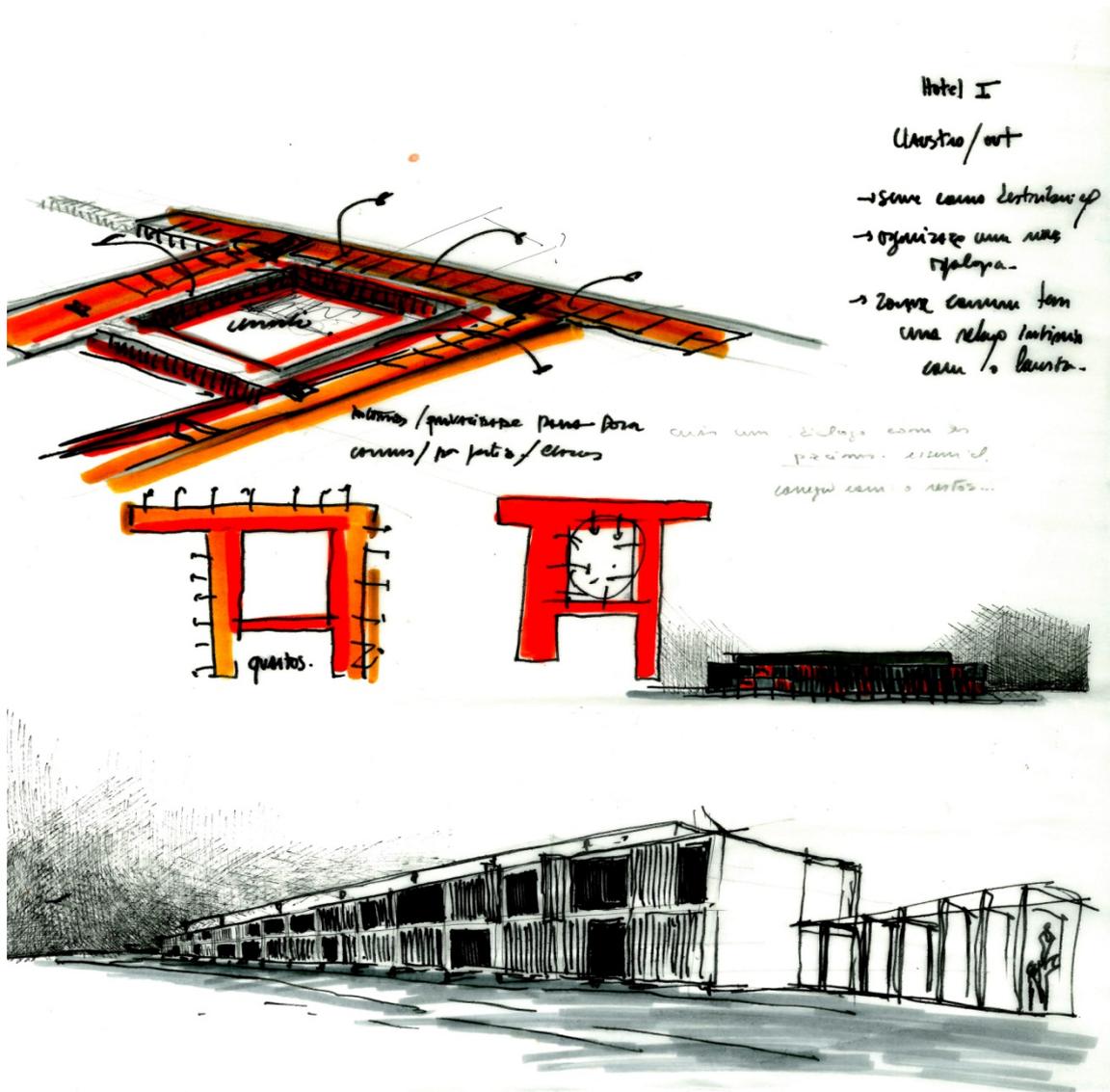


Ilustração 64- perspectiva e estudo de alçado para o hotel de cinco estrelas. (Imagem nossa 2011)

A unidade hoteleira de duas estrelas optamos pela colocação um pouco fora do contexto do primeiro momento das piscinas e hotel de cinco estrelas. Optamos assim pela criação de dois momentos distintos, uma vez que o público alvo era completamente diferente. Desde de muito cedo que zona dos elétricos do campo das cebolas tem sido para mim um problema a resolver.

É uma zona confusa e muito ambígua que se torna desconfortante neste troço de cidade.

Ao escolher essa zona como o local para o meu hotel de duas estrelas, fez com que cria-se uma zona completamente remodelada dando-lhe um outro tipo de atração, onde o próprio do elétrico estaria inserido no desenho do hotel. o elétrico era o coração deste projeto. A criação de uma forma em “L” , e o limitar da praça pelos carris do elétrico fez com que esta praça se aproximasse do desenho de um claustro.

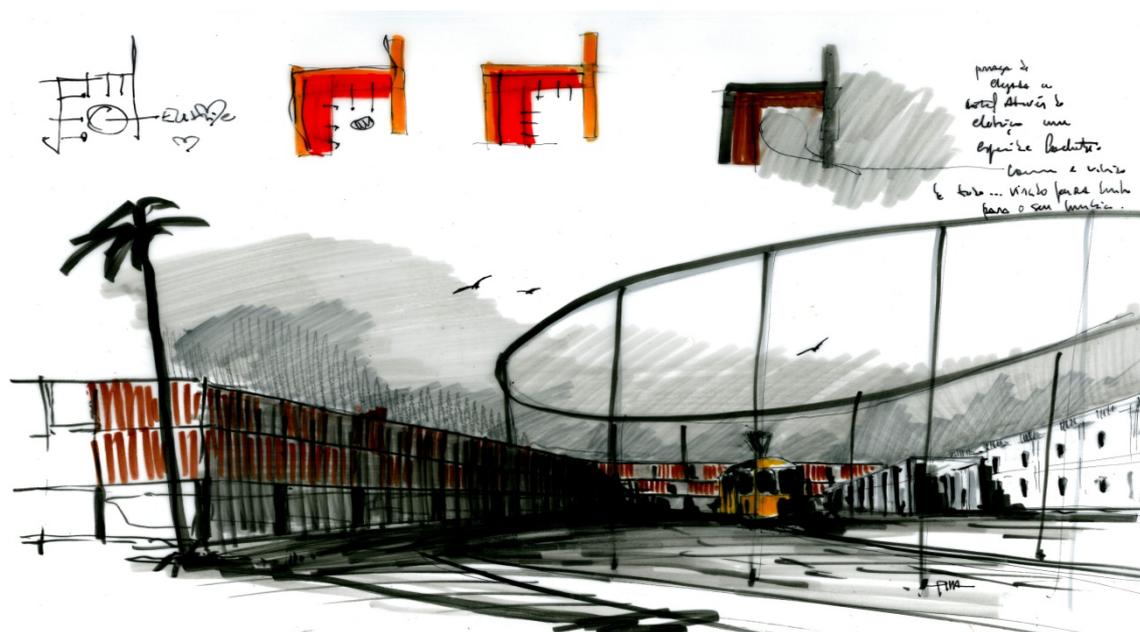


Ilustração 65- estudo e perspectiva do hotel de duas estrelas, campo das cebolas. (Imagem nossa 2011)

O conceito do projeto é a criação de um sistema claustral, onde as arcada fazem a ligação entre os vários pontos do desenho urbano. Inseridos neste desenho de um troço de cidade pretende-mos crias diversos tipos de relação entre o Homem e a cidade. Relações essas que em grande parte são visuais.

4.3. PÁTIO E PROJETO

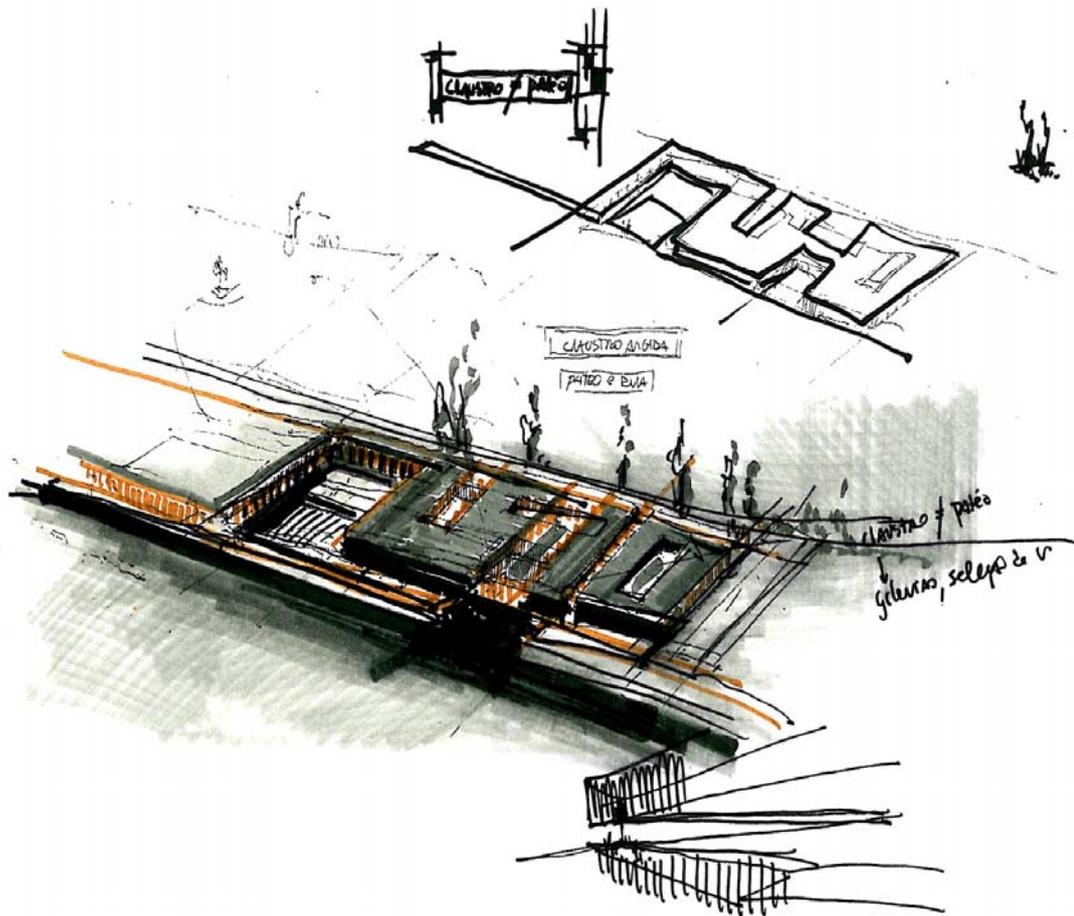


Ilustração 66- esboço final. Vazio Vs Cheio. (Imagem nossa 2011)

A arquitetura é “[...] o resultado de um ato humano, de um processo em que se estabelecem novas relações [...]” (Manoel, 2012, p. 14)

A ideia nasce de um imaginário por nós pensado seja ele na arquitetura ou na música. A ideia surge após um processo de procura de algo que se quer criar, independentemente dos problemas em questão. É um resultado da necessidade de na procura de resolver determinadas questões. Na arquitetura a ideia de um projeto é o resultado da experiência vivida pelo arquiteto. Ao visitar o lugar o arquiteto procura imediatamente criar elos de ligação com o território. Este é definido pela sua identidade, ou seja aquilo que o torna diferente dos outros lugares. A não identidade é algo que não existe, pois por muito pouco interesse que um lugar possa eventualmente ter ele terá sempre uma história, um passado vivido.

O resultado final do nosso projeto é o reflexo do nosso modo de pensar o lugar. Como vimos anteriormente houve um período essencial de conhecimento e interpretação do lugar em que o projeto se iria desenrolar. Nesse período procurei desenhar o mais possível todos os elementos que me despertassem curiosidade, desde do fecho de uma porta a uma fachada pombalina. Toda esta recolha de informação do local acabaram por ser elementos enriquecedores do meu vocabulário e conhecimento como arquiteto.

O nosso papel como arquiteto é procurar com o nosso conhecimento por em prática toda a nossa experiência de vida como Homem e como arquiteto fazendo uma "[...] leitura do território a partir da memória, ou seja, da vivência do arquiteto." Enriquecendo assim o espaço com o nosso contributo. (Manoel, 2012, p. 36),

No desenho urbano de um troço de cidade, foi-nos pedido que englobasse os três equipamentos previamente definidos. Optei em primeira análise pela criação de um sistema espacial com bases na casa pátio e no sistema claustral. A proximidade do terreiro do paço tornou-se uma forte influência no nosso projeto sendo a sua escala e o seu valor espacial determinantes para a definição de prioridades no jogo de volumes do projeto.

O projeto define-se como um sistema de claustros e pátios. Em certos momentos esses pátios e claustros vão variando, uns interiores fechados, e outros abertos. Procuramos criar diversas partes que juntas num todo, numa composição formal se revela-se todo um sistema que se encontra integrado com a linha de costa e com toda a volumetria da cidade. Ao criar enumeras praças e pátios, tornei este projeto um jogo de momentos em que várias experiências e sensações vão acontecendo. Ao longo do processo criativo fui tendo diversos tipos de contato com variadas formas e estilos de projetar em claustro/pátio. Desde do pátio primitivo ao pátio moderno, passando pela pátio Romano e árabe, procurei enriquecer o meu conhecimento com o modo como eles projetavam esses momentos. Sendo o objetivo o mesmo, o pátio Romano é em tudo diferente do pátio árabe, onde a grande diferença reside no modo como o espaço é vivido. Ambos são salas abertas onde o céu é o teto. É nesta multivariada construção de sistemas e de espaços que procurei criar um sistema organizador do espaço que fosse capaz de criar um diálogo com o espaço existente, acabando por definir um novo troço de cidade e uma nova linha de costa, criando diversos e variadas vivências.

Pensar uma espacialidade é optar por prioridades, estabelecendo uma hierarquia que acaba por ser a linha matriz do projeto. Uma vez estabelecidas essas prioridades é chegada a vez de por em prática as ideias por nós pensadas. Entramos então numa fase em que o projeto deixa de ser ideias em papel e passa a ser a resposta aos problemas por nós identificados.

Como vimos anteriormente, o projeto engloba duas unidades hoteleiras e um equipamento social, neste caso um complexo de piscinas.

A ideia é criar um sistema de pátios e de claustros que criassem uma composição espacial em torno da zona do campo das cebolas. O objetivo é da criação de três grandes claustros que unidos através de corredores/arcadas fossem o coração dos vários momentos do projeto.

A criação de vários pátios a vários níveis tornou o projeto uma pequena cidade-pátio, á semelhança da Cartuxa de Évora a ideia é de abraçar todo um desenho urbano, tornando aquele lugar dotado de uma identidade. O pátio como modo de construir foi a solução por nós encontrada para este lugar.

5. CONCLUSÃO

A Arquitetura é mais do que um simples desenho em papel. É um processo de conhecimento, investigação e de descoberta. O arquiteto projeta, imagina e cria, fazendo escolhas assumindo as prioridades e procurando projetar algo. O pátio, vazio nuclear através do desenho foi uma dissertação que nos obrigou a uma investigação bastante abrangente, na busca do maior número possível de casos de estudo. Procura-mos escolher e estudar exemplos deste tipo de projetar que fossem de acordo com o nosso projeto final.

Esta dissertação é uma abordagem ao modo como a casa pátio pode ser um elemento gerador de espaço. Ao estudarmos as várias escalas fomos tendo sempre um ponto de partida para o estudo do que acabamos por poder definir como um modelo de composição.

Optámos por nos debruçar na casa pátio clássica, Grega e Romana, tendo em conta a sua evolução espacial e a introdução da casa pátio com peristilo.

Em segundo lugar, a nossa atenção prendeu-se com o Alhambra, cidade real de origem árabe em plena cidade de Granada. Toda a organização é definida por uma rede de vários pátios.

A casa pátio inserida na escala da cidade acabou-se por se poder definir como uma lógica urbana que participa diretamente no desenho urbano da cidade, tendo inevitável impacto na vida da cidade. Tomemos o caso das cidades da Andaluzia com especial atenção a Córdoba e Medinat Al Zahra.

Aos estudar-mos estes três exemplos, estas três escalas fomos percebendo como um simples pátio se pode tornar o centro de um espaço pensado e desenhado. Afinal de contas ele é um elemento ordenador do território.

A sua multivariada capacidade formal revelou-se ser um dos fatores determinantes para o nosso projeto, procurando criar diversos tipos de atmosferas e ambiências.

Podemos com isto afirmar que todos os claustros são pátios, sendo o claustro uma variante do espaço do pátio.

O desenho aliado ao estudo do pátio revelou-se ser [...] “A procura incessante pelo sentido da arquitetura enquanto elemento transformador do sítio, capaz de tornar visíveis os valores intangíveis que este oculta, construindo o Lugar. É a escrita (...) e o

desenho (...) que conduz à essência das coisas.”[...] (Moleiro 2012) através do desenho sonhei, desenhei, criei e me tornei criador de espaço.

6. ANEXO.

Pátio como modo de construir.

Duas unidades hoteleiras e um complexo de piscinas.

PROJETO 5ANO

REFERÊNCIAS

ATAÍDE, Manuel Maia, coord. (1973) - Monumentos e edifícios notáveis do distrito de Lisboa : Lisboa : Assembleia Distrital de Lisboa. V. 5, t. 3.

AUGÉ, Marc (1994) – Não-lugares. Venda Nova : Bertrand.

BACHELARD, Gaston (1938) – A psicanálise do fogo. Lisboa : Editorial Estúdios Cor.

BACHELARD, Gaston (1978) – A poética do espaço. Rio de Janeiro : Editorial Livraria Eldorado-Tijuca.

BRANDÃO, Pedro (2011) – O sentido da cidade : ensaios sobre o mito da imagem como arquitetura. Lisboa: LivrosHorizonte.

COHEN, Jean-Louis (2006) – Le Corbusier. Lisboa : Taschen.

CONSIGLIERI, Victor (2007) – As metáforas da arquitetura contemporânea. Lisboa : Editorial Estampa.

LAHTI, Louna (2006) – Alvar Aalto. Lisboa : Taschen.

LINO, Raul (1947) – 4 Palavras sobre arquitectura e música. Lisboa : Edição de Valentim de Carvalho.

MANOEL, Bernardo d'Orey (2010) – Cidades tácteis. In CHAVES, Mário, coord. – Cidades flexiexistencialistas. Lisboa : Universidade Lusíada. p. 47-55.

MANOEL, Bernardo d'Orey (2012) – Fundamentos da arquitectura em Raul Lino. Lisboa : Universidade Lusíada.

MERLEAU-PONTY, Maurice (2009) – O olho e o espírito. 7.^a ed. Almeirim: Veja.

RASMUSSEN, Steen Eiler (1964) – Experiencing architecture. Massachusetts: The MIT Press.

RODRIGUES, António Jacinto (1992) – Álvaro Siza : obra e método. Porto : Civilização Editora.

RODRIGUES, António Jacinto (1996) – Teoria da arquitectura : o projecto como processo integral na arquitectura de Álvaro Siza. Porto : FAUP publicações.

ROSSI, Aldo (1977) – A arquitectura da cidade. Lisboa : Edições Cosmos.

SIZA, Álvaro (2009a) – Imaginar a evidência. Lisboa : Edições 70.

SIZA, Álvaro (2009b) – Uma questão de medida. Casal de Cambra : Caleidoscópio.

TÁVORA, Fernando (2006) – Da organização do espaço. 6.^a ed. Porto: FAUP.

ZEVI, Bruno (1984) – Saber ver a arquitetura. 5.^a ed. São Paulo : Martins Fontes.

BIBLIOGRAFIA

AUGÉ, Marc (1994) – Não lugares. Venda Nova: Bertrand.

ALARCÃO, Jorge de(1973) - Portugal Romano, Lisboa: Editorial Verbo

BAEZA, Alberto Campo (2002) – A ideia construída. Casal de Cambra : Caleidoscópio edição e artes gráficas S.A.

BACHELARD, Gaston (1958) – The poetics of space. New York . Beavon Press

BACHELARD, Gaston (1938) – A psicanálise do fogo. Lisboa : Editorial Estúdios Cor.

Burckhardt (1876) - The Moorish art in Spain.

Botton, Alain de (2013) - A Arquitectura da Felicidade. Lisboa : D. Quixote

CAPITEL, Antón(2005) – La arquitetura del pátio. Barcelona,Editorial Gustavo Gili, S. A.

CAMACHO, Francisco Riobóo (2009) - Córdoba Interior, La vida desde el patio-Córdoba: Ayuntamiento de Córdoba

COLLINS, Peter (1970) – Los ideales de la arquitetura moderna; su evolucion (1750-1950) . Barcelona,Editorial Gustavo Gili, S. A.

DEANO, Carmen (2007) - The Alhambra. Granada . Ediciones Aldeasa

FRANCK,Frederick (1973) - The Zen of seeing, Seeing-Drawing as a meditation. New York:Vintage Books.

TAVARES, Gonçalo M. (2008) – Arquitectura, Natureza e Amor. Porto: Dafne.

GUALES, Gonzalo M. Borrás (1995) - El Arte Mudejar-Ediciones Unesco.

Guia Visual de Medina Azahara

GRIMAL,Pierre - As cidades Romanas.França:Presses Universitaires de France. Edições 70

IRVING, Washington (1983) - Tales of the Alhambra

JONES, Owen(1855) - The Alhambra Court in the Crystal Palace. London

JEANNIN,Emmanuelle – Cloîtres .Éditions Gaud

KARYDI, Elena Walter(1998) - The Greek House, the Rise of Noble Houses in Late Classical Times. The Archaeological society at Athens.

PALLASMAA, Juhani (2011) – Os olhos da pele. Porto Alegre: Bookman

LINO, Raúl(1933) - Casas Portuguesas.11ªed.Lisboa:Herdeiros de Raul Lino e edições Cotovia Lda.

LOPEZ,Jerónimo Páez(2003) - Itinerario Cultural, Almorávides y Almohades. Sevilla: Junta de Andalucía

MANOEL, Bernardo d'Orey (2012) – Fundamentos da arquitectura em Raul Lino. Lisboa : Universidade Lusíada Editora.

MANOEL, Bernardo d'Orey (2010) – Cidades tácteis. In CHAVES, Mário, coord. – Cidades flexiexistencialistas. Lisboa : Universidade Lusíada Editora. p. 47-55.

MARQUEZ, Francisco Solano (2001) - Los Patios Cordobeses. Córdoba: San Paolo, S.L. Cordoba-Caja Sur Publicaciones.

MERLEAU-PONY, Maurice (1981) - Phénoménologie de la perception. Saint-Amande : Éditions Gallimard.

NIETZSCHE, Friedrich (2001) – A origem da tragédia. 7.ª ed. Lisboa : Lisboa Editora.

NORBERG-SCHULZ, Christian (1979) – Genius Loci : Towards a phenomenology of architecture. New York : Rizzoli.

ROBERTSON, D.S.(1997) – A arquitetura Grega e Romana. 1ªed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ida.

RICHARDS, J.M.(1961) – Introdução à arquitetura moderna. 1ª ed. Porto :Edições Sousa Almeida Ida.

Seleções do Reader's Digest (1982) - À descoberta de Portugal. Porto : Seleções do Reader's Digest

SILVEIRA, Ângelo Costa(1999) – A casa pátio de Goa. Lisboa : FAUP
publicações